UNIVERSIDADE DE SAO PAULO
FACULDADE DE FILOSOFIA, LETRAS E CIÊNCIAS HUMANAS
DEPARTAMENTO DE LETRAS CLÁSSICAS E VERNÁCULAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM FILOLOGIA E LÍNGUA
PORTUGUESA

ROSANA SIQUEIRA DE CARVALHO DO VALE

O PROCESSO DE DERIVAÇÃO PREFIXAL DO PORTUGUÊS:
UM ESTUDO SEMÂNTICO-HISTÓRICO DO FORMANTE *DIS-* E
DA VARIANTE *DI-*

VERSÃO CORRIGIDA

São Paulo
2020

ROSANA SIQUEIRA DE CARVALHO DO VALE

O PROCESSO DE DERIVAÇÃO PREFIXAL DO PORTUGUÊS:
UM ESTUDO SEMÂNTICO-HISTÓRICO DO FORMANTE *DIS-* E DA
VARIANTE *DI-*.

Tese apresentada à Faculdade de Filosofia, Letras
e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo
para a obtenção do título de Doutora em Filologia e
Língua Portuguesa.

Orientador: Prof. Dr. Mário Eduardo Viaro

VERSÃO CORRIGIDA

São Paulo
2020

Nome: VALE, Rosana Siqueira de Carvalho do

Título: O processo de derivação prefixal do português: um estudo semântico-histórico do formante *dis-* e da variante *di-*

Tese apresentada à Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo para a obtenção do título de Doutora em Filologia e Língua Portuguesa.

Aprovado em:

Banca Examinadora

Prof. Dra. Valeria Gil Condé, Instituição: USP

Julgamento: _____ Assinatura: _____

Prof. Dra Alice Pereira Santos, Instituição: IFSP

Julgamento: _____ Assinatura: _____

Prof. Dr. Ednalvo Apóstolo Campos, Instituição: UEPA,

Julgamento: _____ Assinatura: _____

Prof. Dra. Elis Almeida Cardoso, Instituição: USP

Julgamento: _____ Assinatura: _____

Prof. Dr^a, Elisa Maria Pinheiro de Souza, Instituição: UEPA

Julgamento: _____ Assinatura: _____

Prof. Dr. Carlos Eduardo Mendes de Moraes: UNESP - Assis

Julgamento: _____ Assinatura: _____

Autorizo a reprodução e divulgação total ou parcial deste trabalho, por qualquer meio convencional ou eletrônico, para fins de estudo e pesquisa, desde que citada a fonte.

Catálogo na Publicação
Serviço de Biblioteca e Documentação
Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo

V149p Vale, Rosana Siqueira de Carvalho do
O processo de derivação prefixal do português: um estudo semântico-histórico do formante dis- e da variante di- / Rosana Siqueira de Carvalho do Vale ; orientador Mário Eduardo Viaro. - São Paulo, 2020. 192 f.

Tese (Doutorado)- Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo. Departamento de Letras Clássicas e Vernáculas. Área de concentração: Filologia e Língua Portuguesa.

1. Prefixo dis-/di- . 2. Morfologia. 3. Processo Semântico-histórico. 4. Derivação. 5. Sincronia. I. Viaro, Mário Eduardo, orient. II. Título.

ENTREGA DO EXEMPLAR CORRIGIDO DA DISSERTAÇÃO/TESE

Termo de Ciência e Concordância do (a) orientador (a)

Nome da aluna: Rosana Siqueira de Carvalho do Vale

Data da defesa: 23/04/2020

Nome do Prof. orientador: Dr. Mário Eduardo Viaro

Nos termos da legislação vigente, declaro **ESTAR CIENTE** do conteúdo deste **EXEMPLAR CORRIGIDO** elaborado em atenção às sugestões dos membros da comissão Julgadora na sessão de defesa do trabalho, manifestando-me **plenamente favorável** ao seu encaminhamento e publicação no **Portal Digital de Teses da USP**.

São Paulo, 07/07/2020

DEDICATÓRIA

À minha mãe Maria Nazaré (*Em memória*), meu exemplo de vida,

Ao meu pai Antônio Epifânio, meu grande incentivador,

À minha irmã Rosa Maria, minha melhor amiga,

Ao meu esposo Nilson, companheiro de todas as horas,

Aos meus três filhos, Elizabeth, Maria Isabel e Ezequiel, uma das razões do meu viver...

AGRADECIMENTOS

Agradeço a Deus, fonte de luz, sabedoria, tranquilidade, paz, esperança e amor.

Agradeço ao professor Dr. Mário Eduardo Viaro pela paciência, pela orientação, pela compreensão para comigo e por acreditar na viabilidade deste estudo.

Agradeço à professora Dr^a Elisa Maria Pinheiro de Souza pela leitura desta tese, pela sua amizade, amor e carinho para comigo, por nos ter auxiliado, eu e aos outros colegas do DINTER, nestes quatro anos.

Agradeço à professora Dr^a. Alice Pereira dos Santos pelas contribuições, sugestões, indicações feitas no exame de qualificação, que nortearam esta pesquisa.

Agradeço à professora Dra. Maria do Perpétuo Socorro Cardoso da Silva por viabilizar este DINTER, e acreditar que tudo é possível, pelas palavras de carinho.

Agradeço ao professor Dr. Ednalvo Ápostolo Campos pelas conversas, orientações e pelos risos.

Agradeço à professora Dr^a. Valéria Gil Condé pelas orientações, indicações bibliográficas, metodológicas feitas a este estudo no exame de qualificação.

Agradeço aos queridos amigos do DINTER pelas conversas, pelo compartilhado, pelas confidências, pelos risos, choros; amigos com os quais sempre pude contar. Cada um de vocês é especial para mim. Agradeço ao/a: André, Antonia, Cristianne Denilson, Dinair, Erica, Jessiléia, Jordana, Josane, Mara, Rita, Sandra, Sueli e Wenceslau Alonso.

Agradeço à minha família pelo apoio incondicional... Amo vocês...

Por fim, agradeço a UEPA, USP e FADESP por me possibilitarem a oportunidade da realização de sonho, fazer doutorado com o apoio Institucional e com Bolsa.

Grata por tudo!

Como uma onda, Lulu Santos

Nada do que foi será

De novo do jeito que já foi um dia

Tudo passa, tudo sempre passará.....

RESUMO

VALE, R.S. de C. do. **O processo de derivação prefixal do português: um estudo semântico-histórico do formante *dis-* e da variante *di-***. 2020. 192f. Tese (Doutorado) – Departamento de Letras Clássicas e Vernáculas- Programa de Pós-Graduação em Filologia e Língua Portuguesa, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2020.

Objetivamos, com esta pesquisa, descrever as propriedades morfossemânticas do prefixo *dis-/di-*, em verbetes coletados em dicionários e em estudos gramaticais diacrônicos e sincrônicos, na busca por sistematizarmos o significado desse formante; verificarmos a frequência de uso, a produtividade e a polissemia desse prefixo no *corpus* de análise; e cotejarmos-lo com os prefixos *des-* e *de-*. Averiguamos, ainda, pautados nos estudos de Santos (2016), quais os critérios de seleção e/ou arranjos, desse formante, em relação à base a que adjunge, apresentando os resultados acerca do processo de derivação prefixal do português, sob o viés semântico-histórico. Para tanto, baseamo-nos nos pressupostos de Rio-Torto (1998, 2013, 2014), Lopes (2013), Viaro (2004, 2011, 2014), De Bona (2014, 2018), Santos (2016), entre outros. Estudamos a ocorrência desse prefixo na formação prefixal em palavras já derivadas, investigando quais as Regras de formação de Palavras, usadas na formação dessas palavras derivadas, pautando-nos nos pressupostos de Basílio (2003, 2004). Nesta pesquisa, de cunho qualitativo, procedemos a um levantamento bibliográfico para auxiliar na descrição do *corpus* coletado no Dicionário Houaiss (2001), comparando esses dados com os de outros dicionários, usando, para tanto, a metodologia estabelecida pelo grupo de pesquisa GMHP (Grupo de Morfologia Histórica do Português). Entendemos que o prefixo *dis-* e sua variante possa contribuir para uma visão clara do processo histórico-semântico da língua portuguesa, dada a variação semântica identificada.

Palavras-chave: Prefixo *dis-/di-*. Morfologia. Processo Semântico-histórico. Derivação. Sincronia.

ABSTRACT

VALE, R.S. de C. do. **The process of prefix derivation of Portuguese: a semantic-historical study of the *dis-* and the *di-* variant.** 2020. 1 Tese

(Doutorado) – Departamento de Letras Clássicas e Vernáculas- Programa de Pós-Graduação em Filologia e Língua Portuguesa, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2020.

The purpose of this research is to describe the semantic properties of the prefix *dis-/di-*, in entries collected in dictionaries and in diachronic and synchronic grammatical studies, in order to systematize the meaning of this formant; to verify the frequency of use, productivity and polysemy of this prefix in the *corpus* of analysis; and to compare it with the prefixes *des-* and *de-*. We also checked, based on the studies by Santos (2016), the selection criteria and/ or arrangements of this formant, in relation to the base to which it adjuncts, presenting the results about the process of prefix derivation of Portuguese, under the semantic-historical bias. For this purpose, we based ourselves on the assumptions of Rio-Torto (1998, 2013, 2014), Lopes (2013), Viaro (2004, 2011, 2014), Bona (2014, 2018), among others. We studied the occurrence of this prefix in the prefix formation in already derived words, investigating which selection, combination and restriction criteria were used in the formation of these derived words, based on the assumptions of Basílio (2003, 2004). In this qualitative research, we conducted a bibliographic survey to help describing the *corpus* collected in the Houaiss Dictionary (2001), comparing these data with those of other dictionaries, using the methodology established by the GMHP (Grupo de Morfologia Histórica do Português) research group. We understand that the *dis-* and its variant may contribute to a clear view of the historical-semantic process of the Portuguese language, given the semantic variation identified.

Keywords: Prefix *dis-/di-*. Morphology. Semantic-historical process. Derivation. Synchronicity.

LISTA DE QUADROS

Quadro 01 –	Modelo geral de descrição dos verbetes.....	27
Quadro 02 –	Prefixação dentro e fora da composição.....	44
Quadro 03 –	Formas derivadas de verbos /substantivos.....	46
Quadro 04 –	Formas derivadas de adjetivos.....	46
Quadro 05 –	Os prefixos latinos na formação da língua portuguesa- Said Ali (1964 [1921]).....	50
Quadro 06 –	Descrição diacrônica do prefixo <i>dis-</i> / Romanelli (1964).....	54
Quadro 07 –	Demonstrativo de valor semântico em Coutinho (1976).....	56
Quadro 08 –	Descrição dos dados de Ramos (2001).....	57
Quadro 09 –	Descrição de valores semânticos de <i>dis-</i> e <i>di-</i> , <i>di(f)-</i> , <i>di(r)-</i>	66
Quadro 10 –	Hipóteses sobre a origem do prefixo <i>des-</i>	76
Quadro 11 –	Dado ilustrativo da descrição dos verbetes.....	87
Quadro 12 –	Informação etimológica do prefixo <i>dis-</i> e <i>di-</i>	92
Quadro 13 –	Os valores analisados do prefixo <i>dis-</i>	96
Quadro 14 –	Os valores semânticos de <i>di-</i>	113
Quadro 15 –	Palavras via empréstimo linguístico.....	116
Quadro 16 –	Descrição dos prefixos <i>dis-</i> , <i>des-</i> , <i>de-</i> nas línguas românicas.....	122
Quadro 17 –	Comparação de definições DRAE/DHLP.....	124
Quadro 18 –	Valores semânticos de <i>dis-</i> , <i>des-</i> , <i>de-</i>	134
Quadro 19 –	Categoria gramatical das formas derivadas do prefixo <i>dis-/di-</i>	148

LISTA DE FIGURAS, GRÁFICOS E TABELAS

Figura 01-	Ampliação semântica.....	120
Gráfico 01-	Distribuição do prefixo <i>dis-</i> e a variante <i>di-</i> ao longo do tempo	92
Gráfico 02-	Distribuição categorial do prefixo <i>dis-/di-</i>	149
Tabela 01 –	Palavras com <i>dis-</i> ao longo do tempo.....	90
Tabela 02–	Palavras com <i>di-</i> ao longo do tempo.....	91

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

Adj.	Adjetivo
Adv.	Advérbio
ár.	Árabe
ast.	Asturiano
cat.	Catalão
esp.	Espanhol
fr.	Francês
It.	Italiano
IVPM	Índice do Vocabulário do Português Medieval
lat.	Latim
prep.	Preposição
pro.	Provençal
s. f.	Substantivo feminino
s. m	Substantivo masculino
v.	Verbo
PA	Português Arcaico
PC	Português Contemporâneo
PP	Particípio passado
DAG	Dictionnaire Gaffiot (2016)
DCLE	Diccionario clave de la lengua española ¹
DEI	Dicionário etimológico de italiano ²
DEIC	Diccionari de la llengua catalana de l'Institut d'Estudis Catalans ³
DELL	Dictionnaire étymologique de la langue latine de Ernout e Meillet (1959)
DELP/NA	Dicionário etimológico da língua portuguesa de Nascentes (1952)
DELP/JPM	Dicionário etimológico da língua portuguesa de Machado (1973)
DELP/AGC	Dicionário Etimológico de Língua Portuguesa de Cunha (1986, 2ª ed.)

¹ Disponível em: <http://clave.librosvivos.net/>

² Disponível em: <http://www.etimo.it/>

³ Disponível em: <https://dlc.iec.cat/>

DESLP	Dicionário escolar latino-português de Faria (1987)
DHLP	Dicionário Houaiss da língua portuguesa de Houaiss (2001)
DRAE	Diccionario de La Real Academia española (23ª edição)
DRAG	Diccionario da Real Academia Galega
DRP	Dicionário regional paraense de Sobral (2005)
MTL	Manual de técnica lexicográfica de Dapena (2002)
NDCELP	Novo diccionario critico e etymologico da lingua portugueza de Constancio (1936)
NDLP	Novo Dicionario da Língua Portuguesa de Figueiredo (1913)
RFP	Regras de formação de palavras
s/d	Sem datação
VPL	Vocabulario portuguez e latino de Bluteau (1712)

LISTA DE SÍMBOLOS

*	Informação etimológica hipotética
/ /	Informação fonológica
{ }	Informação morfológica
< >	Grafema
√	Raiz
~	Concorrência de formas
$x > y$	Mudança fonética (diacrônica)
$x > y$ ou $y < x$	x é étimo/origem de y
$x \rightarrow y$ ou $y \leftarrow x$	o dado linguístico y é derivado morfológico de x
$x \blacktriangleright y$ ou $y \blacktriangleleft x$	o empréstimo de x transforma-se em y
[X]	Base do processo genolexical

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	18
1. PREFIXAÇÃO.....	30
1.1 A MORFOLOGIA: O PANORAMA GERAL.....	30
1.2 O PROCESSO DE PREFIXAÇÃO: CONCEPÇÕES E CARACTERÍSTICA.....	34
1.3 OUTRO PROCESSO DE FORMAÇÃO DE PALAVRAS: A PARASSÍNTESE.....	46
2. OS PREFIXOS LATINOS: ORIGEM E SIGNIFICAÇÃO DOS PREFIXOS	
<i>DIS-/DI-, DES- E DE-</i>	49
2.1 A FORMAÇÃO DOS PREFIXOS EM LÍNGUA PORTUGUESA	49
2.2 O PREFIXO <i>DIS-</i> E A VARIANTE <i>DI-</i> : PERCURSO HISTÓRICO.....	70
<i>2.2.1 As (cor)relações de dis-/di e de-: um percurso histórico-semântico..</i>	71
<i>2.2.2 As (cor)relações de dis-/di- e des-: um percurso histórico-semântico.....</i>	75
3. A DESCRIÇÃO MORFOSSEMÂNTICA DOS PREFIXOS <i>DIS-</i> E <i>DI-</i>	
EM LÍNGUA PORTUGUESA: ASPECTOS DIACRÔNICOS E SINCRÔNICOS.....	86
3.1 O PREFIXO <i>DIS-</i> E VARIANTE <i>DI-</i> : DESCRIÇÃO GERAL DO CORPUS.....	89
3.2 VALORES SEMÂNTICOS DO PREFIXO <i>DIS-</i> E DA VARIANTE <i>DI-</i>	94
3.2.1 Valores semânticos em <i>dis-</i>: formação prefixal e parassintética.....	96
3.2.1.1 Os verbetes latinos e a descrição do prefixo <i>dis-</i>	97
3.2.2 Valores semânticos em <i>di-</i>: formação prefixal e parassintética.....	112
3.2.2.1 Os verbetes latinos e a descrição do prefixo <i>di-</i>	113
3.2.3 Os verbetes via estrangeirismo com prefixo <i>dis-/di-</i>	116
3.3 OS PREFIXOS <i>DIS-/ DI-</i> E <i>DES-/DE-</i> : ASPECTOS CONVERGENTES	
E DIVERGENTES.....	121

4. A PRODUTIVIDADE DO PREFIXO *DIS-/DI-* NO PORTUGUÊS

ATUAL: UMA DESCRIÇÃO MORFOSSEMÂNTICA.....	135
4.1 A CRIAÇÃO DE NOVAS PALAVRAS: CONCEPÇÕES E PRINCÍPIOS	136
4.1.1 Possibilidades e impossibilidades na formação prefixal	143
4.2 DESCRIÇÃO MORFOSSEMÂNTICA DO <i>CORPUS</i>	146
4.3 A PRODUTIVIDADE DO PREFIXO <i>DIS-/DI-</i> : DESCRIÇÃO SINCÔNICA.....	156
4.3.1 Adjetivos	157
4.3.2 Verbos	159
4.3.3 Substantivos	162
4.4 CASOS ILUSTRATIVOS DE VARIEDADE REGIONAL	163
4.4.1 Algumas considerações.....	164
CONCLUSÃO.....	165
REFERÊNCIAS	172
APÊNDICE.....	184
ANEXO.....	193

INTRODUÇÃO

Pessoalmente, desde a infância, nos fascinou as palavras, como são formadas e o que significam. O contexto delas se constitui em um ambiente de encantos, segredos e mistérios a serem revelados quando se pensa no que elas realmente significam, pois nelas há sempre algo para descobrir explicar, entender e compartilhar e esses encantos não surgem do dia para noite e, sim, são forjados nos contínuos do tempo.

O encanto pela palavra surge no mundo da leitura, não aquela em que só olhos trabalham, mas a que adentra em busca do significado delas. Essa significação é construída via a labuta de um escritor.

Na língua portuguesa, embora existam outros, apesar de menos regulares e sistemáticos, os processos mais recorrentes e produtivos na formação das palavras são a composição e a derivação, com destaque para a afixação. Notamos que, tanto um processo quanto o outro, tem a base da geração, produção e significação das palavras localizada nos prefixos.

Com esse contexto, neste estudo pesquisamos as ocorrências do prefixo *dis-* e de sua variante *di-*, em dicionários e em estudos gramaticais diacrônicos, na busca de sistematizar os seus significados; também verificarmos a frequência, a produtividade e a polissemia desses prefixos, em derradeira instância, cotejá-los com os prefixos *des-* e *de-*, por meio de uma pesquisa documental.

A seleção destes formantes foi motivada por vários fatores, entre esses destacamos que, como assevera Romanelli (1964), os prefixos *de-* e *dis-* têm semelhanças morfossemânticas e, historicamente, compartilham com as acepções inscritas nos dicionários e nas gramáticas pesquisadas.

Romanelli (1964) ressalta que tanto o prefixo *dis-* e *de-* assumem o sentido de negação, privação, afastamento e, separação quando agregados a um lexema, na formação de uma nova palavra.

No que concerne o prefixo *des-*, a escolha deste ocorreu porque em estudos gramaticais e linguísticos, como de Sail Ali (1964) este prefixo é considerado enquanto a romanização do prefixo *dis-*. Tal fato é presumido no percurso histórico desse formante, sendo esse pressuposto assumido e defendido por nós nesta tese. Campos (2004), que analisou prefixos negativos em perspectiva histórica, também, postula da mesma concepção defendida por Said (idem), que *dis-* seja étimo de *des-*.

Dessa maneira, buscamos descrever os quatro prefixos: *dis-*, *di-*, *des-* e *de-*, para verificarmos semelhanças e diferenças morfossemânticas por nós identificadas por meio de exame das informações históricas contidas nas gramáticas e dicionários consultados e, também, postuladas por pesquisados como Said Ali (1964). Assim, com essa tese, buscamos contribuir com as pesquisas da área da morfologia histórica e a análise dos afixos no Brasil.

De fato, os estudos acerca dos afixos vêm sendo desenvolvidos nas gramáticas clássicas, descrevendo tanto os prefixos quanto os sufixos, até os dias atuais.

Para Basílio (2003), os sufixos são bem produtivos em língua portuguesa, tanto que participam de um importante e rico processo de formação de palavras, determinando a categoria lexical da base a que se adjungem, enquanto os prefixos sem determinarem a categoria lexical da base, especificam semanticamente a base a que se adjungem, provocando a modificação semântica, pois embora não sejam tão numerosos quanto os sufixos, não são menos produtivos. Por essa razão, teríamos conforme autora, cerca de cinquenta prefixos em língua portuguesa, que carecem de estudos mais apurados em termos dos critérios de formação e produtividade de palavras novas.

Nesse contexto análises com base em distintas visões teóricas vêm sendo realizadas no Brasil, havendo pesquisas estruturalistas como a de Miranda (1979), gerativistas como a de Silva (1987), sociocognitivista como a de Botelho (2004), todas essas investigaram e procuraram dar conta da descrição dos prefixos numa perspectiva sincrônica.

Dessa forma, promover uma descrição histórica dos prefixos é tarefa da área da morfologia histórica, a qual busca preencher possíveis lacunas existentes, constituindo os prefixos como um campo profícuo de investigação científica.

Neste estudo, os critérios metodológicos adotados na realização da análise dos dados, pautou-se nos pressupostos desenvolvidos pelo GMHP (Grupo de Morfologia Histórica do Português), da Universidade de São Paulo. O grupo, criado em 2005, realiza estudos voltados para a descrição diacrônica da flexão, derivação e composição das palavras da língua portuguesa, tendo entre seus objetivos realizar:

A descrição de outros mecanismos de formação de palavra (prefixação, composição, derivação regressiva entre outros), bem como da flexão na língua portuguesa do ponto de vista diacrônico, associando-se produtividade, diacronia e polissemia. (GMHP, p.01).

Dessa maneira, a proposição de um estudo dos afixos na área da morfologia histórica, especificamente, para os prefixos, constitui-se como um válido tema a ser pesquisado, descrito e analisado, quer seja na perspectiva diacrônica ou na sincrônica, principalmente na área da semântica, tanto que esta tese busca, também, contribuir com os estudos realizados no GMHP.

Uma perspectiva histórica e semântica pode revelar a polissemia dos afixos e da descrição do tipo de significado que eles podem veicular quando anexados a determinadas bases. Assim, buscamos estudar os prefixos *dis-* e *di-*, *des-* e *de-*, sob a visão da morfologia histórica, pautando-nos nas obras de Viaro (2004, 2005, 2007, 2011, 2012 e 2014), Rio-Torto (2004, 2013, 2014), Campos (2004), Lopes (2013), Santos (2016), entre outras.

Seguindo as orientações teóricas do GMHP, não optamos, nesta tese, por uma única teoria, mas por pressupostos que pudessem responder as nossas indagações de forma mais coerente e precisa sobre o que os dados revelaram e, ao mesmo tempo, pudessem viabilizar possíveis caminhos para o uso do prefixo *dis-* e da variante *di-* e, que auxiliasse a descrição do significado destes prefixos.

Embora o prefixo *dis-* tenha mais duas variantes em língua portuguesa: *dir-* e *dif-*, optamos por agregar aos dados do prefixo *di-*, os verbetes colhidos dessas duas variantes nos dicionários, revistas e gramáticas devido às questões de semelhanças dos sentidos apresentadas por essas variantes e dos critérios morfofonológicos adotados, os quais estão descritos em dois capítulos: o primeiro percurso histórico dos prefixos e o segundo, versa sobre correspondente análise semântica dessas variantes nos verbetes.

O interesse em descrever semanticamente o prefixo *dis-* e a variante *di-*, advém de, na formação do português brasileiro, o estudo dos prefixos, ter sido preterido em relação à descrição dos sufixos.

Muitas pesquisas descritas nas gramáticas, como por exemplo, a de Castilho (2002), dedicam páginas e até capítulos, à significação dos sufixos, consolidando além de uma pesquisa documental, uma análise minuciosa desses sufixos, no que

tange ao significado, formação. Entretanto, como os prefixos ainda carecem de igual tratamento e de descrições mais específicas, elencamos o prefixo *dis-* e a variante *di-* como objeto de análise, pretendendo, principalmente, colaborar com as descrições diacrônicas morfológicas e semânticas. Nesse sentido, buscamos, nesta tese, responder os seguintes questionamentos:

Qual o grau de produtividade do prefixo *dis-* e da variante *di-* em língua portuguesa? Esses prefixos ainda são produtivos? Qual a capacidade de alteração da estrutura semântico-conceitual da base a que se adjungem? Qual relação semântica do prefixo *dis-* e os prefixos *des-* e *de-*? De que forma essa relação se manifesta? Qual a potencialidade dos prefixos *dis-* e da variante *di-* atualmente?

Para responder a esses questionamentos, houve necessidade de conhecer o processo de formação destes formantes, para vislumbrar tanto no plano diacrônico quanto no sincrônico, os aspectos fonológicos, morfológicos, semânticos, etimológicos.

Supomos, nesta tese que, em língua portuguesa, o prefixo *dis-* tenha originado o prefixo *des-* do qual herdou valores semânticos de negação, por exemplo, embora, também compartilhe de outras significações.

Apresentamos os pressupostos, desta hipótese, nos capítulos 2 e 4 da tese, ilustrando nossos argumentos com verbetes inseridos nos dicionários, nas gramáticas, nos estudos históricos consultados, como também com as palavras contidas no banco de dados do projeto *Corpus Brasileiro*⁴, com o norteamento dos métodos diacrônico, semântico e morfofonológico.

Os estudos acerca da formação das palavras podem ser efetuados em perspectivas diferentes, ou seja, a neológica e a etimológica. A primeira perspectiva permite entender como a palavra foi criada, e a segunda trata da origem da matéria-prima utilizada na criação da palavra. Nessa ótica é a que permeia esta pesquisa.

⁴ É uma coletânea de aproximadamente de um bilhão de palavras do português brasileiro, coletadas de textos de manuais, revistas, jornais, obras literárias, e também em situação de conversação e entrevistas. Os textos escritos e orais fazem parte do projeto coordenado pelo pesquisador Tony Beber Sardinha, envolvendo o grupo de pesquisa GELC (Grupo de Estudos de Linguística de *Corpus*), do LAEL (Programa de Pós-graduação em Linguística Aplicada), sediado no CEPRI (Centro Pesquisa, Recursos e Informação de linguagem) da PUCSP (Pontifícia Universidade Católica de São Paulo), financiados pela Fapesp e com acesso garantido a qualquer interessado em uns corpora de língua portuguesa. O *Corpus Brasileiro* proporciona a consulta ao banco de dados de dois arquivos distintos: as palavras contidas nos textos escritos e as palavras dos textos orais.

O interesse pela etimologia permite a compreensão e a varredura do passado das palavras de uma língua e, dessa maneira, é possível mapear da origem das palavras usadas em quaisquer línguas, para verificar passo a passo os caminhos percorridos na trilha da formação.

Não nos parece ser fácil tal objetivo, pois nem todo o acervo de uma língua foi e/ou está documentado, porém mesmo sendo um desafio, essa forma de pesquisa constituiu um amplo e fascinante campo de análise.

Ressaltamos que etimologias não são definições, mas sim explicações sobre como as palavras surgiram e o que significavam, mostrando também as mudanças ocorridas em uma palavra desde que ela surgiu.

Desse modo, selecionamos três palavras retiradas do dicionário *Houaiss*, com alta frequência de uso, para demonstrar a etimologia dos vocábulos, o tratamento aplicado aos verbetes com prefixo *dis-* e variante *di-* enumerando os casos, não por serem únicos, mas para auxiliar na compreensão dos formantes em estudo.

Para ilustrar o entendimento do leitor desta tese acerca da temática estudada, trouxemos os exemplos a seguir:

❖ **Disparate** – frequência de uso de 120000.

A palavra *disparate* com frequência de uso de veio para língua portuguesa por meio da língua espanhola e tem o sentido de ação ilógica, contrassenso. No espanhol, advém de *disparatus*, particípio passado de *disparare*, verbo com o significado de “negação”.

No DHLPE (Dicionário *Houaiss* de língua portuguesa), *disparate* (1661) de origem espanhola, datada em 1496, por Corominas (1992), tendo o sentido de ‘despropósito’, derivando do verbo espanhol *desbaratar*, com o sentido de “derrotar, desconcertar, descompor”, sendo também influenciado de *disparar* no sentido de “praticar atos desatentos ou violentos”.

Nesta palavra, temos em português o mesmo valor do espanhol, com o valor semântico de “dito ou ação ilógica, absurda ou fora da realidade; contrassenso, desconchavo, despautério”, de “quantidade excessiva (de pessoas ou coisas); despropósito”. Neste caso, o prefixo *dis-* tem sentido negativo, podendo ser expresso pela paráfrase “não tem x”, isto é, um *disparate* é fazer algo sem propósito, sem sentido, não ter propósito, demonstrando assim a variedade semântica do prefixo.

❖ **Distribuição** – frequência de uso de 15400000

É uma palavra formada pelo verbo *distribuir* + -ção. É uma derivação vernácula, com manutenção da vogal temática do verbo no infinitivo. Essa palavra demonstra uma peculiaridade do português em face das demais línguas românicas, que têm as formas conexas diretamente ligadas ao latim *distributĭo*, ãnis que significa “distribuição, divisão”.

O dicionário *Houaiss* (2001) traz informações da formação histórica desta palavra, e explica que ela surgiu primeiramente no século XV, como *destribuyçom*, gerando distribuição. Essa palavra tem o sentido de “*ato ou efeito de distribuir, ordem com que algo está disposto ou classificado; disposição, divisão, ordenamento, ato ou efeito de repartir, de dar ou fazer chegar algo a várias pessoas ou organizações, entrega domiciliar (de correspondência postal, produtos etc.) etc.* O formante *dis-* apresenta o significado repartir, separação, divisão entre a tribo.

Além das informações no DHLP, demonstradas nos exemplos anteriormente descritos, utilizamos outras descrições contidas nos materiais pesquisados, tais como: manuais lexicais, outros dicionários, como DELP/AN, gramáticas históricas, acervos de revistas *online*, com a finalidade de obter um perfil mais claro dos prefixos estudados.

No cotejo de dados dos formantes *dis-* e *di-/des-* e *de-*, ainda usamos informações do dicionário *Houaiss* e de estudos acerca da descrição dos prefixos *des-* e *de-*, valendo ressaltar que na análise sincrônica, contamos ainda com as palavras coletadas no *Corpus Brasileiro*.

Com intuito, também, de respaldar a análise proposta, definimos critérios para a seleção dos verbetes, com base no arcabouço teórico de Basílio (2003), Viaro (2007) e Santos (2016), acerca da concepção de produtividade e frequência de uso.

Com base nos critérios elaborados por Basílio (2004, p. 47), consideramos a produtividade⁵ como “potencialidade de um elemento ou processo de formação na produção e/ou no reconhecimento de formas”, dentro de uma regra de formação de palavra (RFP), mecanismos operacionais participantes na produção dos verbetes.

⁵ Basílio (2004, p.372) ressalta que para averiguar a produtividade, devemos levar em conta “a classe de construções possíveis determinadas por uma RFP (regra de formação de palavras)”, da mesma maneira que inclui formas não-existentes no léxico, também pode excluir formas existentes.

Essa produção envolve três operações: a categorial⁶, a semântica⁷ e as morfológicas⁸. A junção das três operações determina a possibilidade da criação ou não de uma palavra e sua produtividade.

Basílio (2004) explica ainda que definir os critérios de produtividade lexical envolve a compreensão e o julgamento sobre quais palavras podem ser formadas a partir de uma base e se essa formação é possível, aceitável. Por isso, o pesquisador tem que conhecer os critérios de formação de palavras e qual a possibilidade de uma ou de outra combinação de formantes, ser uma estrutura realmente viável na língua em estudo.

Todas essas questões estão vinculadas ao fato de o pesquisador ter um árduo e complexo trabalho a ser feito. Assim, a autora afirma que a produtividade pode responder se, numa dada língua, um formante é produtivo ou não, esclarecendo se a produtividade de um formante reduziu, aumentou ou se entrou em declínio.

A pesquisadora considera que, inúmeras questões só podem ser respondidas por meio de um estudo que, ao mesmo tempo, vislumbre a perspectiva histórica, responsável por uma visão real da formação de uma palavra e seu grau de produção. Desta maneira, podemos aliar todas as hipóteses construídas diacronicamente a uma visão sincrônica dos prefixos no português atual, com uma descrição etimológica e semântica das palavras.

O conceito de produtividade, embora complexo, é fundamental para análise de formante, porque como ressalta Aronoff (1976), a produtividade está no centro das discussões da derivação morfológica, e explica que:

[...] A produtividade é um dos mistérios centrais da morfologia derivacional. Ela é raiz de um persistente e estranho fato, embora muitas coisas sejam possíveis na morfologia, algumas são mais possíveis que outras. (Aronoff, 1976, p. 35)^{9, 10}

⁶ Esta operação encarregada por construir ou restringir de uma unidade derivada.

⁷ A operação semântica consiste em atribuir um único significado para cada regra.

⁸ As operações morfológicas são responsáveis por promover nas línguas construções possíveis e bloquear arranjos inadequados.

⁹ Todos os trechos originais escritos em língua estrangeira foram traduzidos livremente por esta autora e os originais constam, em itálico, em nota de rodapé.

¹⁰ *Productivity is one of central mysteries of derivation morphology. It is the root of the strange and persistent fact that, though many things are possible in morphology, some are more possible than others.*

O autor esclarece que há na morfologia derivacional, formações mais possíveis que outras, com base na compreensão da produtividade enquanto possibilidade de uma RFP produzir novos itens lexicais, corroborando com a existência de regras produtivas e improdutivas. A improdutividade de uma RFP aconteceria quando sua aplicação for limitada a uma lista de bases em que ocorre.

Rio-Torto *et al.* (2013) considera que a produtividade, sobretudo na morfologia derivacional, é um parâmetro gradativo. É um mecanismo que o falante usa de forma inconsciente, pondo “[...] em prática a competência morfológica que tem, ou seja, os padrões morfológicos e gera um lexema ou uma forma de palavra, no caso da morfologia flexional, sem que tenha consciência de que está a produzir uma forma nova”. (Rio-Torto, 2013, p. 85).

Assevera Viaro (2012) que:

Em morfologia, a produtividade, para ser entendida, necessita de uma aproximação com o fenômeno da diacronia. O falante nativo, pautando-se no seu falho julgamento baseado no bom-senso, tem direito de afirmar – erroneamente –, por exemplo, que uma palavra da linguagem coloquial é um neologismo (por exemplo, legal no sentido de “muito bom”), mas um linguista – enquanto cientista da linguagem – não deveria fazê-lo jamais, pois demonstraria incúria. Assim, dada a dificuldade de se lidar com a produtividade na sincronia atual, estabelece-se, por definição, que um neologismo é um elemento não dicionarizado ou com baixa frequência no Google, contudo, isso é pouco para revelar-nos o fenômeno. (VIARO, 2012, p. 288)

Dessa maneira, aliar a produtividade à frequência de uso, permite que possamos entender melhor o uso da palavra, se há ou não produtividade e de que forma está caracterizada essa produtividade, tanto sincronicamente quanto diacronicamente.

No que concerne à frequência de uso, adotamos o mesmo procedimento metodológico estabelecido no estudo de Santos (2016, p. 101). A pesquisadora explica que “[...] o número de vezes que determinado verbete apareceu no inventário, foi estimado a partir de pesquisas mecânicas exaustivas de centenas de milhares de palavras, realizadas no site *Google*”. Pela aplicação deste método, podemos determinar essa frequência.

Dessa forma, objetivamos analisar o processo de derivação prefixal do português, descrevendo os prefixos *dis-*, *di-*, a partir de uma perspectiva semântico-histórica.

Especificamente, buscamos (i) pesquisar as ocorrências dos prefixos *dis-*, e *di-* nos dicionários e em estudos gramaticais diacrônicos, na busca de sistematizar os significados destes; (ii) Cotejar os prefixos *dis-* e *di-* com *des-* e *de-* com base nas amostras coletadas no DHLP e em outros dicionários, manuais, gramáticas e estudos diacrônicos e sincrônicos que documentam a mesma semelhança ou diferença formal e semântica; e (iii) Verificar o grau de produtividade destes prefixos no português atual, com base na concepção de Viaro (2007), a partir de coleta no DHLP e no *Corpus Brasileiro*.

Na execução desta tese, de cunho qualitativo, realizamos uma pesquisa sob a ótica da morfologia histórica, mais especificamente pautados nos pressupostos teóricos da semântica histórica acerca da prefixação, visando à averiguação do grau de produtividade e frequência das palavras com o prefixo *dis-*, a variante *di-*.

Ao *corpus* formado pelos verbetes coletados no dicionário *Houaiss* (2001), aplicamos as regras de formação de palavras (RFPs), a frequência, o valor semântico e a produtividade, com base nas concepções teóricas e metodológicas de Basílio (2004) e Rio-Torto (2004), Rocha (1998), e também, determinar quais modificações diacrônicas lexicais geradas a partir de novos itens.

Inicialmente, tínhamos uma amostra de 8236 entradas em prévia coleta de dados no dicionário *Houaiss* (2001) de verbetes com os prefixos *dis-*, *di-*, *des-* e *de-*. Essas palavras tinham frequência de uso variada, com menos de 10 ocorrências, muitas palavras continham datação e outras estavam sem datação.

Verificamos dentre esses verbetes quais possuíam a datação no dicionário, sendo o primeiro de seleção dos verbetes, ficando somente aquelas já datadas ou que conseguimos datar com o auxílio das informações dos dicionários etimológicos consultados.

Após esse levantamento, fizemos uma triagem destas palavras, ficando somente as que têm a frequência maior ou igual a 10 ocorrências nos dados verificados na plataforma do *Google*¹¹, sendo esse segundo filtro aplicado os dados.

¹¹ Verificação feita pelo prof. Dr. Zwinglio Guimarães-Filho, do Instituto de Física da USP, integrante do GMHP realizada em 12/08/2012. Esta verificação da frequência uso faz parte do processo de averiguar, de forma automática, em páginas de sites do Google, a ocorrência de um item lexical.

Das 8236 palavras que compunham o *corpus* inicial de trabalho, foram selecionadas 1775 com os prefixos *dis-* e *di-*, sendo 705 com o prefixo *dis-* e 1070 com *di-*. Redimensionamos, posteriormente, o filtro de 10 para 100 ocorrências, na busca de obter palavra reais no que concerne o uso, não somente dicionarizadas, sendo esse o terceiro filtro a ser aplicado aos verbetes.

Tais palavras estão descritas nos quadros e gráficos da seção 3.1, no capítulo 3. Após este novo redimensionamento, fizemos a análise de 179 verbetes com o prefixo *di-* e 342 verbetes com *dis-*, totalizando 521.

Recolhemos, somente, as palavras que estavam inscritas com a descrição completa: verbete, etimologia, século, sendo selecionados as que têm frequência de 100 ou mais de ocorrência no *Google*, como:

Quadro 01 – Modelo Geral de descrição dos verbetes

VERBETE	ETIMOLOGIA	SÉCULO	FREQUÊNCIA DE USO
Discernir	lat. <i>discerno</i> , ãre: 'separar, escolher apartando com cuidado, discernir, distinguir	XV	317000

Fonte: DHLP

Conforme o explicado, fizemos tal procedimento visando, dentre vários objetivos, realizar descrições dos processos de formação de palavras, abordando aspectos diacrônicos e sincrônicos de língua portuguesa, concernentes a um estudo de morfologia histórica e a uma descrição morfossemântica.

A metodologia seguida pelo GMHP (Grupo de Morfologia Histórica de Língua Portuguesa) norteou a elaboração deste estudo, a seleção dos autores e organização dos dados.

Como explanamos anteriormente, não foram analisadas somente as informações acerca das palavras do DHLP, mas também as informações de outros dicionários, manuais e gramáticas históricas. Para esta pesquisa foram consultados:

•Os dicionários: *Novo diccionario critico e etymologico da lingua portugueza (NDCELP)* de Constancio (1836), *Dicionário de linguística e gramática (DLG)* de Câmara Júnior (1986, [1977]), *Dictionnaire étymologique de la langue latine: histoire de mots (DELL)* de Ernout e Meillet (1959), *Dicionário escolar latino-português (DESLP)* de Faria (1985), *Dicionário etimológico da língua portuguesa (DELP/AN)* de Nascentes (1952), *Dicionário etimológico da língua portuguesa (DELP/JPM)* de Machado (1973), *Dicionário etimológico da língua portuguesa (DELP/AGC)* de Cunha (1986); ainda pesquisamos em dicionários online: *Diccionario clave de la lengua española (DCLE)*, *Diccionario de la lengua española (DLE)*, *Diccionariu de la*

Academia de la llingua asturiana (DALA), Dictionnaire de L'Académie Française (DAF).

•Manuais e gramáticas históricas, a saber: *Manual de técnica lexicográfica* de Dapena (2002), *Manual de gramática histórica española a los orígenes del español. La elaboración de una teoría del cambio lingüístico* de Garatea Grau (2005), *Gramatica Philosophica da Lingua Portuguesa ou Principios da Grammatica Geral applicados à Nossa Linguagem* de Barbosa (1822), *Gramática da língua portuguesa* de Barros (1957, [1540]), *Elementos de Gramática Histórica Castellana* de Diego (1914), *Pontos de gramática histórica* de Coutinho (1976), *Gramática histórica do latim ao português brasileiro* de Bagno (2007), *Moderna gramática portuguesa* de Bechara (2009 [1961]), *Gramatica limbii române explicata: morfologia* de Dimitriu (1979), *Gramática Histórica* de Carvalho & Nascimento (1975), *Gramática: história, teorias, aplicações* de Brito (2010); outras gramáticas: *Gramática Metódica da Língua Portuguesa* de Almeida (2009, [1951]), *Nova gramática do português contemporâneo* de Cunha e Cintra (1985), *Gramática: fonética e fonologia, morfologia, sintaxe, estilística* de Faraco (2000), entre outras obras pesquisadas.

Desse modo, neste estudo sobre os prefixos *dis-*, *di-* e *de-*, *des-*, de cunho semântico-lexical, pautado na morfologia histórica, foram realizadas sete fases de pesquisa:

Fase 1: pesquisa bibliográfica, na qual consultamos livros (dicionários, gramáticas, linguísticos.), publicações periódicas (jornais e revistas), páginas de *web sites*, relatórios de simpósios / seminários, anais de congressos, impressos e/ou *online* com intuito de fundamentar a pesquisa e revisar a bibliografia sobre o assunto;

Fase 2: Formação do *Corpus*, constituída pela coleta de dados, com base em critérios preestabelecidos. Nesta fase, coletamos o *corpus* de pesquisa com o apoio de gramáticas tradicionais e históricas, com base dicionário *Houaiss* (2001), e de outros dicionários para poder realizar o processo de comparação de dados e, ainda, verificar o valor semântico, da produtividade, da frequência, da origem e das mudanças semânticas nos prefixos escolhidos;

Fase 3: Elaboração de hipóteses,

Fase 4: Descrição dos dados;

Fase 5: Verificação das hipóteses;

Fase 6: Cotejamento dos prefixos *dis-* *di-* e *des-* /*de-*;

Fase 7: Análise da produtividade em língua portuguesa *dis-* e *di*.

Em termos de organização, além desta apresentação, na qual constam a temática, a justificativa, os objetivos, a metodologia. A tese foi estruturada em quatro capítulos.

No primeiro capítulo, expusemos as concepções teóricas acerca dos estudos morfológicos, centralizado na descrição, caracterização do processo da prefixação, como também discorremos sobre as concepções e as abordagens do processo da parassíntese.

No segundo capítulo, demonstramos as origens de *dis-* e *di-*, buscando propor um percurso histórico na formação dos prefixos estudados, bem como apresentar, de forma sucinta, um relato sobre os estudos sincrônicos e diacrônicos dos prefixos de *des-* e *de-*, que serviram de base na comparação de dados realizada, no capítulo 4.

No terceiro capítulo, realizamos uma análise morfossemântica dos formantes *dis-* e *di-*, presentes nos verbetes do dicionário *Houaiss* (2001), correlacionando este a outros dicionários e gramáticas históricas, trazendo os resultados e as discussões sobre os dados analisados. Fizemos, ainda neste capítulo, um cotejo dos prefixos *dis-* e *di-* com os prefixos *des-* e *de-*, vislumbrando mostrar as hipóteses desenvolvidas sobre o percurso destes formantes, descrevendo os aspectos convergentes e divergentes destes, baseando-nos em obras e no *corpus* levantado.

Finalmente, no capítulo 4, fizemos uma averiguação sob a *frequência* e a produtividade dos prefixos *dis-* e *di-* no português atual brasileiro a partir da análise dos dados fornecido pelos dicionários consultados na realização da pesquisa. Somente, na secção específica da avaliação da produtividade usamos palavras, do *Corpus Brasileiro*. Seguem, posteriormente, a este capítulo, as considerações, as referências e os apêndices.

CAPÍTULO 1- PREFIXAÇÃO

1.1 A MORFOLOGIA: O PANORAMA GERAL

O Estruturalismo, pautado nos princípios saussurianos, contribui(u) com os estudos realizados para a descrição linguística, de tal modo que buscavam realizá-la por meio de diversos sistemas linguísticos, sem considerar para tanto, questões que envolvessem as condições de produção linguística, nem mesmo os usos que os falantes faziam da língua.

Saussure (2012) elaborou os princípios teóricos acerca das dicotomias, realizando várias pesquisas baseadas nestes princípios. Uma dessas dicotomias, representando uma ruptura com a visão histórico-comparativista, foi a dicotomia: sincronia *versus* diacronia, indicação de perspectivas diferentes de estudo da língua.

A pesquisa de Saussure (2012) foi baseada na busca de parâmetros e princípios que nortegassem a linguística. Para ele, o objeto da linguística é a língua, a qual deveria ser analisada enquanto acervo linguístico, instituição social e realidade sistemática e funcional. Propôs dicotomias acerca da língua e como esta deve ser trabalhada sincronicamente, ou seja, em momentos específicos, ultrapassando os limites dos estudos históricos.

Ao elaborar as dicotomias, base de sua tese, traz propostas de análise pautadas na sincronia, reconhecendo que a descrição sincrônica não daria sozinha conta de responder a todas as alterações estruturais da língua, embora ele mesmo tenha trabalhos de descrição histórica das línguas e tenha demonstrado a importância dos estudos sincrônicos, dando prioridade a estes.

Segundo Mattos e Silva (2008a, p. 11), Saussure teria admitido que “uma análise apenas sincrônica seria uma abstração teórica, idealizada como objeto de estudo, uma vez que estava consciente do movimento das línguas ao longo do tempo”. Para ele, no estudo sincrônico, um determinado estado de uma língua é isolado de suas mudanças através do tempo e passa a ser estudado como um sistema de elemento linguístico. A regularidade sincrônica é geral, mas não é imperativa, devido ao fato que a sincronia traz um momento estanque das palavras, não contendo muitas vezes, as informações necessárias para compreender como chegaram à formação atual.

O estudo sincrônico é o estudo da língua em determinada época, sem considerar as questões históricas. Por meio dele podemos observar, por exemplo, as mudanças que a língua vai sofrendo com o decorrer do tempo. Já o estudo diacrônico, mostra a evolução da língua ao longo do tempo, sendo possível a descoberta, por exemplo, da origem das palavras, dos possíveis fatores que motivaram o estatuto atual.

Tanto os estudos sincrônicos como os diacrônicos têm relevância para o entendimento sobre o funcionamento da língua. Essa dicotomia lançou as bases para a compreensão da língua em dois eixos: o histórico e aquele que representa a língua em seu funcionamento num dado momento. Todavia, salientamos que os falantes não têm consciência dos processos históricos ou momentâneos que tornam possível o uso de qualquer língua que seja.

Nos estudos morfológicos, observamos que na descrição diacrônica há uma nitidez da raiz, restabelecendo assim a transparência na formação da palavra, podendo localizar as prováveis mudanças fonéticas, fonológicas, sintáticas, semânticas ocorridas em uma palavra ao longo do tempo, sendo um modelo linguístico a ser aplicado aos estudos de línguas, como assevera Viaro, explicando que:

A sincronia, enquanto conceito teórico é um procedimento científico extremamente válido, mas é, antes de tudo, um método e não um modelo. Já a história faz parte da própria essência da língua, sendo verificável tanto na ontogenia do falante — que fala diferentemente aos três e aos setenta anos —, quanto na filogenia do sistema [...]. (Viaro, 2012, p.279)

Por exemplo, se consideramos o verbete *distribuir* com base em uma análise estrutural sincrônica, teríamos a seguinte descrição *distribu + ir*, ou seja, uma base mais morfema indicativo da forma verbal do infinitivo. Esta simples visão não nos permitiria ter o alcance do significado desta palavra, perderíamos, destarte, a noção associativa desta com outras palavras que, aparentemente, não fazem com ela ligação, como a palavra “*tribo*”.

Isso ocorreria pelo fato de que a análise sincrônica por si só, é incapaz de contemplar uma gama de mudanças ocorridas da palavra, tanto que se observarmos a definição de *distribuir* no dicionário Houaiss (2001), verificaremos que esta palavra se origina do lat. *distribũo, uẽre*, tendo como significado 'distribuir, repartir, dividir.

Mas, se considerássemos esta definição associando-a à origem, à raiz do verbete, ou seja, a uma descrição diacrônica, veríamos que a raiz de *distribuir* é √trib-, originária de outras palavras como *tribo*, *tribulação*.

Portanto, por meio de uma abordagem diacrônica, o sentido fica mais completo, com mais informações, que auxiliam o entendimento de que *distribuir* representa dividir, repartir pela tribo, conforme DELP/AGC.

Vejamos outro exemplo, o verbete *dispor*, com definição posta por Cunha (1986), no DELP/AGC:

dispor v. 'armar em lugar apropriado, arrumar, acomodar, harmonizar', 'usar livremente, ser senhor de' // *despoer* XV, *despõer* XIII etc. / Do lat. *dispōnēre*, de *pōnēre* // **disponENTE** adj. S. 2g. XVI. Do lat. *dispōnens* –*entis* part. pres. de *dispōnēre* // **disponIBIL** – IDADE 1881 // **diponÍVEL** 1873 // **disposição** / XV. **Des-** XIV / Do lat. *dispositiō* –*ōnis* // **dipositivo** adj. 1813; s.m. XX. Do fr. *Dispositif*, de *dispositus*, part. pass. de *dispōnēre* // **disposto** [desposto XIV / Do lat. *dispositus*, part. pass. de *dispōnēre* // **INdisponIBIL** – IDADE 1881 // **INdisponÍVEL** 1881 // **INdispOR** 1813 // **INdisposiÇÃO** 1813 // **INdisposto** XVI. Do lat. *indipositus*. (Cunha, 1986, p. 270)

Se verificarmos a raiz da palavra **dispor**, encontraremos uma formação mais anterior ainda, como demonstra Cunha (1986), ou seja, *dis-* + *pôr*, que gerou *dispor*, *contrapor*, *contraposição*, *reposição*, *reponente*, *repositório* entre tantas outras palavras, como constataremos na explicação a seguir:

pôr v. 'colocar, depor, impelir' / **poer** XIII / Do lat. *pōnēre* // **CONTRApOR** XVI. Do lat. *contrāpōnēre* // **CONTRApOSiÇÃO** XVII. Do lat. tardio *contrāpositiō* –*ōnis* // **contraposto** 1844. Do lat. *contrāpositum* –*i* // **poED**. EIRA 1813 // **poEDOR** / XV, –*eedere* XIII // **poED**. OURO 1813 // **poENTE**, **poNENTE** // XV, *ponente* XV / Do lat. med. *pōnēns*, –*entis* // **por**. FI AR² v. 'guarnecer' 1899. De *pôr* + *fi* (o + AR¹) // **REponENTE** XX // **REpor** XVI. Do lat. *repōnēre* // **REposiÇÃO** 1844 // **REposit**. ÓRIO XVII. Do lat. *repositōrium*, –*i* // **SOTOpOR** v. 'ómiteir, preterir' 1813 // **SOTOposto** XVI. Cp. **APOR**. **COMPOR** etc. (Cunha, 1986, p. 623).

Notamos por meio da sequência de palavras originadas do verbete *dispor* que o prefixo *dis-* + a raiz √po, em períodos históricos distintos, produziu diferentes palavras, as quais aparentemente não têm relação, porém, se fizermos uma descrição etimológica, conseguiremos perceber essa derivação com base numa análise diacrônica, isto é, identificando a raiz, fica evidente, de forma clara e precisa, os processos de modificação sofridos pela palavra, que ocasionaram as formas existentes hoje. Essa raiz gerou tanto a palavra *dispor* quanto a *compor*.

Dessa forma, se recorrêssemos somente à sincronia, não perceberíamos, nem conseguiríamos vislumbrar a √pon- materializada em outros morfemas por variação fonética e morfológica dos radicais e criando assim alterações semânticas.

A raiz √pon- gerou os radicais *pon-*, *po-*, *por-*, *ponh-*, *poe-*, entre outros, nos quais, apesar da ocorrência de variação fonética, notamos uma visível correlação etimológica entre palavras, demonstrando, deste modo, que elas têm uma origem em comum, uma mesma família etimológica.

Concluimos que a significação proposta em *dispor* “colocar numa certa ordem, arrumar, ordenar” e, também, “dar arrumação a, ajeitar, arrumar” manifesta-se noutras palavras como *disponente*, no sentido de alguém que ou quem dispõe (de bens) em favor (de outrem) e disponibilidade significando estado ou qualidade do que é ou está disponível ou ainda, qualidade de quem se acha aberto para receber influências externas, conselhos, novas ideias.

Isso ocorre porque, como ressalta Viaro (2007), se desconsiderarmos os aspectos diacrônicos, sem considerar o fato de a língua ser produto de alterações lentas e graduais, numa sucessão de sincronias que desencadearam as estruturas atuais, pois

Em Morfologia, a faceta idiossincrática de uma língua flexional como o português deixa essa deficiência exposta o tempo todo. Dessa forma, o elemento histórico, inegável, não pode, de forma alguma, ser desconsiderado numa análise de elementos morfológicos, sob a paga de sucumbirmos o tempo todo ao velho esquema das regras e exceções das gramáticas tradicionais. (Viaro, 2007, p. 3)

Embora todas as unidades acima sejam unidades significativas mínimas, de acordo Koch (2001) não exerceriam a mesma funcionalidade dentro da palavra, pois não remetem à mesma significação.

Para Rio-torto et al. (2013), a formação de palavras deve ser compreendida enquanto:

(i) domínio de geração dinâmica e em linha, na mente de cada falante, de palavras já existentes na língua. Enquadra-se neste âmbito a montagem dinâmica mental de vocábulos como cartelização, financeirizar ou inventividade que, sendo de uso pouco frequente num dado indivíduo, não se encontram disponíveis em memória como objetos já montados. O falante recorre, assim, aos mecanismos disponíveis na sua língua e através deles gera o lexema. (ii) domínio de geração de novos lexemas ainda não existentes na língua. Tal como no caso anterior, o falante serve-se dos parâmetros e dos materiais linguísticos da sincronia da sua língua para gerar novas palavras. (Rio-torto et al., 2013, p. 86)

Os autores ressaltam que há várias razões que motivam a gerar novas palavras, mas essas razões estão interligadas a fatores referenciais, sintáticos e avaliativos.

Câmara Junior (2003 [1970], p. 23) postula ser o morfema “o elemento formal que se combina com o semantema (radical), constituindo um mecanismo gramatical, por meio do qual o semantema passa a funcionar na comunicação linguística”. Como no exemplo, Ferro, {-ferr} e {-o}, o primeiro seria o morfema lexical e o segundo, o morfema gramatical.

O pesquisador evidencia ser a área de descrição morfológica muito produtiva para as perspectivas sincrônicas e diacrônicas e para as diferentes perspectivas das linguísticas, porque podemos estudar as formas considerando ou não a atuação dos falantes.

No que concerne às descrições morfológicas, podemos, ainda, considerar ou não os contextos comunicativos, históricos e culturais como elementos ativos nos processos de significação, formação, variação e mudança linguística.

Neste estudo, vislumbramos a discussão dos dados sob a visão diacrônica, com base nos estudos realizados por Viaro (2004, 2011, 2014), Lopes (2013), dentre outros, na busca de sistematizar dados inerentes ao prefixo *dis-* e a variante *di-* em cotejo com os prefixos *des-* e *de-* coletados no dicionário *Houaiss online* (2001).

Na próxima seção, discutiremos o processo de formação de palavras em língua portuguesa, dando ênfase à prefixação, mas também, tecendo breves comentários sobre os outros processos.

Destarte, apesar de existirem enfoques diversos acerca dessa temática, nos detivemos em apresentar as visões oriundas da tradição gramatical e da linguística histórica.

1.2 O PROCESSO DE PREFIXAÇÃO: CONCEPÇÕES E CARACTERÍSTICAS

Conceituar o processo de prefixação parece uma tarefa simples, uma vez que muitos estudiosos da língua trazem perspectivas de análise semelhantes. Contudo, não é tão óbvio o enquadramento dos prefixos dentro dos processos de formação de palavras, devido à falta de consenso entre os linguistas e gramáticos. Com essa perspectiva, apresentaremos uma breve discussão acerca da prefixação, trazendo argumentos que a norteiam, caracterizam e que também justifiquem nossa escolha dentro deste estudo.

Os estudos sobre prefixação estão ligados à descrição de como ocorrem os processos de formação de palavras, descrevendo os níveis lexical e morfológico da língua.

Desta maneira, qualquer afirmação necessita de parâmetros que expliquem e justifiquem a visão teórica adotada. Com isso, não queremos formar juízo de valor sobre os pressupostos adotados, mas sim, explicarmos o que foi defendido na análise do *corpus*.

Nesta secção, apresentaremos alguns dos argumentos que norteiam a nossa escolha da prefixação enquanto processo derivativo, bem como as ideias de autores que corroboram ou não com essa visão teórica.

Primeiramente, há uma linha tênue que permite caracterizar os prefixos tanto como formantes derivacionais quanto como composicionais. A avaliação da natureza dos prefixos advém da interpretação dos seus comportamentos morfológicos e dos critérios etimológicos, semânticos, fonológicos descritos pelos pesquisadores no momento da caracterização dos afixos.

Destarte, princípios teóricos conflitantes permeiam essa questão, por exemplo: a compreensão dos prefixos como forma presa ou livre; a capacidade do prefixo poder ou não modificar a base a que se agrega; o enquadramento enquanto formante isocategorial e/ou heterocategorial; o grau de produtividade; a independência semântica; a frequência de uso; a potencialidade, etc. Enfim, são tantas questões a serem respondidas, que o enquadramento dos prefixos em uma visão ou visões, na verdade, é o que determina a seleção do linguista com o processo de formação de palavras.

Aqui nesta tese, corroboramos com os estudiosos que caracterizam a prefixação enquanto um processo derivativo. Compreendemos que o arcabouço teórico seguido por um pesquisador irá determinar a escolha de sua perspectiva de análise, mas que o objeto de estudo é fundamental para tomada de decisão entre um pressuposto e outro, no nosso caso o formante *dis-*, foi determinante na perspectiva adotada nesta obra.

A discussão que busca determinar se a prefixação está ligada a formação de palavras derivadas ou compostas é o cerne da questão. Esta discussão não é recente, envolve gramáticos como Dionísio de Trácio, por exemplo. Mas esta noção vai muito além das características do processo, envolve acima de tudo a concepção do prefixo e sua aplicabilidade prática no processo formativo aqui investigado.

No caso do formante *dis-/di-*, concebemos enquanto elemento não condicionado ao ambiente sintático, na verdade, o que irá definir se é o prefixo *dis-* ou a variante *di-* será acopla à palavra-base é contexto fônico, não tendo nenhuma interferência o contexto sintático, ou seja, quem define é a ambientação fonológica, mesmo que o prefixo se acople à bases iniciadas tanto por contextos vocálicos quanto consonantais, por exemplo, *diruir*, *desassociado*, *distraído*, *disponibilidade*, *distante*. Esse formante sempre se agrega à margem esquerda da palavra, sendo um processo não obrigatório, isto é, há várias possibilidades de construção de uma palavra a derivação é uma dela.

Sabemos que definir um prefixo somente Gonçalves (2019) define a derivação e o acréscimos de prefixos como opcional dentro das possibilidades de criação lexical.

Desse modo, dentre os aspectos criativos, vemos que o formante modifica o sentido da base e traz informações novas ao ouvinte. O prefixo *dis-/di-* pode se categoricamente visto e como elemento modificador de sentido, como:

❖ **Distendido** (1677) adj.> vem do particípio do verbo *distender*,

Este verbete apresenta a R.F.P *dis-* + a raiz $\sqrt{tend-}$; com frequência de uso de 24800. O prefixo altera o sentido da base, apresentado o valor semântico de dispersão. Dessa forma, *tender* que a base significa estender(-se), esticar, inclinar, com acréscimo do prefixo adquire ‘*esticado*, *estirado*, *espichado*’, ‘que sofreu *distensão*, *estender(-se) muito*, *para diversas direções*’.

Assim, compreendemos que o formante em estudo é uma forma presa, não podendo manifestar-se em outro ambiente que não seja o anexado a palavra-base, nunca seria uma forma livre, não podendo ser analisado como uma partícula de posição variável, ou seja, um elemento que pode exercer a função de sufixo, ou de advérbio ou de preposição, sincronicamente falando. Embora haja prefixo com maior independência linguística, esta não é a situação do *dis-*, porque ele não é um formante autônomo.

Ainda entre outros aspectos que fizeram como que encaixássemos a prefixação enquanto derivação e, não como composição, advém do fato que embora os formantes composicionais possam modificar a classe lexical adjungida o que não é tão recorrente nos prefixos de maneira geral, o prefixo *dis-* provoca esse fenômeno de alteração categorial, como na palavra *disforme*, na qual temos inicialmente, uma

base pertencente a categoria lexical do substantivo com a junção do prefixo, temos um adjetivo, não sendo muito comum ocorre esse fato com os prefixos, mais com os sufixos. (Câmara Júnior, (1986 [1977])). Nos 521 verbetes descritos neste trabalho, são poucos os casos em que o formante *dis-* e a variante *di-* provocam mudança categorial.

Esses e outros traços morfológicos, fonológicos e semânticos foram levados em conta quando estabelecemos os critérios de classificação do prefixo, sendo responsáveis por definirmos, o estudo como derivativo. Veremos esses critérios nos tópicos a seguir:

Deste modo, faremos uma discussão envolvendo os conceitos necessários ao entendimento da temática adotados por nós enquanto critérios de seleção, abordando ainda os processos da composição, da derivação, entre outras definições usadas na fundamentação teórica acerca do estudo realizado.

De uma maneira geral, a prefixação pode ser considerada com a adição de um elemento mórfico formativo a uma base. Esse formante sempre vem antecedendo a base, como o próprio morfema explica, *pre-* é um formante posto antes, fixado à base, estando posto sempre à esquerda da base, uma forma presa, como por exemplo: *dis-/di-b*, *des-*, *re-*, *in-*. Também podem funcionar enquanto formas livres como: *sobre*. (MONTEIRO, 2002).

Muitos pesquisadores enquadram a prefixação entre os processos derivacionais, embora, haja outros que a concebam como uma formação compositiva. Os formantes antepostos à base são denominados de prefixos, em muitas gramáticas normativas, como Cunha e Cintra (1985) como e históricas, como Coutinho (1976).

Em outras linhas teóricas, como a dos funcionalistas, conforme Duarte (1998), os prefixos recebem o nome de morfemas lexicais subsidiários, devido ao fato de complementarem o morfema lexical, isto é, a forma livre, com uma nova concepção semântica. Mas, estas não são as únicas definições encontradas nas gramáticas tradicionais e em outros compêndios das gramáticas históricas e estruturais.

Esses primeiros conceitos são ilustrativos e serão ampliados, explicados e apresentados nesta seção, pois faremos um apanhado teórico sobre o assunto, perpassando pelas primeiras gramáticas até as mais atuais.

Os estudos sobre a estrutura linguística não são novos, já na época de Dionísio Trácio (170a.c -90 a.C), autor da *Tékhñē grammatikē*¹², havia interesse pela estrutura da língua grega. Dionísio foi um dos pioneiros nestes estudos, quando investigou a língua grega elencando as classes de palavras, determinando os acidentes do nome, ou seja, como o gênero, o tipo, a forma, o número e o caso manifestavam-se, trazendo e compreendendo as noções de primitivo e derivado, de simples e composto e de derivado e composto.

Seu trabalho influenciou a tradição gramatical antiga, mesmo nos manuais latinos. Percebemos isso na descrição linguística e nas acepções manifestadas no trabalho de Prisciano (500 d. C.), no qual já havia a distinção dos conceitos de primitivo e derivado, da formação de palavras simples e compostas.

Os estudiosos, na antiguidade clássica, buscavam descrever não a língua em si, mas as partes do discurso. Neste período, Platão (427 a. C.) elaborou a diferenciação entre nome e verbo e propôs as 10 classes de palavras e Varrão (116-27 a.C.), século I a.C, construiu suas pesquisas acerca das distinções entre flexão e derivação.

Varrão foi um dos primeiros gramáticos latinos a publicar um tratado descritivo, com vinte e cinco volumes, voltados para a análise da língua latina, da sua estrutura interna e dos moldes gregos, para descrever aspectos fonéticos, etimológicos, morfológicos e sintáticos.

Já no período medieval, as análises estruturais visavam identificar as causas ou simplesmente descrever os princípios gerais responsáveis pelas partes do discurso, na busca de explicar sua significação.

Posteriormente, ao período medieval, na época da renascença fomentava-se uma discussão sobre língua e pensamento, fato que permeou os estudos orientados pela preocupação com um sistema lógico subjacente a qualquer língua, motivando a descrição da língua, enquadrando-a por características universais.

Já na obra de Diez (1874), a prefixação é considerada um modo secundário de composição, ou seja, a composição por partículas. Nesta concepção o prefixo, sendo um advérbio ou uma preposição, exerce um papel autônomo, isto é, não é um processo compositivo com partículas.

¹² É considerada por Neves (2003) uma obra importantíssima no concernente à documentação morfológica, ao trazer pressupostos bem atuais, com uma única ressalva, a de não haver nela um enfoque sobre os elementos sintáticos da língua grega.

O gramático Ribeiro (1893) enquadra a prefixação dentre os fenômenos composicionais, baseado nos aspectos semânticos da língua portuguesa.

Palavras derivadas, em geral, são as que se formam de outras por meio de sufixos ou terminações: amoroso (de amor, sufixo oso). Palavras compostas, em geral, são as que se formam de outras precedidas de um prefixo, ou são as que se compõem de dois ou mais termos justapostos. No primeiro caso, o composto diz-se por prefixação, v. gr.: prever (do prefixo pre e do verbo ver); contradizer (do prefixo contra e do verbo dizer), etc. No segundo caso, o vocábulo diz-se composto por juxtaposição: saca-rolhas, pedra-pomes. (Ribeiro, 1893, p. 117).

Este gramático concebe que os prefixos têm maior complexidade e densidade semântica que os sufixos. Por esse critério, poderíamos enquadrar a prefixação no contexto da composição, mas só por essa característica não seria possível definir ou não, o processo em que se encaixa a prefixação.

Para Romanelli (1964), o termo prefixo deve ser concebido enquanto um elemento:

[...] morfológico preposto a uma forma verbal ou nominal. Registra-se, entre nós, é certo, a tendência para substituir a denominação de prefixo pela de prevérbio. Advirta-se, todavia, de que prevérbio é um tipo particular de prefixo — é o prefixo preposto a uma forma verbal. Tal é, pelo menos, a discriminação feita pelos mestres europeus, segundo se lê em obras especializadas. (Romanelli, 1964, p. 5)

Romanelli caracteriza os prefixos dentro do processo de composição, pois os considera como elementos inovadores nas línguas indo-europeias, vindos para essas línguas por meio de transformações. Assim, os descreve enquanto formantes adverbiais antes dos nomes, como preposições, e aos verbos como prevérbios.

Ele explica, ainda, que há dois tipos de formantes prefixais, os prevérbios antepostos aos verbos e aos prenomes, constituído por uma preposição ou por um advérbio, prefixo inseparável, sendo ambos prefixos formantes colaboradores em dois tipos de composição: a composição verbal e a nominal.

O pesquisador Aronoff (1976) traz argumentos distintos acerca de prefixação, distinguindo-se da visão das gramáticas tradicionais. Os estudos apresentados por Aronoff baseiam-se na descrição e na análise da língua inglesa.

Aronoff descreve como são estruturadas as palavras formadas por prefixos e radicais de origem latina, explicando que a esses morfemas não podem ser designados uma significação única e constante. Por exemplo, se fosse ligado o prefixo *ad-* aos radicais {duz}, {fer}, {met/mit} e {sum}, teríamos respectivamente as seguintes palavras: *aduzir*, *aferir*, *admitir*, *assumir*, as quais comprovam a variação e modificação de significado.

Câmara Júnior (1986 [1977], p. 198), compreende o prefixo, enquanto “variante presa das formas dependentes chamadas preposições, cria uma nova significação externa a palavra que se adjunge”. Com base nesta argumentação, o linguista explica que a prefixação é uma modalidade de composição.

Esclarece que essa discussão, em torno da classificação do prefixo como formante compositivo ou derivativo, advém do fato que, em língua portuguesa, o processo de formação de palavras por prefixação envolve três grupos de prefixos: o das preposições, o das variantes das preposições (formas eruditas) e o das formas que são exclusivamente prefixos.

Segundo Basílio (1987) há, de forma geral, dois morfemas constitutivos das palavras: os afixos e a raiz. Ela concebe a raiz como um morfema base de uma palavra, ao qual seria acrescentado os afixos. Esses afixos, por sua vez, se subdividiriam em dois, o primeiro seria o prefixo, morfema anexado antes da base e o sufixo, morfema posto depois dessa base, provocando em alguns casos mudanças semânticas.

Desde aquela época, os estudiosos buscam encaixar a prefixação por suas características dentre os fenômenos de derivação e outros, dentre os da composição, visto que:

[...] nem sempre é simples rotular palavras [ou classificá-las], pô-las em gavetas nas quais elas fiquem bem comportadas e acomodadas [...]; parece que em morfologia é preciso conformar-se com a inexistência de fronteiras rígidas e bem definidas. (SANDMANN, 1990, p. 43).

Por esse motivo, no campo da morfologia, dentre as dicotomias vem sendo explorada a oposição entre os fenômenos da composição e da derivação.

Sandmann (1990) afirma haver um princípio que diferencia a composição da derivação, ou seja, a construção de base mais um afixo, sendo a base responsável por expressar a ideia específica, particular, à qual é agregado um afixo, transmitindo uma ideia geral, concebendo assim, a prefixação enquanto fenômeno derivativo. O autor compreende o processo, caracterizando os afixos fixos, não muito numerosos, distintos das bases composicionais que são mais numerosas.

Coelho (1999) assegura que os prefixos e os sufixos podem alterar a classe gramatical dos vocábulos de que são formadores. Verificamos que realmente esta alteração acontece com as palavras formadas por sufixação, mas não tão frequente em casos de prefixação.

Caetano (2003) propõe uma categorização da afixação, definindo-a como um processo de composição e não de derivação. Para respaldar sua tese, faz uma discussão acerca das características presentes na afixação e demonstra haver outros autores que corroboram essa tese de composição.

Sob a ótica de Bechara (2009 [1961]), a prefixação é um recurso linguístico para compor novas palavras, no qual se adiciona um elemento mórfico denominado de prefixo antes da base. Esse prefixo será:

o elemento que empresta ao radical uma nova significação e que se relaciona semanticamente com as preposições. Os prefixos, em geral, se agregam a verbos, como nos exemplos do grupo d), ou a adjetivos: in- feliz, des- leal, sub- terrâneo. São menos frequentes os derivados em que os prefixos se agregam a substantivos; os que mais ocorrem são, na realidade, deverbais, como em des- empate. (Bechara, 2009 [1961], p. 281-282).

Com base no inscrito na gramática de Garcia e Reis (2010), a prefixação é um processo de derivação que consiste em formar palavras mediante o emprego de prefixos, ou sufixos ou parassintética, por exemplo, *dificuldade*, *disposto*, *ateu*, *infelicidade*.

As autoras, também, afirmam que a composição seria um processo de formação de palavra, cuja geração ocorre pelo acréscimo de radicais, que formam uma nova palavra. Isso ocorreria quando houvesse a junção de dois ou mais radicais, sendo que a palavra gerada não seria mais uma palavra simples, mas composta, representando em si uma nova ideia, única, autônoma e em muitos casos, tendo acepção distinta às expressas pelos elementos originais, por exemplo: *queixa-crime*, *criado-mudo*. As autoras excluem os prefixos nesta formação, porque para elas, eles

não formam palavras novas e, sim, modificam o sentido dos morfemas a que são acoplados.

Para Castilho (2014), no português brasileiro, igual a outras línguas neolatinas, ocorre a afixação compreendida como:

Processo das línguas flexivas em que sílabas curtas (= afixos) se agregam a uma raiz, formando o radical. Os afixos mais importantes são os prefixos, como em refazer, que vêm antes da raiz, e os sufixos, que vêm depois, refazendo. (CASTILHO, 2014, p.664)

Castilho inclui na derivação lexical os afixos, concebendo-os de forma semelhante à inscrita em outras produções citadas neste trabalho, pois considera prefixo e sufixo como sílabas curtas, diferentes dos elementos da composição, que, para ele, são radicais unidos na constituição de uma palavra composta.

Rio-Torto e Ribeiro (2009) analisam a estrutura da língua portuguesa no que tange os processos de formação de palavras. Ao descrever a prefixação, apresentam as características dos prefixos e resumem como identificá-los e diferenciá-los de constituintes compostos. As linguistas, entre tantas características, estabelecem que os prefixos:

- a) são elementos não flexionais em gênero e número;
- b) são acoplados a bases verbais, adjetivais e, em alguns casos, também se agregam a bases nominais;
- c) provocam mudanças semântica nos núcleos lexicais a que se agregam, não sendo capazes de serem denominativos;
- d) ocupam posição fixa;
- e) não provocam alteração da classe lexical da base a que se unem;
- f) não ocupam os núcleos lexicais ou categoriais dos produtos em que ocorrem;¹³
- g) não têm capacidade de serem especificadores de gênero;
- h) não funcionam enquanto bases lexicais;
- i) não ocorrem enquanto palavras independentes;
- j) não têm, entre outras características, a independência lexical.

¹³ Quando se forma uma palavra por prefixação, o afixo é anexado a palavra central, esse prefixo fica à margem esquerda desta palavra divergentemente do procedimento de composição, no qual acrescentamos afixos à margem direita da palavra.

Ao postular as características dos prefixos já em outro trabalho, Rio-Torto *et al.* (2013) fomentam uma longa discussão acerca do processo de afixação, na busca de estabelecer os limites existentes entre a prefixação e a composição. Para os autores, é uma tarefa complexa obter uma concepção definitiva desses processos, pois há semelhanças e dissemelhanças concernentes à constituição dos afijos.

Rio-Torto *et al.* (2013, 411) asseveram que:

estabelecer as semelhanças e dissemelhanças entre prefixação e composição, importam também as (dis)semelhanças entre prefixação e sufixação, em vista ao apuramento das propriedades que a prefixação partilha com a composição e as demais modalidades de afixação. (Rio-Torto, 2013, p.411)

Essa linguista faz um cotejo entre os dados coletados em duas gramáticas de língua portuguesa, a de Cunha & Cintra (1985) e a de Bechara (2009 [1961]). Ressalta que, nas gramáticas citadas, há discrepância no que concerne à classificação de alguns prefixos, no sentido deles, realmente, terem traços prefixais. Ambas gramáticas trazem a mesma classificação de prefixos com relação aos estudados nesta tese (*dis-*, *di-*, *des-* e *de-*).

Por exemplo, Cunha & Cintra (1985, p. 84-85) afirma terem traços de prefixos *a(b)-*, *ad-*, *ante-*, *circum-*, *cis-*, *cum-*, *contra-*, *de-*, *des-*, *dis-*, *di(s)-*, *ex-*, *es-*, *e-*, *em-*, *in-*, *extra-*, *in-* (negação), *inter-*, *entre-*, *intro-*, *intra-*, *ob-*, *per-*, *pos-*, *pro-*, *re-*, *retro-*, *sobre-*, *soto-*, *sota-*, *trans-*, *tras-*, *tres-*, *ultra-*, *vice-*, *vis-*; sendo que este pressuposto também é defendido por Bechara (2009, [1961]).

Ainda salienta que um dos critérios usados por estudiosos na distinção entre prefixos e sufixos, consiste no fato de os primeiros não serem formas presas, mas, sim, denotarem maior autonomia e ocorrerem em posição prefixal, devido serem originários das preposições latinas.

Dessa forma, apresentamos o quadro 02, retirada na íntegra da obra de Rio-Torto (2014, p. 16), a qual foi norteadada pelo ponto de vista histórico na análise da prefixação:

Quadro 02 - Prefixação dentro e fora da composição

PREFIXAÇÃO INCLUÍDA DENTRO DA COMPOSIÇÃO	PREFIXAÇÃO DENTRO DA DERIVAÇÃO
Theofilo Braga (1876), Carl von Reinhardstoettner (1878), Manuel Pacheco da Silva Jr. (1878), Manuel Pacheco da Silva Jr. e Lameira de Andrade (1887), António R. Vasconcellos (1900), Eduardo C. Pereira (1916), José J. Nunes ([1919] 1899), Francisco M. Sequeira (1938a e 1938b), Ismael Coutinho (1938), Carolina Michaëlis de Vasconcellos (s.d.), Mattoso Câmara Jr. (1976)	Othoniel Mota (1916), Brandt Horta (1930), Manuel Said Ali (1931), Joseph Huber (1933), Jaime de Sousa Martins (1937)

Fonte: Rio-Torto (2014)

O quadro retrata que teoricamente, a maioria dos gramáticos históricos consultados pela pesquisadora avalia e mostra que os prefixos formam palavras por composição e não derivação, sendo essa tese defendida por Caetano (2003), aceita e corroborada pelas gramáticas do primeiro tópico (prefixos dentro da composição).

Mesmo com fatos e argumentos precisos, sabemos que acepções se modificam e estão sujeitas à transformação, de acordo com o modelo teórico a que estejam relacionadas ou à percepção do estudo e os *corpora* coletados.

Em outro estudo também realizado sobre o processo de formação de palavras, Ribeiro e Rio-Torto (2010) afirmam que os prefixos fazem parte da prefixação, sendo partículas produtivas semanticamente no processo da derivação.

Nesse contexto, temos na interpretação de Monteiro (2002) a defesa de outra tese, a de que no processo de derivação, os afixos são definidos como morfemas formadores de novas palavras, facilmente identificados por se destacarem na palavra, porque estão alocados antes do morfema lexical, sendo utilizados tanto como formas livres ou presas. Diz, ainda, que os afixos estão relacionados a um morfema lexical por meio de uma derivação.

Percebemos que embora as concepções variem de um pesquisador para outro, dependendo do pressuposto teórico que esteja a defender, vemos que há pontos congruentes nessas visões: (i) o processo de formação prefixal pode ser concebido tanto como composição quanto derivação; (ii) a ocorrência da prefixação se faz

quando há um acréscimo de um prefixo anteposto à base; (iii) são elementos que, em língua portuguesa, podem variar em número e gênero; (iv) tem origem latina e grega.

O estudo que envolve descrever o prefixo diacronicamente, sincronicamente, fonologicamente e semanticamente. Na visão dos estudiosos da língua portuguesa, em análises tanto diacrônica quanto sincrônica, os prefixos podem ser elementos tanto da composição ou da derivação.

Dessa maneira, compreendemos os prefixos como formantes ligados a um processo de derivação, porque entendemos que não há uma nítida separação entre os elementos compositivos e derivativos e que seja mais adequado para os nossos dados. Já os autores que consideram a preposição como formante da composição, fazem-no por definirem o prefixo enquanto forma livre, advindas do latim enquanto advérbios e preposições, definindo-os como palavras.

Os autores, no primeiro grupo, interpretam os prefixos como formas autônomas, sendo que “grande parte desses elementos formativos desempenha ou desempenhava função de preposição ou advérbios, tanto em português quanto em latim”, (Santos, 2016, p. 33). Outros cientistas que, incluem a prefixação dentro do processo compositivo, o fazem, entre outros motivos, por considerarem que os prefixos não geram palavras transcategorizadas, (Garcia e Reis, 2010).

Os pesquisadores que incluem a prefixação entre os processos derivativos, o fazem, entre tantos motivos, por descrevem os prefixos enquanto elementos que sempre se encaixam numa posição predeterminada na palavra, posição fixa, em sua margem esquerda, contrariamente das bases composicionais que são livres dentro do vocábulo (Bechara, 2009, [1961]); por terem um elenco fixo e estável dentro da língua, por apresentarem capacidade formativa de gerar tanto verbos, nomes quanto advérbios (Sandmann, 1990, 1992), por serem produtivos e terem potencialidade (Santos, 2016).

Os grupos expõem proposições consistentes acerca da prefixação, mas que podem ser refutadas, porque admitimos o comportamento do prefixo como é variável. Temos casos em que os prefixos atuam como formas geradoras, contestando a caracterização do processo dos prefixos como elementos composicionais; como há argumentos que contestam os prefixos enquanto fazendo parte de o processo derivacional, como o fato de prefixos serem sempre afixos produtivos, porque há entre os prefixos latinos os com baixa potencialidade e produtividade, como *arce-*.

Vemos que com base em uma descrição morfológica, a prefixação é um processo realmente derivativo, juntamente com a sufixação. Assim, não concordamos com a argumentação e a visão de autonomia lexical e separação dos prefixos, pois como atesta o prefixo *dis-* e outros formantes *re-*, *in-*, *o(b)-*, *não*, que não ocorrem como formas autônomas. Pelos motivos expostos, optamos em conceber a prefixação enquanto processo de derivação.

1.3. OUTRO PROCESSO DE FORMAÇÃO DE PALAVRAS: A PARASSÍNTese

Há outros processos de formação de palavras como derivação parassintética ou parassíntese. Essa ocorre quando a palavra derivada é resultante de adjunção simultânea dos formantes: prefixo e sufixo à base. Este processo é responsável pela formação, principalmente, de verbos, obtidos por meio da transformação de substantivos e adjetivos, descritos no quadro por RFPs.

Observemos o quadro a seguir, que foi elaborado com base nas orientações de Basílio (2004). Os dados que nele constam foram coletados no DHLP e exemplificam a formação a partir de bases verbais, adjetivais e substantivais:

Quadro 03 – Formas derivadas de verbos/ substantivos

PALAVRA	FORMA DERIVADA	FORMAÇÃO	BASE
Disputar	V.	<i>dis</i> +put(a)+-ar	V..
Dispensar	V.	<i>dis</i> +pensa+-ar	V..
Dissecar	V.	<i>dis</i> +seca+-ar	V.
Deslumbrar	V.	<i>des</i> + lumbre + -ar	s.
Detorar	V.	<i>de</i> - + bico + -ar	s.
Decapar	V.	<i>dé</i> - + cape + -ar	s.

Fonte: DHLP

Há casos ainda em que a base é o adjetivo/substantivo na formação do adjetivo. Por exemplo:

Quadro 04 – Formas derivadas de substantivos

PALAVRA	FORMA DERIVADA	FORMAÇÃO	BASE
Distrofiado	Adj..	<i>dis</i> - + trofia- + -ado	s.
Desalmado	Adj.	<i>des</i> - + alma + -ado	s.
Defumado	Adj.	<i>de</i> -+ fumo + -ado	s.

Fonte: DHLP

De acordo com Cunha e Cintra (1985) a parassíntese faz parte dos processos de formação de palavras por derivação, sendo considerada uma palavra como parassintética quando ocorre a união de afixos a uma base de forma simultânea, formando uma nova palavra com sentido próprio. Esse processo é utilizado na constituição de verbos com bases nominais (substantivos e adjetivos).

Não podemos confundir com uma outra forma de derivação: derivação prefixal e sufixal ao mesmo tempo. O que difere a parassíntese desta é o fato de não podemos separar os afixos da palavra-base, ou seja, torna-se impossível separar o prefixo ou sufixo da base, porque não restaria uma formação viável, com sentido, que pudesse ser reconhecida enquanto palavra na língua portuguesa, é o caso de *espairecer* (*es + pairar + -ecer*), que não existe forma com sentido, sem o prefixo **pairecer* ou sem o sufixo **espaire*.

Rio-Torto et al. (2013) afirmam ser bem produtivo o processo de derivação parassintética em língua portuguesa, o qual ela denomina não de parassintético, e sim, de circunfixação, porque compreende que o termo “substitui, porque clarifica, o de parassíntese”. Assim, a pesquisadora ressalta que:

[...] O termo parassíntese é tradicionalmente utilizado para referir dois fenômenos derivacionais distintos: a) a formação de palavras através de um afixo descontínuo que se anexa à esquerda e à direita da base em simultâneo (*entontecer*); b) a existência de uma unidade lexical constituída por um prefixo e um sufixo (*infelizmente*). (Rio-Torto et al.: 2013, p.107)

Para Rio-torto *at. al. (Idem)*, a circunfixação só ocorreria no primeiro exemplo, porque há uma junção simultânea dos afixos, os quais circundam a base, sem que se possa determinar qual formante foi acoplado primeiro, não existindo, portanto, a possibilidade da junção de um afixo de cada vez, isto é, não se pode anexar somente o prefixo em **entontar*, nem só o sufixo **tontecer*, nem a existência da palavra somente com o prefixo ou só com o sufixo. A circunfixação é um único processo.

No segundo exemplo, para a autora não teríamos um único processo, sim, dois ocorrendo em fases distintas, podendo-se admitir a junção somente à direita da base ou somente à esquerda, com a existência tanto da palavra *infeliz* quanto *felizmente*, sendo na verdade uma derivação por prefixal e sufixação, por sucessão de afixações “(*feliz > infeliz > infelizmente; feliz > felizmente > infelizmente*)” (Rio-Torto *at. al.*: 2013, p. 107), não havendo de fato circunfixação.

Já conforme Bechara (2009 [1961]) o processo da parassíntese ou circunfixação está interligado com a noção de constituintes imediatos e como estes se organizam na elaboração de uma nova palavra.

Para o autor somente há parassíntese se quando:

[...] Pode-se ainda entender que, a rigor, não existe parassíntese, se partirmos do fato de que, numa cadeia de novas formações, não poucas vezes ocorre o pulo de etapa do processo, de modo que só virtualmente no sistema exista a forma primitiva. Assim, para se chegar a *farmacolando*, parte-se de um virtual **farmacolar* (à semelhança de *doutorar* em relação com *doutorando*), ou, para *prefeitável*, de um virtual **prefeitar* (como de *amar* para *amável*, ou de um *pagar* para *pagável*). (Bechara, 2009 [1961], p. 284-285)

Nesta concepção, há a necessidade não somente da característica da simultaneidade, da ocorrência em concomitância dos afixos, mas da existência de uma criação virtual em uma etapa de formação da palavra, promovendo, dessa maneira, um pulo de etapas no processo, não há nesta concepção visão da descontinuidade.

Dessa forma, Santos (2016), a parassíntese pode ser classificada como:

[...] a construção pela qual, por meio da adjunção de prefixo(s) e sufixo(s), formam-se nomes e verbos, sendo que para isso é necessário que não haja uma unidade lexical intermediária efetiva/real (apenas prefixada ou apenas sufixada) com valor semântico idêntico, criado anteriormente à forma parassintética. Isso significa dizer que a adjunção dos formantes lexicais será simultânea. (Santos, 2016, p.65)

Baseando-nos nesta concepção e critérios de enquadramento da parassíntese, buscamos analisar os verbetes parassintéticos, no que concerne a diferenciação de valor semânticos, vislumbrando compreender se este será relevante na formação de palavras com os prefixos *dis-* e *di-*.

No capítulo seguinte, buscamos explicar a origem e o conceito de prefixos, e debatemos acerca da significação destes nas palavras, traçando um perfil destes prefixos.

CAPÍTULO 2 - OS PREFIXOS LATINOS: ORIGEM E SIGNIFICAÇÃO

Neste capítulo, será descrito o percurso histórico do prefixo *dis-/di-*¹⁴ na formação das palavras na língua portuguesa, mais especificamente, os prefixos latinos foco de análise como também, serão apresentadas as hipóteses de estudo e uma breve discussão acerca dos prefixos *des-* e *de-*.

Para tal, serão referenciados os dados dos dicionários DHLP, BDCNDECLP, VPL, DELP/AN, DELP/JPM, DELP/AGC, bem como resultados de consultas em gramáticas a título de ilustração e exemplificação das suposições feitas, além de verbetes coletados em obras literárias e resultados pesquisas acerca da temática que possam elucidar o caminho percorrido até o tempo presente pelo prefixo *dis-* e da variante *di-*.

Nas secções seguintes, serão enunciados os valores semânticos adquiridos no *continuum* do tempo pelo prefixo em análise, com comentários sobre as (cor)relações morfológicas e semânticas destes com os prefixos *des-* e *de-*. Com essa perspectiva para fins demonstrativos da formação e dos sentidos adquiridos pelos formantes em estudo, será enunciada a frequência de uso como base para o estabelecimento do comportamento do prefixo “ontem e hoje” em termos da capacidade de produção de palavras.

2.1 A FORMAÇÃO DOS PREFIXOS EM LÍNGUA PORTUGUESA

As mudanças morfofonológicas ocorridas na língua latina são as responsáveis pela formação da maioria dos prefixos da língua portuguesa, que incorporou as palavras latinas já prefixadas quanto às preposições latinas na forma de prefixos. Assim, com o norteamento dos conceitos de algumas gramáticas, em específico as de Said Ali (1964 [1921]), Almeida (2009 [1951]), Bechara (2009 [1961]) e de estudos acerca da formação prefixal em língua portuguesa, como as análises propostas por de Câmara Jr (1979 [1976]), Rio-torto (2014), será descrita a formação dos prefixos em língua portuguesa, como também a origem do prefixo *dis-* e a variante *di-*.

¹⁴ Embora seja relatada a existência do prefixo *dis-* de origem grega na formação do português brasileiro, não foi realizada, neste trabalho a análise dele.

Segundo Said Ali (1964 [1921]), é possível identificar dois tipos de prefixos de origem latina que passaram para a língua portuguesa. O primeiro abrange os prefixos não ocorridos enquanto formas isoladas; o segundo contempla os prefixos que se mantiveram idênticos às preposições e aos advérbios latinos, conforme o quadro a seguir:

Quadro Nº 05 – Prefixos Latinos na formação da Língua Portuguesa

GRUPOS	PREFIXOS	SENTIDOS	EXEMPLOS
1º GRUPO	<i>ab-, abs-</i>	Separação	Abusar
	<i>ad-</i>	Direção	Administrar
	<i>circum-</i>	Ao redor	Circundar
	<i>cis-</i>	da parte de cá	Cisjordânia
	<i>dis-, des-,</i>	ação contrária, cessação de um ato, negação	Dissimular Desobedecer
	<i>e-, ex-</i>	fora de, para fora	Exportar
	<i>in-, im-</i>	para dentro, negação	Incompreender
	<i>inter-, entre-, intro-</i>	para dentro	Intervir, intrometer
	<i>extra-</i>	para fora	Extrapolar
	<i>per-</i>	Através	Percorrer
	<i>pós-</i>	depois, após	Pospor
	<i>pré-</i>	anterioridade, procedência	Predominar
	<i>pro-</i>	para adiante, em lugar de, em proveito de	Propor, promover
	<i>super-, supra-</i>	Excesso	Superabundar
	<i>trans-</i>	passar além de	Transformar
	<i>ultra-</i>	da parte dalém	Ultrapassar
	<i>sub-,</i>	no fundo de, de baixo de	Subverter
	<i>re-</i>	outra vez, de novo	Refazer
	<i>Retro-</i>	para trás	Retroativa
2º GRUPO	<i>a-</i>	Separação	Abraçar
	<i>ante-</i>	Procedente, anterior	Antever
	<i>com-, con-, co- (cor-)</i>	Contiguidade, companhia	Combater
	<i>contra-</i>	Oposição, ação conjunta	Contrapor
	<i>de-</i>	Movimento para cima e para baixo	Decrescer
	<i>en-, em-</i>	Movimento para dentro	Encontrar
	<i>entre-</i>	Posição intermediária	Entrelaçar
	<i>sob-</i>	no fundo de, de baixo de	Sobraçar
	<i>Sobre-</i>	Posição em cima, excesso	Sobrepor

Fonte: Said Ali (1964 [1921])

Dentre este grande grupo de prefixos latinos, o prefixo *dis-* faz parte dos prefixos que não ocorrem separados ou isolados das palavras, daqueles segundo o autor, um prefixo bastante produtivo, que teria se romanizado, originando o atual prefixo *des-* na língua portuguesa.

Já Câmara Júnior (1979 [1976]) revela que a formação dos prefixos e sufixos aconteceu com modificações cristalizadas ao longo dos tempos, enuncia também que, paralelamente, o latim desenvolveu um sistema de prefixos proveniente de partículas adverbiais ou prevérbios. Assim, o prefixo latino de origem adverbial provocaria modificação na significação da palavra base.

Ainda, neste estudo, o linguista esclarece que o sistema latino de preposições teria sofrido uma mudança de forma lenta, gradual na formação das palavras no latim vulgar. Com o passar do tempo, houve uma ruptura nesse paralelismo existente no sistema latino, provocando o desaparecimento das partículas que exerciam papel de preposição, restando apenas as que somente funcionavam como prefixos.

Dessa maneira, com as mudanças mórficas e fonológicas na língua latina, ocorreu uma simplificação das partículas circundantes do verbo. Isso aconteceu pelo fato de ter havido modificações formais no sistema da língua, desencadeadas pelo processo fonológico da aglutinação verbal e do estabelecimento de uma relação deste com o vocábulo verbal. A partir desse fato houve a criação dos formantes prefixais, contribuindo, dessa maneira, com o mecanismo de formação de novas palavras.

Câmara Jr (1979 [1976]) explica ainda que a criação dos formantes na língua portuguesa ocorreu por alterações morfossemânticas, havendo, pois, diferenciação de origem diacrônica e cristalização sincrônica nessa formação.

Com essa perspectiva, ele separa esses formantes em três grupos:

- (i) os originados de partículas com função específica de preposições na língua latina;
- (ii) os originados a partir de variações dessas preposições e;
- (iii) os compostos por elementos exclusivamente prefixais desde o latim.

O prefixo *dis-* e a variante *di-* se inserem na terceira categoria, devido no latim serem prefixos legítimos diferentes dos prefixos composicionais¹⁵.

Outras gramáticas também buscam classificar os prefixos em categorias como a de Almeida (2009, [1951]). Segundo o autor os prefixos, em língua portuguesa, se originaram da transformação de advérbios ou de preposições. Assim, propõe uma classificação para os prefixos em três categorias: vernácula, latina e grega. A primeira

¹⁵ Com base em Schwindt (2001, p.2-3), os prefixos compostos “configuram-se como palavras fonológicas independentes, enquanto os primeiros se estruturam como sílabas átonas afixadas à esquerda de uma base.”.

constituída pelos prefixos latinos que sofreram alterações ou se aportuguesaram; a segunda abrangendo os prefixos que permaneceram como a forma originária e a terceira compreendendo os prefixos que são somente utilizados em palavras gregas.

A gramática de Bechara (2009 [1961]) defende que os prefixos:

têm mais força significativa, podem aparecer como formas livres (isto é, ter existência independente na língua) e não servem, como aqueles, para determinar uma nova categoria gramatical. Nem sempre existe em português a preposição que corresponde ao prefixo empregado: intermédio (cf. preposição *entre*), combater (cf. preposição *com*), depenar (cf. preposição *de*), avocar (cf. prep. *a* = ao lado, para perto de), sobraçar (cf. prep. *sob*), sobrepor (cf. prep. *sobre*), embainhar (cf. prep. *em* = movimento para dentro), mas abusar (*ab* = afastamento, privação), progresso (*pro* = movimento para diante, favorecimento), refazer (*re* = repetição). (BECHARA, 2009 [1961], p.281)

A partir desta perspectiva, fica claro que os prefixos se modificam historicamente e, ainda, interferem no contexto mórfico a que são ajuntados. Assim, serão descritas, de forma sucinta, as interpretações dadas aos prefixos *dis-* e a variante *di-* em gramáticas históricas, gramáticas normativas e, em alguns artigos, dissertações e teses.

Nos estudos realizados por Rio-Torto (2014) há uma descrição e uma proposta acerca dos prefixos latinos da língua portuguesa. Nela, consta que foram originados, em sua maioria, de prefixos latinos (*ad-*, *in-*, *re-*), de preposições latinas (*ad*, *ante*, *contra*, *cum*, *in*, *trans*) e de advérbios (*bene*, *male*, *minus*) também latinos. Ainda enuncia que:

Na língua-mãe (cf. *ante*, *contra*), como na portuguesa (*ante*, *contra*), uma mesma forma pode ter valor prefixal (*ante-câmara*, *contra-proposta*) ou preposicional (*ante o acontecido*, *contra o parecer do legislador...*), mas a forma não faz (nem se confunde com) a função: a preposição *com* (cf. *alinhar com alguém*, *pactuar com x*, *viver com x*) não equivale funcionalmente ao prefixo *com-* em *compatriota*, *compactuar*, *consorte* (Rio-Torto, 2014, p.03)

Trabalhando com dados que respaldam a categorização evidenciada nos exemplos supracitados, enuncia que tais prefixos são muito produtivos e polissêmicos em língua portuguesa.

Com base nos estudos pesquisados, nas secções seguintes, serão comentados a origem, o processo de formação e a significação histórica dos prefixos pesquisados.

2.2 O PREFIXO *DIS-* E A VARIANTE *DI-*: PERCURSO HISTÓRICO

Romanelli (1964), em seus estudos analíticos dos prefixos latinos, listou e descreveu as características históricas, morfológicas, semânticas e os processos fonológicos sofridos por quarenta e três prefixos de étimo indo-europeu. Assevera que:

Nem todos, porém, se originaram de partículas adverbiais indo-europeias. Oito dentre eles são de origem numeral: *ambi-*, *bis-*, *dis-*, *du-*, *tri-* e *uni-*. Cinco são oriundos de substantivos ou adjetivos substantivados: *ante*, *circum*, *contra*, *extro* e *intro*. Dois são de origem verbal – *per* e *trans* – [...]. Os demais são de origem adverbial: *ab*, *ad*, *cis*, *com-*, *de*, *ex*, *in-*, *in*, *indu-*, *inter*, *ne(g)-*, *ob*, *po-*, *por-*, *post*, *prae*, *praeter*, *pri-*, *pro(d)*, *retro*, *sub*, *subter*, *super-*, *ve-*. (Romanelli, 1964, p. 16-17).

O autor assevera que etimologicamente o prefixo *dis-*¹⁶ é originado do indo-europeu da forma afim **dwis*, com o significado de duas vezes, advindo da raiz **√dwō(u)* que tem por significado igual a dois. Considera que o {s} do prefixo *dis-* é o mesmo dos prefixos *abs*, *cis* e *subs*, ou seja, cuja inserção proporciona o alargamento da raiz **√dwi*, advinda do determinante adverbial indo-europeu. Ainda ressalta que esse prefixo se manteve em junção às consoantes surdas **[s]*, **[p]*, **[k]*, **[t]* e ao **[i]* sonântico (ex.: *Discedo*, *dispono*, *disquiro*, *distribuo* e *Disiungo*).

No que concerne ao [i] sonântico, há a ressalva de que, na maioria dos casos, o prefixo *dis-* permanece, embora na literatura circulante sobre o assunto sejam encontrados casos exemplificando a presença da variante *di-*, como em *dīiudico*, *dījudico*.

O prefixo *dis-*, também, sofreu transformações fonológicas quando associado a outros contextos consonantais e/ou vocálicos, conforme as ocorrências inscritas no quadro¹⁷ a seguir:

¹⁶ O prefixo *dis-* de origem latina existe em outras línguas como galego, espanhol, francês e catalão.

¹⁷ A organização e a disposição são de elaboração da autora do trabalho.

Quadro nº 06 – Descrição diacrônica do prefixo *dis-*

VARIANTE	CONTEXTO	PROCESSO	EXEMPLOS EM LATIM
<i>Dif-</i>	Antes de palavras iniciadas por *[f]	Assimilação total	<i>Differo</i> , <i>diffido</i> , <i>difundo</i>
<i>Dir-</i>	Antes de palavras iniciadas por h ou vogal *[i]	Primeiramente, sonorização e posteriormente, o rotacismo do fonema *[s]	<i>Diribeo</i> < * <i>dis-habeo</i>), <i>dirimo</i> < * <i>dis-emo</i> .
<i>Di-</i>	Antes de palavras iniciadas por consoantes oclusivas sonoras *[b], *[d], *[g]; consoantes líquidas *[l], *[m], *[n], *[r]; antes de *[u] sonântico	Sonorização e síncope do *[s], com alongamento compensatório do vocalismo prefixal.	<i>Dibuccino</i> , <i>dīduco</i> , <i>digredior</i> , <i>diluo</i> , <i>dimitto</i> , <i>dīnumero</i> , <i>dígido</i> e <i>dīvido</i> .
<i>Di-</i>	Ligado a palavras com *[s] impuro, nos grupos consonantais (sc-, sp- e st-)	Simplificação geminada	<i>Dissinddo</i> < * <i>dis-cindo</i> , <i>dissipio</i> < * <i>dis-picio</i> e <i>disstringo</i> < * <i>dis-tringo</i>

Fonte: Romanelli (1964)

Romanelli (1964) demonstra que o formante assume um comportamento variado em relação à base a que se agrega. Dessa maneira, pelas pesquisas realizadas é possível afirmar que, desde sua origem, o prefixo *dis-* assume um comportamento fônico variável e essa variação estava ligada à base a que se associava formante *dis-*, se base iniciada por fonema vocálico e/ou por alguns fonemas consonantais, poderia provocar alterações fonológicas, passando por uma ambientação fônica em prol da formação de novas palavras.

Observamos nas palavras analisadas do DHLP essa adaptação ao contexto fônico ainda acontece, mas com variações ocorridas em alguns contextos examinados pelo linguista é uma característica marcante e singular do formante.

Não podemos assegurar que esse seja o fato decisivo e de maior contribuição da mudança da produtividade em *dis-*. O que podemos apontar e comprovar que nos verbetes examinados há esse mesmo comportamento variável do formante em relação à base a que se adjunge, tendo por exemplo identificado que o fonema /f/ provoca apagamento de do fonema /s/ no formante *dis-*, igualmente documentado por Romanelli (1964) nas palavras latinas.

Tal fato é identificado e confirmado por nós no *corpus* de análise desta pesquisa, nos verbetes *difamar*, *diferente*, *difícultoso*, porém, também, averiguamos nos verbetes de língua portuguesa em sincronia atual, exceções como os verbetes DHLP *disfarçar*, e nos neologismos, como: *disfalar*, *disformidade* descritos morfossemanticamente no capítulo 4, ou seja, de acordo com as proposições do estudioso há o apagamento, mas averiguamos há ocorrência do processo distinto com a presença do fonema /s/ em alguns verbetes estudados.

Ressaltamos, com base nestes exemplos, que o prefixo se adaptava ao contexto fônico e ainda continua a se adaptar, porém nem sempre ocorrer fenômeno idêntico ao do latim, há alterações que se concretizam na maioria dos verbetes, em outros não.

Assim, Câmara Júnior (1977) argumenta que unidades sonoras influenciam na transformação morfológica de uma língua, por meio de sua capacidade de passar por processo de variação. Unidades morfológicas também contribuem com as modificações fonológicas. Dessa forma, os processos, muitas vezes, atingem o sistema linguístico como todo, mas sempre havendo um ponto de partida.

Ainda de acordo com Romanelli, o prefixo *dis-* era utilizado nas construções de compostos verbais (*dido* < **dis-do*) e, também, de compostos nominais, com étimos nominais (*dimidius* < *dis* + *medius*, *dividir ao meio*) e étimos verbais (*difficilis* < *dis* + *facilis*, de *facio*, *difícil*) e expressava valores semânticos distintos tanto na forma de prefixo *dis-* quanto na de sua variante.

Dessa forma, o prefixo *dis-* pode significar separação, disjunção, afastamento, diversidade de direção, negação, antonímia, intensidade, reforço de sentido, ordem, arranjo, disposição. Tais sentidos assumidos pelo formante *dis-*, desde o latim, permaneceram na formação de palavras em língua portuguesa, ocorrência vislumbrada nos verbetes estudados. Além destes valores semânticos, outros sentidos ainda não registrados nas gramáticas pesquisadas foram detectados, os quais serão descritos no capítulo III mais detalhadamente.

Destarte, além de descrever os valores vinculados pelos prefixos à base, neste trabalho, procuramos responder ao questionamento se há ou não a mesma produtividade outrora documentada pelos gramáticos históricos como Nascentes (1952), no DELP/AN, para isso, a investigação dos formantes será de cunho tanto sincrônico quanto diacrônico.

Assim, o prefixo *dis-*, na gramática de Coutinho (1976, p.177), ocorre com morfema principal *dis-* e uma variante *di-*, tendo valores semânticos variados, pois, podem significar afastamento, cessação, divisão em duas partes, dualidade, falta, intensidade, movimento em vários sentidos, negação e separação. O linguista explica ainda que estes prefixos são bem recorrentes na produção de palavras em língua portuguesa. A seguir serão citados alguns exemplos extraídos da gramática histórica de Coutinho (1976) e inscritos no quadro abaixo:

Quadro nº 07 - Demonstrativo de valor semântico

VALOR SEMÂNTICO	EXEMPLOS
Afastamento	Divagar
Cessação	Distilar
Divisão em partes	Dissecar
Dualidade	Distinguir
Falta	Dissabor
Intensidade	Distender
Movimento em vários sentidos	Disseminar
Nega�o	Dissentir
Separa�o	Disjuntir

Fonte: Coutinho (1976)

Para Cunha e Cintra (1985), o prefixo *dis-*, alm da variante *di-*, tem um alomorfe *dir-*, que assume geralmente os sentidos de separao, movimento para todos os lados e negao, sendo usado, principalmente, na formao de verbos e adjetivos.

Outro estudo que refora a ideia de variao semntica dos prefixos descritos aqui a anlise realizada por Balsan (1941), na qual o autor explica que o prefixo *di-* uma variante de *dis-*, que pode assumir trs significados:

- (i) separao: digresso;
- (ii) reduo: diminuio e;
- (iii) repartio: diviso.

Nos estudos realizados por Ramos (2001) sobre a formao de palavras com prefixos negativos *des-*, *in-* e no em uma perspectiva sincrnica, a autora descreve tambm o prefixo *dis-*, porque considera esse formante como a origem do prefixo *des*.

A autora enuncia que na formação dos prefixos do português, o *dis-* latino permanece invariável, quando antecede os fonemas /p/, /k/, /t/, /s/. Expõe ainda que existe um *dis-* originário dos prefixos gregos, geralmente, com o significado de duplo, dualidade. Tais dados serão inscritos no quadro¹⁸ a seguir:

Quadro nº 08 – Descrição de dados em Ramos (2001)

PREFIXO	LÍNGUA DE ORIGEM	VALOR SEMÂNTICO	EXEMPLOS
DIS-	Latim	Afastamento	Dispensar
DIS-	Latim	Movimento em várias direções	Distrair
DIS-	Latim	Negação	Dissuadir
DIS-/DI-	Latim	Dispersão	Difundir
DIS-/DI-	Latim	Dispersão	Dimanar
DIS-	Grego	Dificuldade	Displasia
DIS-	Grego	Dificuldade	Dispneia
DIS-	Grego	Dualidade	Dissílabo
DIS-	Grego	Dualidade	Dístico

Fonte: Ramos (2001)

Embora a pesquisadora traga em seus dados exemplos da ocorrência do formante somente em contexto consonantal, como os descritos na tabela anterior, faz também considerações sobre o contexto vocálico, explicando que o formante *dis-* ao ser seguido de vogal, sofre a perda do fonema /s/, porém não traz exemplos desse apagamento mediante vogal.

Nos verbetes do DHLP, tal apagamento do fonema /s/ não se concretiza nos verbetes analisados neste contexto vocálico, visto que foi observado o apagamento deste fonema diante de alguns fonemas consonantais, ou seja, a fricativa /v/, lateral /l/, nasais /m/, /n/, oclusivas /b/, /d/, /g/ e às vezes, também ocorre o apagamento em contextos vocálicos.

Na verdade, detectamos nos verbetes colhidos nos dicionários selecionados que, no contexto vocálico, há a ocorrência do prefixo *dis-*, porém, em alguns verbetes o que procede é a transformação do fonema /s/ em outro fonema, e apagamento. Por exemplo, em *diruir* (*dis-* + *uir*); *dirimir* (*dis-* + *-eměre*) temos a transformação do fonema /s/ em uma fricativa surda /r/, quando o formante está antes de fonema vocálico /e/ e /u/, mas temos outros exemplos como palavra *divagar* (*dis-* + *uagāre*), na qual realmente acontece o apagamento. Assim, vemos que:

¹⁸ A organização e a descrição semântica foram elaboradas pela autora do trabalho, somente os exemplos são de Ramos (2001).

❖ **Divagar** (1680) v. < *lat. divagāre* 'percorrer sem rumo, vagar por aqui e ali', há a junção do prefixo *dis-* + *vagāre*, sendo possível constatar o apagamento do fonema /s/, antes a vogal /u/, com frequência de uso: 134000, verbete erudito.

Nesta formação verbal, que o formante *di-* apresenta valor semântico de afastamento, no sentido de *divagar* também pode significar 'afastar-se de um assunto, devanear, fantasiar'. Esse valor semântico original foi mantido na entrada do verbete em língua portuguesa. No DHLP, há registrado de um parônimo para esta palavra: *devagar*.

Com relação à palavra *devagar*, esse verbete não tem a origem totalmente esclarecida, sendo documentada que a base morfológica é a mesma de *divagar*, mais acoplagem prefixal não é; o verbete *devagar* foi formado pela preposição *de* mais *vagar*.

Foi constatada a existência de uma influência semântica da variante *di-* em relação a *de-* devido ambos compartilharem a acepção de separação. Dessa maneira, para o verbete *devagar*, vislumbramos duas hipóteses:

❖ **Devagar**¹⁹ (século XIV) adv. < *lat. vacāre*, 'ficar vago', [cf. *1vag*²⁰] e,

❖ **Devagar** (século XIV) adv. < *lat. vagāre* pelo verbo depoente de *vagāri*, significando 'ir de um lugar a outro sem direção definida, vacilar, andar a esmo, errar', [cf. *2vag*²¹].

¹⁹ Também coletamos o significado de com vagar; vagorosamente, sem pressa; sem brusquidão; suavemente; de forma progressiva.

²⁰ No DHLP, ¹**Vag-** Antepositivo, do v.lat.cl. *vāco,as,vacāvi* e *vacūi,ātum,āre* 'estar vazio, vago, desocupado (espaço, lugar); não ter um proprietário; ser livre; estar sem ocupação, sem ter o que fazer; não ser casada; ser isento de (tarefa, responsabilidade etc.); ter tempo para; ser redundante etc.'

²¹No DHLP, ²**Vag-** antepositivo, do lat. *vagus,a,um* 'que se move livremente de um lugar a outro, errante; inconstante (na maneira de ser, na aparência, no procedimento); volúvel, leviano (diz-se de amante); incerto, indeciso, vacilante; livre, independente; extravagante; desocupado, ocioso' (da raiz indo-europeia **wag-* 'mover-se sem rumo certo, errar'), fonte no lat. do v. *vagor,āris,ātus sum,āri* (depoente) 'ir de um lugar a outro sem direção definida, mover-se ou ser carregado para cá e para lá livremente, errar; estender-se livremente ou sem empecilhos (sobre uma área); ser discursivo, divagador; agir sem regras ou princípios; ser inconstante na forma (diz-se de coisas).

Conforme o DHLP, há no século XV, uma variação desta palavra documentada como *deuagar* em concorrência com *devagar*.

Pela análise realizada parece nítida a existência de uma alternância entre os prefixos *dis-* e *de-* (v. tópico 2.2), como também, o compartilhamento dos sentidos como negação e afastamento (v. capítulo 3). A ideia de correspondência semântica está marcada em obras como Coutinho (1976), Cunha e Cintra (1985), Viaro (2004), entre outras.

Viaro (2004) evidencia a existência de variação dos prefixos *des-*, *dis-* *de-* e aponta ser, ao mesmo tempo, complexo e difícil, fazer uma distinção entre eles, ocorrida somente, sincronicamente, devido ao fato de os fenômenos linguísticos não serem simultâneos e as alterações serem graduais e lentas. O autor ao descrever o sistema prefixal da língua portuguesa, explica que no que concerne o prefixo *dis-*, é possível constatar que há um:

- (i) prefixo *dis-* provindo do latim (palavras de origem culta), ex.: discernir;
- (ii) prefixo *dis-* provindo do grego *dys-* (antigamente se escrevia com y), Ex.: *disenteria*;
- (iii) prefixo *dif-*, ex.: *dis+facilis > difficilis > difícil*, com assimilação e metafoia;
- (iv) prefixo *di-* variante do *dis-* latino, ex. divertir;
- (v) *des-*, forma originada de *dis-* ou *de* + *ex-*, ex. desatualizar.

Com base na análise, é possível afirmar que esta diversidade de significados, possibilitada pelo prefixo, deve ser examinada, com base na descrição etimológica e na produtividade de criação de verbetes.

Dessa maneira, retomando, neste estudo, o pressuposto que os caminhos seguidos por um prefixo podem ser esclarecidos, houve a opção, neste trabalho, em descrever os verbetes, adotando critérios diacrônicos, semânticos e morfofonológicos.

Desse modo, Viaro (2006, p. 2) assevera que:

Toda palavra tem um núcleo etimológico que é sua raiz* [...] algumas desaparecem ao longo do tempo. Um exemplo disso é a palavra *comer*, cuja raiz latina *ed-* desapareceu completamente, quando se pensa no termo latino que a gerou (ou seja, *comedere*). Um *radical**, por outro lado, nada mais é do que uma raiz expandida, por meio de pequenas sílabas significativas, ou seja, os afixos *. Esse processo se chama *afixação **.

Assim, o foco deste trabalho incide na identificação e na descrição das raízes dos verbetes selecionados com o intuito de entender como as alterações semânticas ocorreram diacronicamente e que processos morfofonológicos influenciaram na mudança dos prefixos. Vale salientar que por questões metodológicas, nele foram agrupados os verbetes com os alomorfes *dif-* e *dir-* coletados nos dicionários consultados, juntamente com a variante *di-*. Tal junção foi feita seguindo critérios morfofonológicos, em virtude de os dados coletados apresentarem as seguintes ocorrências:

- (i) *dis-* > *dis-*
- (ii) *dis-* > *di-*
- (iii) *di-* > *di-*
- (iv) *dis* > *di(f)*, *di(r)-* > *di-*

No item 01, foram analisadas as palavras formadas no latim que se mantiveram na língua portuguesa sem alteração do prefixo *dis-* e as criadas em língua portuguesa com a permanência do formante *dis-*:

❖ ***Distrato*** (1573) s. > lat. *distráctus*, ús, significando 'rescisão de um contrato'.

Distrato é um exemplo de verbete formado no latim que se manteve sem modificações fonológicas, entrando em língua portuguesa com a estrutura idêntica à do latim, e com a manutenção do valor semântico que já teria no latim de “reverter o que foi dito”.

Neste caso, “de desfazer um trato, retornar ao trato que anteriormente existia”, todos os elementos fonológicos e morfológicos da formação da palavra estão presentes no verbete, donde *dis-* + *-trato*, gerou *distrato*, sendo uma palavra ainda bastante utilizada atualmente, com frequência de uso de 90000. É um verbete semierudito.

Pelo *corpus* analisado o comportamento diacrônico do prefixo *dis-* mostrou-se variável, ou seja, apresentou-se como formante *dis-* ou variantes *di-/di(f)/di(r)*, porque sofre modificações, influenciado pela base a que se associa, o que implica em dizer que o fonema inicial da base determina a permanência ou a alteração do prefixo *dis-* na palavra gerada.

Os verbetes estudados demonstram, assim, a nítida influência do contexto fonológico vocálico e/ou consonantal na formação de palavras. Dessa maneira, é possível afirmar que questões morfofonológicas também colaboram, interferem na formação de palavras com o prefixo, podendo ser as responsáveis pela produtividade ou não dele e que a produtividade do elemento formante, não interfere em sua potencialidade na sincronia atual.

A descrição completa do contexto fonológico na geração de palavras com o formante *dis-* e variante *di-* foi apresentada no capítulo 2, no qual consta as formas derivadas e o contexto fônico inicial da palavra base. Vale salientar que na geração de novas palavras, o formante *dis-* não se modifica mediante consoante oclusiva surda /t/ e sonora /d/.

No item 02, constam as palavras com a variante *di-*, nas quais na passagem para o português ocorreu o apagamento do fonema /s/, antecedido de uma sonorização quando em junção a um fonema sonoro, por exemplo, o fonema /m/.

❖ **Dimanar** (século XVI) v. <lat. *dimáno*, *āre* 'espalhar-se, derramar-se, estender-se'".

Em *dimanar*, o valor semântico da variante *di-* remete a dispersão, no sentido de espalhar ou reforçar o valor de **manar**²² v. (século XIII) > lat. *máno*, *āre*, 'correr em gotas, difundir-se, emanar', ou seja, *dimanar* é a dispersão das águas. O DELP/AGC, ainda, registra que este verbete no latim medieval teve a formação de *di(s)* + a raiz √*man-* + *-āre*, formando assim *dimanar*. A frequência de uso é 5340000, sendo um verbete semierudito.

²² Há, no DHLPE, três acepções para a palavra *mana*: (i) fazer verter ou verter ger. com abundância (falando de um líquido ou gás); brotar, fluir, jorrar; (ii) dar origem a; produzir, criar e (iii) derivação: sentido figurado: ter origem em; provir, proceder, originar-se.

No verbete *dimanar*, é possível ter ocorrido uma cristalização de formas opacas²³, ou seja, o falante não vislumbrar mais no verbete atual, de maneira explícita, o formante *di-*, diferentemente do formante *dis-* que é transparente na estrutura prefixal da palavra *discordar*, sendo visível a formação de *dis-* + *-cord(a)* + *-ar*, com sentido negativo, oposição e frequência de uso de 369000, veio para o por via erudita.

Entretanto, a opacidade se manifesta na sincronia atual, não corresponde à transparência que existia neste verbete no latim, no qual o sentido de intensidade é evidente na concepção descrita em DESLP de gotejar, escorrer lentamente, destilar, com o acréscimo do prefixo, agrega-se a acepção de espalhar-se, difundir-se.

No item 03, temos o verbete:

❖ ***Dilacerar*** v. (1597) < *lat. dilacĕro, āre*, significando '*rasgar, fazer em pedaços*'.

Neste caso, o formante *di-* compreendido enquanto intensidade, reforço, aumento, vinculando uma maior intensidade à base *lacer*, já que existe também a palavra anterior *lacerar* (Século XV).

Segundo o DESLP *lacerar* indicaria ideia idêntica a *dilacerar*, porém, no DELP/JPM, está inscrito que com o uso do prefixo *di-* a palavra adquiria um reforço enquanto valor semântico, como fosse uma gradação, *lacerar* no sentido de rasgar, e *dilacerar* no sentido de destroçar. Nestes exemplos, há uma frequência de uso considerável de 23200 para a primeira palavra e 20300 para segunda.

Foi observado que já no latim aconteceu o acréscimo do prefixo *di-*, desse modo, verbetes semelhantes a *dilacerar*²⁴ marcam a passagem do *di-* > *di-* do latim para a língua portuguesa.

²³ Opacidade, segundo Gonçalves (2019, p. 38), é o processo de ser perder a transparência de um morfema na sincronia atual, não podendo ser identificado de forma mais clara pelo usuário da língua, porque a semelhança formal é insuficiente para “estabelecer semelhança semântica entre as unidades contrastes”.

²⁴ De acordo com o dicionário Gaffiot (2016, [1934], p.488) *dilācĕrātĭō, ōnis*, f. (dilacero), déchirement: Arn. 2, 45. *dilācĕrō*,¹³ *āvī, ātum, āre* (dis, lacero), tr., déchirer, mettre en pièces: ad rem publicam dilacerandam Cic.Mil. 24, pour déchirer l'État.

No item 04, temos duas variantes do formante *dis-* que se formaram por meio de alteração fonológica em *dif-* e *dir-*, donde variante *dif-*, o fonema /s/ do prefixo passou por assimilação total quando adjungido a um fonema fricativo surdo /f/, como o ocorrido com *diferente*. Primeiramente, serão apresentados os verbetes com a variante *dif-* e posteriormente com *dir-*.

❖ **Diferente**²⁵ adj. (século XV) < lat. *diffērens*, éntis forma advinda do particípio presente do verbo latino *differe*, *differre*, '*diferir*'.

Neste verbete, já no latim ocorreu o processo da assimilação, e de acordo com DHLP, o prefixo assume a acepção de 'que difere parcial ou totalmente; que não é semelhante, igual ou idêntico; distinto'.

O alomorfe *di(f)-* adquire o valor semântico de ação contrária à de ferir alguém, isto é, significa dizer que o formante *di-*, na formação *di-* + a raiz $\sqrt{\text{fer-}}$ +-ente, traz o sentido de não se ferir alguém. Os dezessete verbetes do dicionário *Houaiss* (2001), com a mudança de *dis-* > *dif-* e, posteriormente, de *di(f)* > *di-*, foram inseridos nos verbetes da variante *di-*, pelos seguintes motivos:

- (i) as três variantes *dif-/di-/dir* são alomorfes de *dis-*;
- (ii) compartilham os traços e as características morfossemânticas no percurso diacrônico e na sincronia atual já que advém do mesmo prefixo;
- (iii) correspondem, na sincronia atual, a mesma variante *di-* originadas de alterações fonético-fonológicas do prefixo *dis-*.

Foram reduzidos por meio destes critérios os verbetes analisados, inserindo-os em dois grupos: no primeiro ficaram as palavras que sem alterações mórficas do prefixo *dis-*, inclusas, portanto, as que mostram o seguinte caminho histórico do formante: *dis-* > *dis-*; no segundo grupo as que marcam a presença atual da variante *di-*, tendo chegado a esta variante por duas possibilidades:

- a) *dis-* > *di-*
- b) *dis-* > *di(f)-*, *di(r)-* > *di-*

²⁵ No DHLP, há o registro de outras de mais quatro acepções: (i) que é vário; variegado; (ii) que apresenta algum aspecto novo ou desconhecido; que sofreu alteração; mudado, modificado; (iii) que não é frequente; raro, incomum e (iv) de relações cortadas ou quase cortadas.

No que concerne à variante *di(f)-*, foi identificado que os verbetes dos dicionários comprovam a modificação fonológica, inclusive, com algumas exceções, nas formas derivadas no português atual.

Ressaltamos, que em quase todas as palavras de origem latina, nas quais aconteceu a junção do formante *dis-* a um fonema fricativo surdo, foram alteradas por assimilação, cerca de 98% das palavras descritas, tendo 2% de palavras em que o fenômeno supracitado não se realiza, como ocorreu em *disferir*, porém, esta palavra aqui não será explicitada, pois a mesma foi enquadrada nos verbetes que têm influência e fazem parte do percurso de formação do formante *des-* e lá será tratada a devida *dilucidação* concernente à mudança em questão (V. 2.2 desta seção). Será explicitado aqui o contexto fônico diferente do esperado com o verbo *disfarçar*: um verbete advindo para o português por via empréstimo estrangeira.

No verbete *disfarçar*, com frequência de 555000, há a presença do fonema /s/ no mesmo ambiente fônico. Foi detectada a presença do prefixo *dis-* antes de fricativa surda /f/, nos verbetes vindos para o português por via de empréstimo ou do galego, ou do catalão, ou do francês. (V. capítulo 3)

No verbete *disfarçar*, foi verificado no DHLP que há a datação, a origem não está esclarecida, sendo a palavra considerada como de origem controversa. No entanto, o DELP/AN afirma que a palavra veio para o português por meio do catalão de *desfressar*, via o arcaico *desfarçar*, português atual *disfarçar*.

Já o DELP/AGC traz duas possíveis etimologias: a primeira com a origem do catalão, com o registro de uma variação gráfica: *disfressar*; a segunda seria via o castelhano *desfreza*, hipoteticamente vindo de *freza*, com valor de ‘rastro, pista’, apresentando o valor semântico de *des-* de apagar, encobrir os rastros.

Corominas (1992) documenta *disfarçar* como vinda também do catalão, *disfressar*, com datação de 1460, com o sentido de ‘*emascarar*’. Registra o fato da palavra existir em outras línguas peninsulares, mostrando assim, a probabilidade de derivar de *freze*, com acepção de ‘dissimular as pistas de um animal’, sendo que a documentação mais antiga, na qual a palavra foi encontrada é do catalão, donde por meio de modificação fonética se explicaria também a alteração, de *disfraz*²⁶ (1599) por *desfrez*, na segunda metade do século XVI.

²⁶ Corominas (1992) ainda cita outros verbetes, nos quais teriam acontecido a mesma modificação: *disfrutar*, *disfrute*; *disgregar*; *disgustar*.

Assim, é entendido que na palavra ocorra o que o linguista Ferreiro (1999, [1995]) explica ser uma mudança por influência (contaminação lexical):

Muitas mudanças fonéticas são devido às muitas influências vocabulares, muito habituais em todas as línguas, sendo difícil distinguir estritamente o que se deve à etimologia do que a um cruzamento de palavra²⁷ (Ferreiro, 1999, p. 53).

Neste caso, *disfarçar* (1566) passou por alteração fonética tal como ocorreu no galego, donde há exemplos da transformação da vogal pretônica /e/ > /i/ e de /i/ > /e/, causados por processos como a assimilação²⁸, a dissimilação, a analogia e a metafonía. Ainda como palavras que se encaixam na alteração de *dí(r)-* > *di-*, existem os seguintes processos: num primeiro momento ocorre o processo de sonorização do fonema /s/ e depois o rotacismo, havendo um contexto fonológico que propicia esta alteração, ou seja, a junção do formante *dis-* a bases com constituinte inicial h ou o fonema /r/. Essa alteração ocorreu muitas vezes já no latim, como é o caso de o verbete *dirimir*.

❖ **Dirimir** v. (1674) > lat. *dirīmo*, -ēre 'separar, romper, descontinuar, destruir'; ver -*emēre*, gerado a partir de *dis-* + -*emēre*, que por influência da vogal /e/, o fonema /s/ sofre sonorização e, posteriormente, rotacismo.

Para a compreensão do sentido do formante *dis-*, em *dirimir*, é necessário examinar o elemento constituinte – *emēre-*, que, de acordo com DESLP, significa:

Fonte: Farias, 1985, p. 347

²⁷ Moitas evolucións fonéticas son debidas ás mutuas influencias vocabulares, moi habituais en todas as línguas, sendo difícil distinguir estritamente o que se debe á etimoloxía do que responde a un cruzamento entre vocábulos.

²⁸De acordo com Ferreiro (1999 [1995], p. 195) “a asimilación, en calquera das súas variantes, está na base de grande parte das evolucións fonéticas producidas desde o latín até o galego-portugués.”

O DELP/AGC²⁹ traz o significado de ‘*anular, impedir de modo absoluto, extinguir*’. Observamos que o formante assume o valor de desfazer o que foi comprado, separar o que foi tomado.

O DHLP traz outras acepções para *dirimir*, sendo atribuído, também, as seguintes dentro do contexto:

- (i) impedir totalmente; obstruir
- (ii) tornar nulo; suprimir, extinguir, desfazer;
- (iii) conseguir a solução de; resolver, decidir, esclarecer.

O verbete *dirimir*, com a frequência de 752000, é um dado relevante, porque evidencia o comportamento flexível do formante, se o comparar com *des-* e *de-*, que são mais regulares fonologicamente, não passando por tantas alterações formais e, sim, semânticas, sendo este um dos motivos da produtividade do *des-*. Dados específicos sobre os comportamento e compartilhamento de traços entre *dis-/di-*, *des* e *de-*, foram registrados mais adiante no item 2.2.

Dessa maneira, percebemos que os formativos *dis-/di-/di(f)-/di(r)-* têm uma função nitidamente semântica: a de explicitar o sentido da base a que se adjunge, permitindo, por meio do uso de elementos fixos, exprimir um número praticamente ilimitado de ideias e conceitos que se modificam ao longo do tempo.

Todas as obras supracitadas fazem parte do arcabouço teórico deste trabalho e auxiliaram na construção e discussão sobre a temática prefixal, nelas foi percebido a existência de valores semânticos que se repetem na maioria das pesquisas realizadas, assim, foi elaborada uma tabela resumida dos valores mais documentados nas obras:

Quadro 09 - Descrição de valores semânticos de *dis-* e *di-*, *di(f)-*, *di(r)-*

PREFIXOS	SEPARAÇÃO, AFASTAMENTO	NEGAÇÃO, OPOSIÇÃO	INTENSIDADE, AUMENTO, REFORÇO
<i>Dís-</i>	Dissidência	Disfarçar	Dissolver
<i>Di-/Di(f)-/Di(r)-</i>	Diverso, difícil, dirimir	Divergir, difamar, dirigir	Dimanar

Fonte: Rosana do Vale

²⁹ Farias (1985) traz uma datação mais antiga para este verbete, sendo documentada a entrada dele no português no século XVI.

O presente quadro traz a síntese da compreensão acerca da significação posta pelos autores consultados, demonstrando os sentidos compartilhados tanto pelo prefixo *dis-* e a variante *di-*. A pesquisa buscou preencher os espaços utilizando verbetes latinos, para ter uma amostra mais real possível da produtividade e diferenciação semântica³⁰ (v. capítulo 3 e 4).

Foi averiguado que *dis* ~ *di-* remetem aos mesmos valores semânticos de separação, negação e intensidade. O fato do prefixo *dis-* indicar “movimento contrário”, como no verbete de base verbal - *distorcer* (*dis-* + *torcer*); o *dis-* com o sentido contrário identificado em *dissono*, *dissonoro*; o *dis-* com o sentido de fechar, tapar ou cobrir, sendo uma variante de *des-*, justificou a escolha por *dis-* ~ *des-* pela etimologia de *descobrir* do verbete do lat. *dīscōōpĕrĭre* < *dis-* + *-coopĕrĭre* < *cum-* + *-operĭre*; *disforme* (*dis-* + *-forma*) com significação de modificar, desfazer a forma.

Dessa maneira, notamos que nos verbetes de Houaiss (2001), DHLP, o prefixo *dis-* manifestou-se não somente na variante *di-*, mas foram registradas outras variantes - *dif-* e *dir-*, por exemplo, caso dos verbetes *dirimir* (lat. *dirĭmo*, -ĕre 'separar, romper, descontinuar, destruir;') e *difícil* (lat. *difficĭlis*).

É importante enfatizar que no prefixo *dis-* em muitos dos verbetes estudados, o processo da prefixal já ocorreu na língua de origem, cerca de 80% das palavras descritas são latinas, outras 10% vieram para português via empréstimo estrangeiro como o francês, o catalão, o galego, somente 10% são formadas no português.

É necessário entender que o prefixo *dis-* em seu percurso histórico veio via indo-europeu, passando para o latim até chegar à língua portuguesa. De acordo com Romanelli (1964), no latim já era um formante polissêmico e influenciado pelo ambiente fonológico que o cercava.

Fica esclarecido ainda que desde o latim, o *dis-* já era um elemento formativo bem produtivo e que, mesmo, no latim clássico e no vulgar, contribuía de forma relevante para criação de palavras novas pelo processo da prefixal.

Segundo Freire (1998) o processo de derivação prefixal latino foi influenciado por modificações provocadas por fatores morfofonológicos e que elas ocorriam no sistema fonológico e interferiram no sistema morfológico.

³⁰ Os valores atribuídos e as regras formação de palavras (RFP) no uso do prefixo *dis-* e da variante *di-* serão descritos no capítulo 3, com mais exemplos.

Dessa maneira, na formação de uma nova palavra no latim, não havia regularidade de processos com prefixos, isto é, um fenômeno que atingia um prefixo, talvez não afetasse outro prefixo de modo semelhante. Fato esse comprovado pelo comportamento dos formantes mediante a junção de vogais ou consoantes, porque há registros de prefixos latinos que:

- (i) se mantiveram inalterados e, também, não modificavam a base a que se agregavam;
- (ii) se modificavam a base, mas não se alteravam;
- (iii) se modificavam, não alterando a base;
- (iv) tanto modificavam a base quanto passavam por transformação morfológica.

Com o prefixo *dis-* houve tanto a permanência deste sem modificações fonológicas, quanto a transformação da base agregada a ele e a transformação do próprio prefixo, sendo que no latim clássico havia a tendência de assimilação do /s/ pelo ambiente fonético da base iniciada por consoante fricativa surda /f/. (FREITAS, 1998; FERREIRO, 1999).

O processo da assimilação³¹ era recorrente no latim, influenciando os prefixos, criando alomorfes, sendo o fenômeno responsável pela variação³² destes. Esse fato, também, é recorrente na língua portuguesa, que permaneceu, ao menos, para o formante *dis-* com a mesma incidência de alteração, mostrando vivacidade do fenômeno ocorrido desde latim até o português.

Entendemos que alterações fonológicas podem ser desencadeadas, entre tantos fatores, por fenômenos de assimilação, analogia, dissimilação, os quais não são exclusivos de um único sistema linguístico, podendo alcançar outros morfológicos. Com esta perspectiva, examinamos se o formante *dis-* /*di-* apresenta restrição quando acoplado a base, para tanto, descrevemos o contexto fonológico vocálico e/ou

³¹ Viaro (2006, p. 46) define a assimilação enquanto a “transformação fonética que ocorre quando, por causa da proximidade de dois sons, um deles afeta o outro de tal modo que o torna idêntico ou muito parecido a si. Assim, o segmento *rs* da palavra *persona* transformou-se em *s*, grafado *ss*, em *pessoa*. Dizemos então que o *r* se assimilou (= se assemelhou) ao *s*”.

³² Tratamos nesta tese, dos fatores internos provocadores de transformações linguísticas, porém reconhecemos que a língua não muda somente internamente, o contato linguístico entre grupos, a cultura partilhada, os fatores sociais e muitos outros contribuem de forma efetiva nesta mudança e não podem, de jeito nenhum ser nem menos nem mais importantes que os fatores internos. Entende-se, ainda que, uma língua é junção de percurso histórico, com fatores fonéticos, fonológicos, com as modificações sociais que os falantes proporcionam a ela.

consonantal da *corpora* para examinar se as transformações fonológicas ainda persistiam e se o formante *dis-* passou por outras alterações e quais ambientes propostos por Romanelli (1964) se mantiveram.

Os ambientes passíveis da ocorrência do prefixo e sua variante são demonstrados por meio de verbetes extraídos do *DHLP*, quando temos formas derivadas e base iniciada por contexto:

- (i) vocálico como nos exemplos *diserto*, *diruir*,
- (ii) consonantal, como consoantes fricativas surdas (ex.: *disfarçar*, *difamado* *diferente*, *difícultoso*, *discernimento*, *dissimular*, *dissecar*, *dissimetria*), fricativa sonoras (exs.: *divergente*, *direto*, *direção*, *dirimir*, *disjunção*), oclusivas surdas (exs.: *discrepar*, *discreto*, *dispendioso*, *discordante*, *disponível*, *disperso*, *dispendioso*, *díspar*), oclusivas sonoras (exs.: *digressão*, *digestivo*, *digerir*, *digestor*, *digladiar*, *digladição*, *disgregar*), nasais (exs.: *dimensão*, *diminuir*, *dimensível*, *dimensionar*, *dinumerar*, *dinumeração*) e laterais (exs.: *diluyente*, *diluição*, *dilacerar*, *dilapidar*, *dilatar*).

Com base nos dados inscritos nos exemplos acima, comprovamos a existência de uma abrangência combinatória do prefixo *dis-/di-* que desde o latim adapta-se fonologicamente a base a que se une.

observamos que o prefixo *dis-/di-* está presente em poucos contextos vocálicos e, em quase todos os ambientes consonantais, com a exceção de um único fonema, a oclusiva bilabial sonora /b/, a qual, geralmente, ou se apresenta com o prefixo *des-*, do português, ou o *dis-*, prefixo grego que significa mal, perturbação, distúrbio ligado a área da medicina, como os verbetes: *disbasia*, *disbulia*, *disbásico*, sendo que esses foram desconsiderados logo na fase inicial da pesquisa.

Com relação ao ambiente vocálico, percebemos nos verbetes que as palavras-base neste contexto apresentam o prefixo *dis-* ou a variante *di-* contabilizam cerca de 50 verbetes, entretanto, 26 foram descartadas na fase inicial do trabalho, por terem origem no *dis-/di-* grego, como nos verbetes: *disacusia*, *disestesia*. A maioria das palavras que foram utilizadas na análise apresentam o formante *dis-/di-* antes da vogal /u/.

As palavras restantes são oriundas do latim, como: *diserto* (*dis-* + *ertos*), já opacas, tanto que não se percebe na sincronia o *dis-* enquanto prefixo. Assim, o contexto vocálico foi o único em que o prefixo teve restrição de uso, sendo desencadeada essa restrição por todas as vogais nasais e pela vogal oral: [i].

Com relação aos contextos fonológicos consonantais, ocorre a seguinte adaptação:

♦ O prefixo *dis-* passa por alteração fônica com o apagamento do fonema /s/ diante de /g/, /l/, /n/, /m/, /n/ /r/, /v/, tornando-se *di-* e, transforma-se em di(f)- e di(r)- por meio de assimilação da palavra-base vocálica e consonantal e, posteriormente em *di-*. Essa alteração do fonema já ocorreu no latim, recorrendo assim, os mesmos processos com as palavras da língua portuguesa derivadas da língua latina, com exceção nas palavras consideradas neológicas, como *disfalar*.

Com relação da distribuição do prefixo em contexto de palavra-base formada por consoantes nasais, uma única observação deve ser feita:

♦ O fonema /m/ provoca o apagamento do fonema /s/ no prefixo, mas também nas palavras consideradas neológicas há a presença desse fonema, como em *dismisturar*.

Foram coletadas nos dicionários várias palavras com /m/ e poucas com o fonema /n/, por exemplo, *dinumerar* com apagamento.

Essa variabilidade do prefixo é um dos vários motivos apontados por autores como Câmara Júnior (1977) como propiciador do enfraquecimento deste, e a diminuição de sua produtividade.

Para Said ali (1964 [1921]), a subsequente transformação de *dis-* > *des-* ocorreu desde o latim, porém somente se consolidou em língua portuguesa.

Debateremos, na secção 2.2, as relações históricas que envolvem a formação de palavras e o uso dos prefixos *de-* e *des-* bem como as correlações semânticas com o formante *dis-*.

2.2 OS PREFIXOS *DIS-/DI-*, *DES-* E *DE-*: (COR)RELAÇÕES HISTÓRICAS E SEMÂNTICAS

No NDCELP, Constancio (1836) ressalta que os prefixos *dis* e *di-*, funcionam desde o latim como prefixos inseparáveis, indicando separação, variedade, diversidade de partes, como nos exemplos: *dispersar*, *distribuir*, *dispôr*, *dissentir*, *discordar*, *dilapidar*, *diverso*, *divertir*.

O linguista mostra ainda que, no século XV, era comum a permuta de *dis-* e *di-* com outros dois formantes *des-* ou *de-*, pois as pessoas escreviam *disforme*, “*disgraça*”, por “*desforme*”/ “*deforme*” ou *desgraça*, ocasionando a confusão entre os fonemas /i/ e /e/ e, às vezes, o apagamento do /s/.

Essa permuta, às vezes, é somente gráfica, mas nas maioria dos casos demonstra, a relação fonológica, morfológica e semântica destes formantes. Por isso, analisamos por meio de um panorama que aborda a origem e a modificação acepção destes prefixos adquiridas com o tempo.

A concorrência entre os prefixos *dis-* e *des-* é pontuada em vários obras e descrita em distintos períodos linguísticos, tais como Ribeiro (1883), Coutinho (1976), Alves (2000), De Bona (2014), Santos (2016).

Dessa maneira, observamos a influência entre os formantes nas palavras dos dicionários e gramáticas pesquisados, ora como étimo, ora como elemento co-ocorrente.

Esclarecemos que não nos propusemos a descrever a influência *ex-/es-* na formação de palavras pela exiguidade de tempo e por termos além do percurso do prefixo em estudo, verificado a origem e os valores semânticos de mais outros dois formantes: *des-* e *de-*. Desse modo, trouxemos somente informações adicionais sobre este prefixo *ex-*, obtidas nas pesquisas realizadas nos dicionários e outras obras consultadas.

Ressaltamos ainda que reconhecemos e postulamos que *ex-* exerça também a influência na formação de palavras com os prefixos: *dis-/di-*, *des-*, *de-*. Por exemplo, temos as palavras: *desvanecer* > lat. *evanescēre*; *desvelar* > lat. *evigilāre*, todas com troca do *ex-* > *des-*, conforme Nascentes (1952) afirma no DELP/AN.

Antes de demonstrar a influência *dis-* e *des-*, serão enunciados comentários sobre o prefixo *de-*:

2.2.1 As (cor)relações de *dis-/di* e *de-*: um percurso histórico-semântico

A obra de Coutinho (1976, p.177) classifica o prefixo *de-* como pertencente à lista de prefixos de origem latina. Para esse autor, tal prefixo teria um significado variável de acordo com o tempo e a base a que se agregava. Os prefixos se originariam de um advérbio ou preposição, podendo ser classificados, conforme o

autor, pela forma, valor, uso e origem. É um prefixo encontrado nas palavras de várias línguas como o francês, o português, o galego, o catalão, entre tantas.

Para Balsan (1991 [1941]), o prefixo advindo do latim apresenta em língua francesa, três significações³³ básicas: de privação, de movimento para cima e para baixo e de separação. Muitos desses significados são compartilhados com outros prefixos, como é o caso do prefixo o *dis-*, com quem partilha o sentido de privação. Porém, de acordo com Meyer-lübke (1914) o prefixo *ex-* foi o prefixo mais concorrente desde o latim.

Na língua francesa, Balsan (idem) configura que os prefixos ***des-***, ***dis-*** e ***de-*** são bem produtivos, havendo com o prefixo *des-* muitas palavras originadas pelo prefixo *dis-*.

No que tange à língua portuguesa, o formante *de->de*, ao longo do tempo, agregou valores de negação, de sentido contrário, de separação, de afastamento, de intensidade, valores estes também assumidos pelo prefixo *dis-*, além de manifestar-se em verbetes como o sentido de origem e direção para baixo.

Destarte, salientamos que o prefixo *de-* mantém uma correlação semântica com o prefixo *dis-* e podendo ser considerado como étimo de algumas palavras, atualmente, grafadas com *de-*. Vejamos os seguintes verbetes:

❖ **Derramar** (Século XIV) v. > lat. vulg. **diramāre* ou **disramāre*, com a acepção de '*separar, tirar os ramos*'.

O sentido expresso pelo formante *dis-* remete a '*dispersar, separar*', donde tem-se a formação de *dis-* + a raiz $\sqrt{\text{ram(i)}}$ -, com acepção de cortar os ramos.

Foi observado que o formante *dis-* passou por assimilação ainda no latim vulgar com a formação hipotética de **disramāre*, gerando a atual palavra derramar, com frequência de 262000.

³³ O dicionário da academia francesa *online* ressalta que *de-* marcou separação, distanciamento, união, associação, partição, consequência, origem e que serviu, desde o período clássico, em linguagem coloquial, para reforçar as formas de ablativo, então competiam, em baixo latim, com o partitivo genitivo e a posse.

Corominas (1992 [1961], p. 205) afirma que:

DERRAMAR 'verter un líquido', S. XIV, antes 'dispersar, desperdigar', h. 1140. De un lat. vg. **DĪRĀMĀRE* 'separarse las ramas de un árbol', de donde el it. *diramarsi* 'bifurcarse, dividirse en ramas, separarse' y otras palabras romances. Deriv. del lat. *RAMUS* 'rama'.

DERIV. *Derrama* 'tributo, contribución', 1573, primitivamente 'repartimiento de una contribución' (de la antigua acepción 'dispersar, desparramar' y luego 'distribuir'). *Derramamiento*, 1505. *Derrame*, 1832.

Cfr. *Derramasolaces*, 1587.

34

Na investigação realizada, esta palavra tem significação semelhante a da língua hispânica, como atesta o dicionário BDELC e outros três dicionários etimológicos DELP/AN, DELP/JPM, DELP/AGC, embora no DHLP, a origem de *derramar* esteja documentada como controversa, compreende-se ser esta uma possibilidade viável na estruturação do verbete *derramar*.

Freire (1998) registra a transformação do fonema /s/, no latim vulgar, por processo de sonorização pelo contato com a consoante líquida /r/. A hipótese de ocorrência da assimilação com fonema /s/, no elemento formante é bem possível por causa de dois fatores: o condicionamento fônico e a presença de verbetes que remetem à motivação morfológica.

No *corpus* da análise consta a palavra *derrear*, que na visão de Meyer-Lübke (1914) advém de latim vulgar, tendo a seguinte origem:

❖ **Derrear** (Século XIV) v. >**disrenāre*, de *dis-* + a raiz √-*ren-*, raiz latina de *ren*, *renis* 'rim') + *-are*; ver *ren(i/o)-*,

³⁴ *Derramar*- 'verter um líquido', século XIV, antes significava 'dispersar', h,1140. Do latim vulgar **dirrāmāre*, 'separar as ramas de uma árvore', donde o italiano *diramarse*, 'bifurcar-se, dividir-se em ramas, separar-se' e outras palavras do romance. Derivada do latim *ramus* 'rama'. Derivado de *Derrama*, 'tributo, contribuição', 1573, primitivamente, 'repartimento de uma contribuição' (da antiga aceção *dispersar, desparramar então distribuir*). *Derramamento*, 1505. *Derrame*, 1832. Cf. *Derramasolaces*, 1587.

Conforme esse autor, os ambientes fonético-fonológicos condicionam e promovem modificações semânticas nas palavras, sendo assim, há uma influência inegável da oralidade na escrita, mas “também a forma escrita pode servir de modelo e influenciar nas transformações das palavras³⁵”. (MEYER-LÜKBE, 1914, p. 291).

Meyer-Lübke (1914) ressalta que não somente questões fonológicas ou mórficas contribuem para alterações nos sentidos das palavras, mas fatores morfofonológicos, muitas vezes, são os motivadores da ampliação, da restrição, da criação de novos sentidos.

No caso de *derrear*, houve a pressuposição de que tenha vindo para língua portuguesa pelo latim vulgar, de forma semelhante como a ocorrida com a palavra *derramar*, pois o condicionamento fônico é o mesmo, havendo também influência da base no prefixo, neste contexto, o fonema /r/. Há outros verbetes encontrados nos dicionários que comprovam esta relação fonologia, morfológica e semântica entre os prefixos *dis-* e *de-*, vejamos:

❖ **Debulhar** (século XIII) v. > do lat. med. lus. *dibulāre*, * *depoliāre*, por *despoliāre*, de *spolium*, ‘*esbagoar, separar do casulo os grãos dos cereais, descascar, tirar a pele*’.

Conforme o DELP/JPM e o DELP/AGC, esse verbete entrou no português via origem latina, com a existência de uma provável junção do prefixo *dis-* mais *bulāre*, já no latim médio lusitânico. O contato da base iniciada com o fonema oclusivo sonoro /b/ provocou, desse modo, o apagamento do fonema /s/. O verbete pode ter passado por um hipotético **depoliāre* > *despoliāre*, por vez, *despoliāre* > *spolium*.

Com a formação de *debulhar*,³⁶ com a frequência de uso de 20200, foi considerado que, o *dis-* e o *de-* partilham o valor semântico igual de separação, visto que em *debulhar* o *de-* tem acepção de separar os grãos, as sementes, sentido

³⁵ Meyer-Lübke (1914, p. 291) “También la forma escrita puede servir de modelo e influir en la evolución [...]”.

³⁶ O NDCELP (1832) traz outra etimologia para “**DEBULHAR**, v. a. (Fr. *depouiller*, pron. *depulhe*, derivado do Lat. *pellis, pelle*), separar o grão dos casulos, da espiga: — espigas, no calçadouro; — grão, milho; it.— huma flor, desfolhar.” (p. 344). Assim, o verbete teria chegado ao português via francês.

assumido por *dis-* em diversos verbetes, observáveis na maioria dos dicionários referidos acerca do verbo *debulhar*.

O formante *dis-*, desse a origem latina, expressava sentido negativo e de contraposição, embora já no latim medieval tenha assumido a acepção de separação. O valor semântico de separação é bastante produtivo na formação de palavras nos séculos XII, XIII, XVI, XV, XVI e XVII, no português como confirmam os dados analisados, tanto os verbetes do DHLP quanto as palavras coletas no *Corpus Brasileiro* (V. capítulos 3 e 4).

Também constatamos que o verbo *disbulhar* no DRA,³⁷ é uma variante de *debulhar*, da região de Alentejo, ocorrência documentada na obra lexicográfica de Vasconcelos (1912)³⁸. Como *debulhar* é um verbo do século III, a variedade *disbulhar* reforça a tese de que o verbo tenha sofrido influência do prefixo *dis-*.

Os verbetes *derramar*, *derrear* e *desbulhar* são alguns dos verbetes, nos quais é possível demonstrar que o prefixo *dis-* tenha sido, possivelmente, o formante que originou essas palavras por meio de transformações morfofonológicas.

Ainda se registraram nos dados a existência de palavras que demonstram ter uma intrínseca relação entre os sentidos assumidos por *de-* e *dis-/di-*, uma influência histórica e semântica tanto do prefixo *dis-* com o prefixo *de-* quanto do prefixo *de-* para com *dis-/di-*. Além de concorrência entre os prefixos, foi vislumbrado em dois verbetes a ocorrência de permuta:

- (i) *dis-/ di-* por *de-* = discurso por de(s)curso [DELP/AGC];
- (ii) *de-* por *dis-/ di-* = deminuir por diminuir [DELP/AGC];

2.2.2 As (cor)relações de *dis-/di-* e *des-*: um percurso histórico-semântico

Para o entendimento do caminho percorrido pelo prefixo *dis-* no processo de formação de palavras no português, e para responder às questões propostas acerca da produtividade e potencialidade dele, foi necessária a compreensão das correlações, históricas, morfológicas e semânticas com o prefixo português *des-*, como também a busca da origem desse formante, para assim, dizer se este é ou não, a forma atualizada do *dis-*.

³⁷ <https://clul.ulisboa.pt/recurso/dicionario-de-regionalismos-e-arcaismos-de-leite-de-vasconcelos>.

³⁸ VASCONCELLOS, J. *Revista Lusitana*, volume 15, 1912 (DRA).

Investigando algumas gramáticas como a de Nunes (1945), Said Ali (1964 [1921]); Câmara Júnior (1976 [1945]), Coutinho (1976), os dicionários BDCELC, DAF, DRAG, DELP/AN, DELP/JPM, DELP/AGC, e as pesquisas de Campos (2004), Lopes (2013), De Bona (2014), Santos (2016) foi verificado que existem três possibilidades:

Quadro 10 - Hipóteses sobre a origem do prefixo *des-*

HIPÓTESIS	ORIGEM
1ª hipótese	<i>Dis-</i>
2ª hipótese	<i>De- + ex-</i>
3ª hipótese	<i>Dis- + ex-</i>

Fonte: Dados coletados

O DHLP discorre sobre duas dessas possibilidades de origem para o prefixo *des-*: a primeira pela transformação do elemento formativo *dis-* e a segunda tendo como elemento formante duas preposições *de- + ex-*. Proposição essa admitida por Ferreiro (1999) enquanto uma possibilidade, embora corrobore com a tese de que o *des-* venha do formante *dis-*.

Apesar de termos pressupostos teóricos que embasam as três teses, a maioria dos autores e dicionários pesquisados indicam como origem de *des-*, o prefixo *dis-*, como os dicionários: DELP/AN, DELP/JPM, DELP/AGC.

No DELP/AGC tanto o prefixo *des-* quanto o *dis-* expressam negação, separação, intensificação dentre suas várias propriedades semânticas. Assim, no processo de formação das línguas neolatinas, o prefixo *dis-* se romanizou, passando para o *des-* com a capacidade de formar novas palavras em língua portuguesa, mesmo permanecendo o formante *dis-* sem modificação em palavras advindas da língua latina.

Ferreiro (1999, [1995]) afirma que no galego há uma tendência a dissimilação e a assimilação que os fonemas /e/ e /i/, ou seja, eles tendem a permutarem entre si. Por exemplo, “*dissimulãre > dissimular > pop. desimular militãre > militar > pop. Melitar*”. (Ferreiro, 1999 [1995], p.53). (Processo de dissimilação).

A terceira possibilidade de origem do *des-* seria a junção de *des-* *de-* mostrada em Santos (2016), que examinou os prefixos *des-* e *de-*, na constituição dos processos de prefixação e parassintético. No trabalho, na defesa da segunda hipótese a autora averiguou a formação prefixal em critérios de seleção, combinação, restrição, desse elemento formativo. A autora ainda supõe que um dos motivos da produtividade do

des- em português seria a mudança morfossemântica ocorrida com o prefixo *dis-* e ressalta que o mais provável seria o fato do prefixo “Para alguns, *des-* teria sido o resultado da junção entre as preposições *de* e *ex* ou da união desta e do prefixo *dis-*; para outros, seria simplesmente a continuação do afixo *dis-* latino.” (Santos, 2016, p. 70).

A pesquisadora expõe e explica as três hipóteses sobre a origem do formante *des-*, concluindo que:

Assim, a recorrente questão sobre a origem de *des-*, ora sendo filiado à soma dos elementos formativos *de-* e *ex* ou *dis-* e *ex-*, ora sendo atribuída à transformação sofrida pelo formante *dis-*, começa a ser respondida. Entretanto, apesar da extensa pesquisa e das informações apuradas com essa análise, a resposta não é conclusiva, já que é necessário pesquisar os valores semânticos de *des-* para averiguar de que forma e em que medida esses afixos contribuíram e influenciaram em seu desenvolvimento morfossemântico. (SANTOS, 2016, p. 268).

No concernente a proposta de *des-* > *dis-* + *ex-*, Meyer-Lübke (1914) sugere a realização de um processo de ‘contaminação’ entre o *dis-* e *ex-*, morfológicamente, desde o latim, supostamente proporcionando a ocorrência de uma junção desses no português arcaico. Em algumas palavras da língua portuguesa, o elemento formante *ex-* é indicado enquanto concorrente de *dis-*. Tal fato provocaria permutas entre *dis-* e *ex-*, ex.: *estância* por *distância*.

Compreendemos que a relação dos prefixos não estaria baseada somente em uma alteração fonética-fonológica, mas também no compartilhamento de sentidos que os prefixos foram assumindo e, talvez pela renovação desses sentidos, ocorrida com ambas as formas. Assim, acreditamos que tantos os aspectos estruturais morfofonológicos e semânticos, quanto as motivações extralinguísticas podem ter motivado e contribuído para a mudança de *dis-* > *des-*.

Apesar de considerar a viabilidade das três hipóteses aqui tratadas, neste trabalho são defendidas as duas propostas que asseveram o *dis-* enquanto étimo de *des-*, devido aos seguintes fatores:

♦ o *dis-* ser considerado como étimo de *des-* nas línguas francesa, galega, catalã, castelhana, nos dicionários latinos e específicos de cada idioma investigado;

♦ o fato de não existir na língua italiana o prefixo *des-*, sendo o *dis-* um dos prefixos bem produtivos do idioma e usado na formação de prefixal das palavras, nos ambientes fonético e morfológico, nos quais haveria a presença do *des-* no português;

♦ os formantes terem historicamente compartilhamento semântico de negação, afastamento, oposição, por exemplo.

O DIEC contém verbetes que mostram o uso efetivo do formante *dis-* nos contextos semânticos nos quais no português, era esperado ter o *des-*: *discolor*, *disamor*, *discapacitat*, *disbarat*, *disamonia*, *disgregador*, mesmo existindo o prefixo *des-* e esse ser bastante produtivo na língua catalã, a formação dessas palavras foram feitas com *dis-*, mantendo valor semântico assumido em língua portuguesa.

Há noções semânticas assumidas pelo *des-* no catalão e no castelhano estão presentes nos verbetes do português, que por sua vez fazem parte das contidas no *dis-* desde o latim até sua entrada na língua portuguesa, como: afastamento, negação, privação, contrariedade.

Mesmo acreditando que o caminho apresentado seja um percurso plausível para *dis-*, sabemos também que esses argumentos podem ser refutados devido à complexidade apresentada pelo estudo formativo do *des-*, como assevera Santos (2016, p. 81):

Analizando as palavras no dicionário, vê-se que algumas hoje grafadas com *des-* provêm do *dis-* latino, outras vêm do *ex-/es-* tendo ocorrido apenas a troca de prefixos. Esse fato deixa claro que, para o estudo desses prefixos, é preciso considerar vários níveis de análise linguística e contar com a atuação de diversos fenômenos ao longo do tempo.

Destacamos ainda que existem verbetes colhidos nos dicionários que demonstram, de maneira clara, a relação entre *des-* e *dis-*, o *dis-* sendo influenciado por *des-* e o *des-* por *dis-*, por meio de permutas, concorrências, sendo defendido por vários estudiosos o *dis-* como étimo de *des-*.

O *corpus* utilizado demonstra esta interligação dos dados com prefixos, mas não são provas irrefutáveis. Portanto, os mesmos são considerados como indícios dos caminhos trilhados pelo formante *dis-* nas palavras do latim até o português na atualidade.

Esse caminho pode levar a uma estrada sem saída ou deixar pistas para que haja a possibilidade de trilhá-las com certa segurança, como afirma Viaro (2011, p. 11) “é preciso conhecer a estrutura da língua de onde o étimo provém”. Assim, foi investigado nos verbetes dos dicionários, as relações entre o *dis-* e o *des-*, em *destorvar*, *descobrir*, *desperdício*, *destilar*:

❖ **Destorvar** (século XIII) v. > lat. *disturbo,āre* 'dispensar, demolir, destruir', como divg. vulg. de *disturbar*.

A palavra *destorvar* com formação de *dis-* + a raiz $\sqrt{turb-}$ + *-are* mantém em língua portuguesa o valor semântico de intensificar, de reforço de *turbāre*. O DHLP classifica como palavra de origem controversa, ora ligada a *estorvar*, com mudança do prefixo para *des-* por interferência do prefixo *ex-*, ora diretamente vinculado ao verbo *disturbāre*.

❖ **Descobrir** (Século XIII) v. > lat.tar. *discooperĭo,ĭre* 'descobrir, tirar a cobertura'.

A palavra *descobrir* formada no latim tardio com o sentido de contrariedade já assumido pelo *dis-* no latim, expressa o mesmo significado em língua portuguesa, ou seja, o de ação contrária, já que descobrir o formante remete a tirar aquilo que cobre total ou parcialmente, sendo estruturada como: *des-* + a raiz $\sqrt{cooper}$ + *-ĭre*. Nas obras consultadas, foram documentadas quatro variações desta palavra:

(Século XIII) *descubrir* ~ (Século XIV) ~ *descobrjr* ~ *descobryr.*, três destas no DHLP e, *discobrir*, no VLP.

❖ **Desperdício** (1680) s.m. > esp. *desperdicio* (1505), do nome singular advindo do > lat. *disperditĭo,ōnis*, 'perdição, destruição, ruína'.

Esta palavra veio para português pelo espanhol, que a herdou do latim, sendo que em língua portuguesa derivada do radical de *disperdītum*, supino do verbo *disperdĕre* 'perder de todo, deitar a perder, destruir, arruinar, desaparecer'. Mesmo que a entrada da palavra não tenha sido por via direta do latim ao português, e sim,

por via espanhola, o formante *dis-* mantém a influência deste no formante *des-*. Já *destilar* acontece:

❖ **Destilar** (século XV) v. > lat. *destílo, ãre* 'cair gota a gota'.

Este verbete não tem origem direta do prefixo *dis-*, porém há nele mais uma prova da ligação entre os dois prefixos, pois nas fontes históricas pesquisadas consta que *distilar* (século XIV) ~ *destilar* (Século XV) ~ *distilar* (século XV); nos séculos XVI e XVII somente *destilar* e, novamente o registro nos séculos XIX e XX.

Desse modo, após a investigação das relações históricas dos prefixos *dis-/di-*, *des-* e *de-*, foram detectadas palavras que apresentavam dupla grafia, outras só registradas em dicionários e obras que remetem ao português arcaico, não constando mais nos dicionários contemporâneos, outras documentadas em obras lexicográficas marcadas como: variação dialetal ou variação gráfica ou/e parônimos.

Esse levantamento auxiliou a realização de um panorama mais completo dos prefixos *dis-/di-*, *des-*, *de-* e contribuiu para a busca e sistematização dos valores dos prefixos *dis-/di-*, no cotejo com *de-*, *des-*, e análise das similitudes e diferenciações. Dessa forma, também foi considerada a importância em documentar as variações gráficas, porque elas indicam traços de variação e mudança linguística.

Para Lima (2006, p. 20), a variação ortográfica pode ser motivada, não ser somente anotação idiossincrática do documentador, dessa forma,

variação foneticamente motivada é a alternância gráfica motivada pela necessidade de se reproduzir o som da língua da forma mais perfeita possível; alterando-se um som, altera-se a representação gráfica desse som. [...] a variação ortográfica é sistemática na língua portuguesa e que, em muitos casos, o que aparece como variação ortográfica e antes uma variação fonética que, por injunção da escrita alfabética, determina a variação na escrita. E o caso, por exemplo, de *fenômeno* (Brasil) e *fenómeno* (Portugal).

A fim de ilustrar as variações verificadas, elaboramos a listagem a seguir a partir dos registros de variantes documentadas nas obras consultadas DRA, DELP/AN, DELP/JPM, DELP/AGC, NDCELP, VLP, DHLP.

Foi considerado válido tal exame para o alcance de melhor entendimento dos caminhos percorridos pelo prefixo *dis-*, porque os dicionários são ricos instrumentos de observação das modificações linguísticas no que tange à significação das palavras, à formação, à ampliação e à restrição de sentidos e à descrição etimológica.

Algumas obras já apresentam as classificações como variações (falares) dialetais e/ou variantes gráficas, arcaísmos, parônimos, como é o caso do Dicionário de Regionalismo e Arcaísmo (DRA); em outros dicionários essas informações não estão tão claramente descritas, mas podem ser deduzidas de forma idêntica ao procedimento de comparação dos verbetes, datação, significado e alteração morfofonológica.

Também, foram identificadas formas concorrentes dos prefixos *dis-/di-*, *des-* e *dis-/di-* e *de-*, algumas atualizações de significação acerca dos *dis-/di-* no DHLP. Seguem abaixo alguns exemplos das palavras recolhidas:

a) Variações dialetais extraídas do:

DRA=

disgracia - *desgraça* [Falares de Tracoso],

disconatar [vocabulário alentejano];

distinado [Falares de Tomar];

dilúvio – *delúvio*,

diminuir – *deminuir*,

diminuição – *deminuição*;

disfrutar – *desfrutar*,

disgosto ~ *desgosto* [fabulário português];

denúbio ~ *delúvio* – *dilúvio* [variedade de Baião, Baixo Douro em geral];

dibriar ~ *debriar* [Vocabulário, trasmontano]

As variantes dialetais marcam os falares existentes em regiões, documentam os mais variados usos linguísticos e estão ligadas às questões sociais, geográficas, de contato linguístico que influem na formação da língua. (MATTOS E SILVA, 2008a). Nos verbetes coletados, foram identificadas as marcas dos falares do português do Brasil, do português de Portugal, sendo demonstrados vínculos existentes entre os formantes: *dis-*, *des-*, *de-*.

Como observamos exemplos o verbeito *desgosto* também ocorre como *disgosto*, marcando assim a variação ligada a fatores regionais; as três ocorrências de *dilúvio* também ressaltam essa variedade. Demonstram a diferenciação na região do Douro e um intrínseca ligação entre esses prefixos.

b) Variações ortográficas extraídas do:

VLP=

dimidiato ~ dimidiado;

dispoficção ~ dispofição;

distillaçam ~ distlilação;

discreçom ~discrição.

c) Arcaísmos extraídos do:

VLP =

*disconvivência*³⁹;

discommodo,

discomodidade,

*despiadoso*⁴⁰,

dimissorio;

dimidiado;

disponsais;

dispofição;

*despicarse*⁴¹;

DRA = discomodo⁴²

DELP/AN, DELP/JPM= discommodo.

³⁹ Definição do VLP: “contrariedade de pareceres, de autores que não convém entre si. Discrepância.” (p. 241).

⁴⁰ Definição do VLP: O que a fé não deixa mover a piedade (p.167).

⁴¹ Definição do VLP: despícar-se. Tomar satisfação de piques. Rebater palavras picantes. Picar a quem nos picou.

⁴² Discómmodo = Incómmodo. “o que com menos *discommodo*, e despeza podia conseguir”, Leitão Ferreira, *Notic. chr. da univ.*, 1729, pg. 2.] (DRA).

d) Formas coexistentes (concorrentes) de *dis-* ~ *des-* extraídas do:

VLP=

Diferente ~ defferente;

Disconforme ~ deconforme;

Direto ~ dereto;

Direito ~dereito;

Desperdiçador ~desperdiçador ~ desperdiçadôr ~ desperdiçador;

Dimintir ~ demitir;

Dirivaçam ~ derivaçam;

Dirivar ~ derivar;

Disbaratar ~ desbaratar;

Disbaratar ~ disparatar ~ desbaratar

Disconforme ~ desconforme;

Disfavor ~ disfavôr ~ desfavor;

Disgostar ~ desgostar;

Disistir ~desistir

Displicência ~ desplicência;

Dissabor ~ dessabor;

Dissuadir ~ dessuadir

Dissuadir ~ dessuadir; dissabor;

Dispois ~ dispos ~ depois

Distillação ~ destillação;

Distillar ~ destilar

Distratar ~ destratar

Discordância ~ discordância

Disposição ~ disposição

Disviver ~ desviver

Discaminho ~ descaminho

Dileção ~ deleção

Disvio ~ desvio

Disolar ~ desolar

Dispofição ~ despofição

Dispontilhar ~ despontilhar

Dispiadoso ~ dispiedoso ~ despiedoso

Esses verbetes trazem demonstram mais indícios do processo de alteração do *dis-* em *des-* e correlação existentes entre eles, pois muitas palavras que estão sendo usadas no português contemporâneo com *des-*, em algum estágio do tempo também foram usadas como *dis-*. É o que se registra no VLP, donde tempos, por exemplo o verbete documentado em textos como *disviver* (1712) ~ *desviver*, estando dicionarizada a segunda forma no DHLP com datação de 1713.

e) Formas concorrentes de *dis-* ~ *de-* extraídas do:

VLP =

differente ~ *defferente*;

disconfome ~ *deconforme*;

direto ~ *dereto*;

direito ~ *dereito*;

DELP/AGC=

deferente ~ *diferente*;

f) Parônimos:

DHLP=

dispensa/despensa;

dissecar/desseca;

distilo/destilo;

Com base nas palavras extraídas das obras supracitadas, é possível compreender e afirmar que há uma influência e uma correlação entre os elementos formativos *dis-/di-*, *des-* e *de-*, pois nos exemplos, foi vislumbrado o fato do *dis-* ser étimo claro de *des-*, outros que influem na formação de palavras com *des-* e *de-*; outros, nos quais existe a suposição de *dis-* ser étimo de *de-*.

Observamos que tanto há interferências nas trocas de *dis-/di* por *des-*; *dis-/di* por *de-* e quanto nas trocas de *des-* por *dis-/di*. *de-* por *dis-/di*.

Foi verificado também, a existência de períodos em que ocorre a coexistência/concorrência entre prefixos, principalmente, entre *des-* e *dis-*.

Considerando-se a possibilidade de *dis-* como étimo do *des-*, é possível dizer que sua capacidade produtiva foi transferida para *des-*, formante bem produtivo desde o português arcaico até o momento atual, embora Santos (2016) afirme que para que isso acontecesse de fato, um prefixo teria que ter eliminado o outro, depois de um período de concorrência.

Os resultados apresentados no tópico 2.2.2 não conseguem chegar a uma conclusão definitiva, em virtude da existência de argumentos que tanto fundamentam a hipótese do *des-* ter se originado de *dis-*, quando de *de-* + *ex-* ou de *dis-* + *ex-*, mas pontuam a correlação entre os prefixos e nos amparam na proposição defendida.

Entretanto, é entendido que os prefixos estão historicamente relacionados e interferem na formação de palavras um do outro, estando ligados por suas concepções semânticas, por sua potencialidade, *dis-* um como elemento formante da origem no latim e na língua portuguesa, *des-* como elemento formante produtivo e potencial na atualidade. Ampliaremos mais esta discussão nos capítulos 3 e 4.

CAPÍTULO 3- A DESCRIÇÃO MORFOSSEMÂNTICA DOS PREFIXOS *DIS-* E *DI-* EM LÍNGUA PORTUGUESA: ASPECTOS DIACRÔNICOS E SINCRÔNICOS

Neste capítulo, utilizamos o *Dicionário Houaiss* como *corpus* na análise morfossemântica dos verbetes com o prefixo *dis-* e a variante *di-* em palavras prefixadas em construções prefixais e parassintéticas na língua portuguesa.

Na realização dessa análise, pautamo-nos nos estudos teórico-metodológicos da etimologia e da morfologia histórica na busca de uma sistematização semântica para os prefixos em observação, principalmente, na metodologia do grupo *GMHP*.

Assim, tínhamos, depois de alguns recortes, um *corpus* de 1775 verbetes do DHLP, com o prefixo *dis-* e com *di-*, digitados em forma de listagem alfabética em planilha eletrônica no programa *Excell*.

Na fase de organização deste *corpus*, percebemos que alguns não tinham datação, assim, aplicamos o primeiro de dois filtros: a datação, isto é, averiguamos que palavras tinham datação ou não, excluindo as sem data. Depois deste procedimento de análise, reduzimos o *corpus* a 1.000 verbetes. O segundo filtro, aplicado aos dados, foi a verificação da frequência de uso⁴³. Esses dois filtros dos dados: a datação e a frequência de uso, foram também utilizados e recomendados por Santos (2016).

Embora Santos (2016) tenha usado em sua descrição todas as palavras com mais de dez ocorrências, o que era mais indicado para os dados dessa pesquisadora, optamos por analisar e explicar os verbetes com frequência igual ou maior do que 100 ocorrências, por considerar que, dessa maneira, teremos uma visão mais real do *corpus* e uma descrição do comportamento morfossemântico com verbetes usuais, e não somente dicionarizados, sendo este um terceiro filtro aplicado aos dados. Muitas vezes, a frequência de uso é tão relevante quando a produtividade, visto que um afixo usado com frequência, tendo auxiliar na potencialidade de verbete.

Seguimos, ainda, a recomendação de Biderman (2002) na análise do *corpus*. A autora assegura que:

⁴³ A frequência de uso foi aferida no *Google* por meio de buscas mecânicas em sites, realizada com o intuito de detectar quantas vezes o prefixo *dis-* e seus alomorfes *di-*, *di(f)-*, *di(r)-* apareciam em um inventário de milhões de palavras. A verificação foi feita pelo prof. Dr. Zwinglio Guimarães-Filho, do Instituto de Física da USP, integrante do GMHP.

[...] O método hoje adotado é, pois: de um banco de dados com alta e média frequência. [...]. Contudo, as baixas frequências (menor ou igual a cinco) podem trazer problemas. Os *hapex legomina* na frequência 1, em princípio, seriam rejeitados, pois registram idiossincrasias dos autores, ou tecnicismos típicos de discurso científico muito especializado. (BIDERMAN, 2002, p. 94)

Após este novo redimensionamento, sem palavras de cunho técnico-científico, observamos que, em nosso *corpus*, os verbetes com menos de 100 ocorrências se encaixavam nesta configuração de palavras científicas, idiossincrasias e termos técnicos; por isso, selecionamos as palavras com a frequência de uso igual a 100 ou mais, por considerarmos serem essas as mais relevantes ao estudo. Coincidentemente, muitos dos verbetes com menos de 100 ocorrências não apresentavam datação.

Dentre os verbetes não utilizados, havia os sem datação, porém com alta frequência, que, mesmo assim, foram descartados para essa seção, como é caso de *dissecante*, que apresentou uma frequência de uso de 12300; outros, apesar de terem datação, apresentaram frequência de 0 na busca do *Google*, ou seja, nem apareceram nos sites pesquisados. Esse fato talvez ocorreu porque esses verbetes se remetem às palavras que caíram em desuso ou por serem registros que marcam idiossincrasias do documentador, como *discoluna*.

Enfim, fizemos a análise de 179 verbetes com o prefixo *di-* e 342 verbetes com *dis-*, totalizando 521. Esses verbetes foram fundamentais para a averiguação do valor semântico atribuído ao prefixo *dis-* e à variante *di-* para a compreensão do processo de permanência ou não dos valores detectados, da modificação e da aquisição de um novo valor. Isso feito na primeira fase da análise que descreve os significados dos formantes.

Na análise, usamos as palavras que estavam com a descrição completa: datação, etimologia, acepção, e frequência de uso. Apresentamos as palavras analisadas e usadas na tese no apêndice 01, da seguinte forma:

Quadro 11 – Dado Ilustrativo da descrição dos verbetes

VERBETE	ETIMOLOGIA	DATAÇÃO	FREQUÊNCIA DE USO
Distinção s.f	Do latim por via erudita	Século XV	720000

Fontes: DHLP e *Google*

Acrescentamos a estes verbetes definições, informações contidas em outros dicionários *online* e dicionários etimológicos de língua portuguesa, dicionários latinos, franceses, espanhóis, italianos, e apresentamos os resultados alcançados nas tabelas, nos quadros e nos gráficos, realizando uma descrição qualitativa e quantitativa, com o intuito de demonstrar o percurso morfossemântico das palavras selecionadas. Esses dicionários foram consultados com o objetivo de esclarecer algumas etimologias, valores e significados, auxiliar com a datação, porque, alguns verbetes só possuíam o século de ocorrência, podemos acrescentar algumas datas específicas, investigando, por exemplo, dicionários etimológicos como DELP/ JPM e buscando confirmações de século no IVPM (Índice do Vocabulário do Português Medieval).

Esclarecemos que no exame dos valores semânticos atribuídos ao prefixo *dis-* e à variante, consideramos os pressupostos teóricos de Rio-Torto (2004, 2013, 2014), De Bona (2014; 2018), Santos (2016), Viaro (2005a, 2005b, 2009, 2014), entre outros.

Compartilhamos e adotamos, nesta análise morfossemântica, a concepção de que o prefixo tem isoladamente um valor semântico. Esse valor pode alterar-se com o passar tempo, agregando-se novos valores ao prefixo, com ampliações de sentidos a ele atribuído ou apagamento. (RIO-TORTO, 2004; De BONA, 2014; SANTOS, 2016). Alguns valores assumidos pelos afixos podem perder a produtividade, dando lugar a novos sentidos e/ou não sendo mais percebidos com o sentido inicial que tinham, tornando-se opacos.

Romanelli (1964) afirma que os prefixos podem perder sua significação quando ocorre o de sentido zero, isto é, um prefixo anexado a uma palavra-base pode não exercer uma função semântica, ocorrendo o que o pesquisador definiu de “esvaziamento do conteúdo semântico”, como é o caso do prefixo *in-*, que desde o latim vulgar, já sofria em algumas palavras, como *illuceo*, ‘luzir, brilhar’, em que o prefixo continua a fazer parte dos elementos formantes de uma palavra, porém sem assumir valor algum.

Neste capítulo, investigamos os sentidos assumidos pelo formante *dis-/di-*, se estes continuam sendo os mesmos que existiam no latim, se ampliaram os valores semânticos ou se foram restringidos, e se nos verbetes ocorrer o esvaziamento do conteúdo semântico.

Para realizarmos essa investigação, nesta tese consideramos que o prefixo, a base à qual ele se agrega e o verbete formado por prefixação têm acepções próprias que podem ser mantidas ou não. Advoga, neste sentido, Viaro (2005b) ao se remeter à descrição dos sufixos portugueses em perspectiva histórica:

Há, portanto, que se diferenciar o significado da palavra-base (muitas vezes apagado com o tempo), o do sufixo (que, quando perde a produtividade, também pode se tornar apagado) e o da palavra derivada (que é, muitas vezes, imprevisível). (Viaro, 2005b, p. 01)

Portanto, compreendemos que o prefixo, o radical e a palavra derivada desta junção têm significação individual e que devemos levar em conta essa significação na formação e análise da palavra.

3.1 O PREFIXO *DIS-* E VARIANTE *DI-*: DESCRIÇÃO GERAL DO CORPUS

Nesta seção, abordamos o *corpus* baseado nos pressupostos de Viaro (2004, 2005a, 2005b, 2007, 2011, 2012 e 2014), Rio-Torto (2004, 2013, 2014), Lopes (2013), De Bona (2004, 2018), Santos (2016), com o intuito de demonstrar o percurso dos formantes estudados ao longo da linha do tempo para atender um dos objetivos deste estudo: descrever os mecanismos de formação de palavras na língua portuguesa do ponto de vista diacrônico. Dessa forma, buscamos trazer o maior número possível de informações acerca das palavras descritas, bem como demonstrar a datação dessas, detectando ainda os valores semânticos dos verbetes em estudo. Seguimos o arcabouço teórico metodológico do grupo GMHP.

Após organização dos verbetes em quadro analítico descrito com as informações coletadas, procedemos à averiguação no *corpus* coletado no dicionário DHLP e elaboramos as tabelas, quadros e gráficos.

Ressaltamos que foram acrescentadas informações das outras obras consultadas na tabela com a descrição geral de cada verbete (V. apêndice 01). As informações geralmente remetem a especificidades com relação à datação, à origem e ao sentido dos verbetes. Com o intuito de entender quantos verbetes foram produzidos especificamente em cada século, elaboramos as seguintes tabelas:

Tabela 01 – palavras com *dis-* ao longo do tempo.

SÉCULO	NÚMERO DE VERBETES	PORCENTAGEM	EXEMPLOS
XIII	23	6,72	<i>Dispor</i>
XIV	43	12,57	<i>Discordante</i>
XV	54	15,78	<i>Difamado.</i>
XVI	61	17,84	<i>Díspar</i>
XVII	43	12,57	<i>Disparatar</i>
XVIII	36	10,53	Dissentir, difusão.
XIX	69	20,19	<i>Dispersivo</i>
XX	13	3,80	Dissemelhante
TOTAL	342	100%	

Fonte: DHLHP

Ao observar a distribuição dos verbetes ao longo do tempo, percebemos que, nestes 342 verbetes do *Dicionário Houaiss*, o prefixo *dis-* evidencia uma tendência oscilante de produtividade, porém crescente nos séculos XIII (6,72%), XIV (12,57%), XV (15,78%) a XVI (17,83%). Esse crescimento gradual ocorre de forma lenta, mas aparentemente estável.

Já nos ciclos posteriores, esse prefixo passa por um período de estabilidade nos séculos XVII (12,58%) e XVIII (10,53%), ocorrendo uma ligeira baixa na produtividade, seguida de uma alta produção e uma expansão no século XIX (20,18%), sendo este o século de maior produção e, posteriormente, de um declive no século XX (3,80%).

Percebemos, nestes dados do DHLHP, que a produtividade vem diminuindo para o prefixo *dis-*, porém o prefixo ainda é capaz de formatar novas palavras, sejam elas com base nas já existentes com *dissentir* que gerou *dissentimento*, diluir/diluimento, discernir/discernimento, *discorrer* / *discorrimento* ou neologismos como os verbetes *discolor*, *disconformidade*, *dissaborear* entre tantas outros exemplos que serão explicados no capítulo 4. Todas essas palavras foram extraídas do DHLHP.

Assim, partimos da premissa que o prefixo *dis-* ainda seja produtivo, embora sua potencialidade tenha sido, segundo vários gramáticos e pesquisadores tenha passado para ao prefixo *des-*, sendo este segundo bem mais produtivo em língua portuguesa, na sincrônica atual, como comprovam: De Bona (2014, 2018) e Santos (2016). Cremos que os valores semânticos partilhados são provas de uma influência entre os prefixos *dis-*; *di-*, *des-*, *de-*. Por isso, ainda investigamos questões como os princípios da convergência e divergência semântica, na seção 3.3.

Esclarecemos, ainda, que todos os 342 verbetes apresentam alta frequência⁴⁴ e não perderam a usualidade, visto que são encontrados atualmente em textos diversos: jornais, revistas, obras literárias, registros em documentos virtuais e/ou na oralidade. Traremos mais esclarecimentos e exemplificações no capítulo 4. Destacamos, ainda, que mesmo os verbetes do século XIII, foram altamente frequentes nas páginas de pesquisa do *Google*.

No exame dos verbetes com a variante *di-*, tivemos um resultado semelhante ao prefixo *dis-*, como demonstramos a seguir:

Tabela 02– palavras com *di-* ao longo do tempo.

SÉCULO	NÚMERO DE VERBETES	PORCENTAGEM	EXEMPLOS
XIII	09	5,029%	<i>Diligência</i>
XIV	11	6,145%	<i>Dilapidado</i>
XV	36	20,111%	<i>Diminuir</i>
XVI	28	15,642%	<i>Diversificado</i>
XVII	25	13,966%	<i>Diversão</i>
XVIII	20	11,173%	<i>Dileção</i>
XIX	36	20,111%	<i>Divergir</i>
XX	14	7,821%	<i>Diminuível</i>
TOTAL	179	100%	

Fonte: DHLP

Salientamos que os verbetes selecionados para compor essa seção têm, em sua maioria, frequência de uso altíssima, o que confirma a vitalidade dos formantes, pois, embora os primeiros séculos sejam os mais numericamente produtivos, a força do prefixo se faz de tal forma que há um novo período tão proeminente ou mais que os séculos iniciais, o século XIX.

Com base nas palavras com prefixo *dis-* e da variante *di-*, chegamos ao gráfico 01, resultante da verificação dos verbetes do DHLP, ao longo da linha do tempo.

⁴⁴ De acordo Baldo (2017, p.214), “[...] a frequência é o número de vezes em que as palavras pertencentes ao léxico de uma língua ocorrem dentro de faixas específicas. De acordo com este número de ocorrências, encontram-se *palavras de alta, média e baixa frequências*. [...] as palavras de alta frequência, como se infere pelo nome, são as habitualmente empregadas na linguagem do dia a dia, constituindo-se de um grande número de vocábulos gramaticais e de palavras de significado muito geral, como verbos e nomes de uso comum [...]”, e, podem ser definidas com bases em vários fatores e na quantidade de palavras que contém um *corpus*.

Fonte: DHLP

Averiguamos que há uma tendência de produtividade constante do prefixo *dis-* e da variante *di-*. Embora tenhamos obtido uma produtividade menor no século XX, estando o prefixo em declive. Podemos afirmar que mesmo as palavras mais antigas dos séculos XIII, XIV, XV ainda estão em uso com boa frequência. Verificamos que o século mais produtivo para *dis-/di-* é o século XIX e as tabelas 01 e 02 reforçam essa percepção.

Com o intuito de respondermos as hipóteses desta tese, percorremos aqui acerca da origem dos verbetes analisados. Dessa forma, elaboramos o quadro 12:

Quadro 12 – informação etimológica do prefixo *dis-* e *di-*

LÍNGUA DE ORIGEM	NÚMERO DE VERBETES	
	<i>Dis-</i>	<i>Di-</i>
Latim	330	177
Português	06	---
Espanhol	02	---
Francês	04	02
TOTAL	342	179

Fonte: DHLP

No que concerne à origem dos vocábulos catalogados do DHLP com frequência de 100 ou mais ocorrências, temos somente três línguas de origem contribuidoras: o latim, o francês e o espanhol.

Dessa maneira, percebemos que, tanto com prefixo *dís-* quanto com a variante *dí-*, a maioria das palavras está documentada como advindas do latim ou latinizada, sendo que, o DHLP determina, para alguns verbetes, o período histórico do latim (como *latim medieval*, por exemplo). As palavras formadas em língua portuguesa extraídas do DHLP, não foram todas descritas neste capítulo, as 06 por terem tanto frequência quanto datação foram descritas com as outras palavras, que não foram inclusas na análise deste capítulo, porque apresentarem tanto baixa frequência quanto não tem com datação, foram analisadas no quarto capítulo, porque consideramos todas criações em língua portuguesa e optamos por examiná-las juntas.

Antes de realizarmos o recorte linguístico, tínhamos verbetes do italiano, do catalão e do galego para o prefixo *dis-*, e tínhamos palavras vindas para o português via empréstimo da língua inglesa, italiana e catalã, especificamente para a variante *dí-*. Advogamos que tal fato é compreensível e, por nós, esperado pelos aspectos a seguir.

O prefixo *dis-*, em língua latina, era bem produtivo. Assim, era possível que as palavras formadas perdurassem e, ainda, fossem utilizadas no português atual, principalmente, àquelas palavras formadas nos séculos XIII a XVI, período definido como português arcaico (MATTOS E SILVA, 2008a; 2008b).

Este período, segundo Mattos e Silva (2008b), é considerado crucial na formação do português atual, para compreendermos o sistema vocálico e consonantal e as variações românicas por estes sistemas produzidos, as estruturas e as formações morfológicas e sintáticas da língua.

Dessa maneira, várias palavras formadas nos séculos XVII, XVIII, XIX e XX ou estão registradas com baixa frequência, ou seja, com menos de 100 ocorrências na pesquisa feita no *Google*, ou não tinham data e não conseguimos completar a datação, nem com as informações contidas em outros dicionários etimológicos. Mais especificamente, algumas palavras dos séculos XIX e XX tiveram baixa frequência. Como exemplo, podemos citar *disfarçado* (frequência de uso: 54) e *divaricar* (frequência de uso: 09), no século XIX; e *dissociador* (frequência de uso: 69) e *disga* (frequência de uso de 81), no século XX.

As palavras formadas nos séculos XIII até XIV, cerca de 30 verbetes, foram desconsideradas. Essas eram derivadas de noções já existentes com acepções ampliadas ou inalteradas e apresentam frequência menor que 100 ocorrências nas páginas pesquisadas no *Google*: século XIII, *divícia*, (frequência de uso: 17); *divaricação* século V, (com 29 de frequência) e, século VI *disformar* (frequência de uso: 30), sendo desconsideradas nesta análise. No século XIV, não tivemos palavra com baixa frequência.

Vinte e cinco palavras de origem de catalã, francesa, italiana, inglesa que foram formadas ao longo dos séculos de XIII até XX não foram consideradas por terem, em sua maioria, baixa frequência ou por estarem sem datação.

As palavras com base dos formantes *dis-/di-* que cremos ser neologismos não estão todas documentadas no DHLP, como é o caso de *disfalar*⁴⁵; as que estão no DHLP não estão datadas, como, por exemplo, *discolor*, ou apresentam baixa frequência. Neste capítulo, elas foram desconsideradas. Há também aquelas que apresentam frequência média como *dissuasório*, (século XIX, 729), que foram consideradas na análise. Também desconsideramos muitos dos verbetes formados como o acréscimo do sufixo *-mente*, pois em sua grande maioria não possuíam datação, apesar de muitos terem altíssima frequência, como: *dimensionamente* (788000).

3.2 VALORES SEMÂNTICOS DO PREFIXO *DIS-* E DA VARIANTE *DI-*

Descreveremos, neste tópico, os valores semânticos do formante *dis-/di-* sintetizados após averiguação das informações nos dicionários consultados e dos verbetes extraídos do DHLP.

Dessa maneira, realizaremos a análise, primeiramente, dos verbetes mais numerosos que são os advindos do latim, traçaremos os valores semânticos vislumbrados em cada verbete conforme levantamentos e síntese de dados, faremos

⁴⁵ Palavra obtida em outro *corpus* de análise: o *Corpus Brasileiro* que será descrito no quarto capítulo, na seção de criação vocabular e neologismo. A palavra *disfalar* faz parte dos *corpora* analisados na seção 4.2.

algumas proposições acerca da motivação e alteração fonológicas e semântica nos verbetes. Iniciaremos esta descrição pelo prefixo *dis-*, em seguida descreveremos a variante *di-*.

Na seção de palavras via empréstimos, não separamos os verbetes que apresentam o prefixo *dis-* e a variante *di-*, por se tratar de poucos exemplos, não tendo necessidade de duas seções distintas. Examinamos estes verbetes, na seção 3.3.

Buscamos classificar etimologicamente os verbetes explicados sob o ponto de vista de Bizzocchi (2013). O pesquisador ressalta que, etimologicamente, as palavras podem ser classificadas como cultas, ou eruditas (cultismos); semicultas, ou semieruditas⁴⁶ (semicultismos); e vulgares, ou populares (vulgarismos). Há também aquelas que, por um motivo ou outro, não podem ser classificadas, as quais denomina inclassificáveis. Isto acontece devido ao fato de que algumas palavras terem entrado no léxico de uma língua há bastante tempo e, atualmente, não se conseguir determinar especificamente seus traços linguísticos.

Bizzocchi (2003) esclarece que:

Cultismos, semicultismos e vulgarismos são categorias etimológicas e não sociolinguísticas; dizem respeito, portanto, à origem do vocábulo e não ao seu uso. Por sinal, há palavras herdadas, como *escorreito*, que só ocorrem no registro ultraformal, assim como há latinismos, como *operário*, que são de amplo uso em todos os níveis de linguagem, do ultraformal ao informal e popular. (BIZZOCCHI, 2013, p. 11) (grifos do autor)

Investigamos em que classificação se encaixam os verbetes coletados no DHLP (2001), seguindo os pressupostos teóricos de Santos (2016), Viaro (2004, 2007, 2011, 2014), Basílio (2002, 2003, 2004), García (2011), entre outros. Não separamos os verbetes pela formação prefixal e parassintética, pois, como constatamos e veremos no capítulo 4, a construção parassintética é pouco produtiva atualmente para os formantes examinados.

⁴⁶ De acordo com DHLP *online* “diz-se de palavra de origem latina introduzida no português pelas classes cultas, que dominavam o latim, mas a seguir foi popularizada, submetendo-se a alterações fonéticas (p.ex., *platea* > praça)”

Averiguamos que há, entre as pesquisas estudadas, valores semânticos que se repetem. Assim, propomos o quadro abaixo:

Quadro 13 – valores analisados do prefixo *dis-*

VALORES SEMÂNTICOS	VERBETES
Dispersão	Dissipar
Intensidade, aumento, reforço	Dissolver, distenso
Movimento em vários sentidos	Disseminar
Negação, oposição, reversão	Difamar, difícil
Ordem, arranjo, seriação	Distribuir
Separação, disjunção	Discernir

Fonte: DHLP

Para a descrição semântica, apresentamos regras de aplicação à formação do sentido do prefixo, baseadas nos arcabouços teóricos de De Bona (2004, 2018), Santos (2016) e Rio-Torto (1998, 2014).

3.2.1 Valores semânticos em *dis-*: formação prefixal e parassintética

Adotamos, nesta seção, os mesmos critérios adotados por Oliveira (2004) e Santos (2016). Desse modo, organizamos os vocábulos descritos primeiramente, indicando a origem etimológica e os valores semânticos detectados. Ressaltamos que a base analítica dos verbete se pauta na semântica histórica.

Na descrição dos valores prefixais, Rio-Torto *et. al.* (2013) asseveram que:

Em geral, os valores semânticos de um prefixo procedem de um único conteúdo significativo, geralmente um valor de localização, aplicável num eixo espacial e/ou num eixo temporal (*sobrepor*), passando depois da ideia de extensão e de limite espacial a de grau de intensidade (*sobrecarregar*). Do valor locativo de ‘separação, procedência’ (*descarrilar*) terão derivado os sentidos de ‘privação’ (*descamisar*, *descascar*), de ‘reversão’ (*desfazer*, *desligar*) e de ‘negação’ (*desobedecer*). (Rio-Torto, 2013, p. 352)

Dessa forma, o prefixo *dis-* e a variante *di-* têm valores que podem ser identificados, descritos, documentados, fazendo com que haja alteração da base a que adjungem. Entretanto, observamos que a variante *di-* nem sempre está com o

valor semântico ativado sincronicamente, porém esses valores podem ser manifestados em paráfrases e recuperados diacronicamente.

Temos, por exemplo, os verbetes: *dislate*, *dividendo*, *digestivo*, *divisar*, entre outros que não seja tão clara a presença do formante *dis-/di-*, entretanto, podemos demonstrar o significado deste quando organizamos as etapas de transformação do verbo, sendo possível tanto pela reconstituição histórica determinar os elementos constituintes de uma palavra quanto descrever o seu percurso ao longo do *continuum* do tempo.

Rio-Torto *at. al.* (2013) concebem o *dis-* enquanto possibilidade de formante originador do prefixo brasileiro *des-*. Remete ainda ao fato de ambos expressarem o valor de negação, separação, oposição com sentido de ação contrária, partilhando esses valores no processo de formação do prefixo *des-*, que, na atualidade, adquiriu novos valores devido a fatores morfossemânticos e morfofonológicos. Este último tem uma grande vitalidade e produtividade na criação de novas palavras na língua portuguesa.

3.2.1.1 Os verbetes latinos e a descrição do prefixo *dis-*

Dos 521 verbetes obtidos no *Dicionário Houaiss* (2001), foram examinadas 342 com o prefixo *dis-*, sendo 330 de origem latina, com frequência de uso igual ou maior de 100 ocorrências. Tais verbetes estão organizados em categorias gramaticais: adjetivos, substantivos e verbos. Averiguamos que a categoria predominante na formação é a do adjetivo, seguido do substantivo, do verbo e, por derradeiro, pouquíssimos e raros advérbios. (V. gráfico 2, capítulo 4).

Salientamos, ainda, que expomos a datação encontrada no dicionário DHL, que às vezes traz somente o século, outras vezes traz uma datação mais específica; assim, acrescentamos, na descrição dos verbetes, também informações acerca da datação aferidas em outros dicionários; trouxemos a origem, o valor semântico e explicamos alguns fenômenos fonológicos ocorridos com as palavras que culminaram nas formas do português atual.

a) *Formação prefixal e parassintética*

Nesta secção, explicamos os valores semânticos dos verbetes do dicionário DHLP, acrescidos de informações do DELP/AN, DELP/JPM, DELP/AGC, do NDLP, NDCELP, e dos dicionários *online*.

A descrição do verbete segue esta organização: verbete + datação entre parênteses () + categoria gramatical + descrição da origem + significado. Posteriormente, se houver anotações sobre variações de datação, modificações estruturais, presença da palavra em outras línguas, estas informações vêm explicadas no texto.

Fizemos, para alguns verbetes, uma lista de palavras que DELP/AGC definem como família etimológica, demonstrando assim a associação semântica entre elas. Os verbetes descritos foram organizados de acordo com os valores assumidos e estes valores são expressos por meio de paráfrases.

Em todos os vocábulos ilustrados neste tópico, percebemos que, por mais que em alguma palavra haja a presença de formantes prefixais e sufixais, isso não indica a ocorrência de processo parassintético pelos critérios estabelecidos no capítulo 1, um dos critérios adotados para o reconhecimento da parassíntese é a simultaneidade.

Notamos que o prefixo *dis-/di-* é mais produtivo nos verbetes do dicionário em prefixação. Quando encontramos exemplos com parassíntese, esta já aconteceu no latim, tendo assim poucos casos em língua portuguesa.

Nos casos que mostraremos, essa simultaneidade não se faz presente, tendo o formante sufixal se agregado primeiro à base e, posteriormente, os prefixos, confirmando os exemplos serem casos de derivação prefixal e sufixal ao mesmo tempo. Dessa forma, temos os seguintes valores para *dis-*:

1. Separação'

Segundo Viaro (2004), o prefixo *dis-* apresenta sentido oposto ao do prefixo *com-*, podendo-se deduzir um sentido geral de *dispersão*, atribuído tanto ao prefixo quanto à variante *di-*. Dessa forma, a partir deste sentido, o prefixo assume os seguintes valores:

[...] donde se deduzem valores como “afastamento” (resultado da dispersão: *di.gressão*); “oposição” (decorrente da dispersão: *dis.cordar*), “distribuição” (tipo específico de dispersão: *dis.por*), “intensidade” (decorrente da dispersão: *di.lapidar*). (VIARO, 2004, p.10)

Além desses valores assumidos pelo prefixo, temos outros sentidos que foram identificados nos verbetes, como a negação simples ou reversão, valores esses bem produtivos na língua portuguesa, tanto nas palavras de origem latinas quanto nas palavras definidas, nesta tese, como neologismos.

A ideia de separação parece proceder, semanticamente, das noções de afastamento e disjunção, no sentido de que o afastamento é obtido como sendo o resultado da dispersão que altera o valor da palavra-base a que se acopla. Verificamos tal fato nos verbetes analisados. Para as palavras desta seção, postulamos as seguintes paráfrases: “tirar X de ou tirar de X”, “afastar/separar X de”.

Assim, no que concerne à acepção de separação, já a tínhamos desde o latim atribuída ao prefixo e esta era bastante produtiva, sendo que, muitas vezes, era confundida com a ideia de negação pelos documentadores. A negação denota oposição, contrariedade; por sua vez, a disjunção remete a afastamento. Vejamos o valor de separação na descrição dos seguintes verbetes:

❖ **Discernir** (século XVI) v. < lat. *discerno*, -ĕre: ‘separar, distinguir, reconhecer, decidir’.

Discernir é documentada como oriunda de *cernĕre* no DELP/AGC, um verbo latino que não produziu palavras em língua portuguesa, por isso, fica complexo distinguir a raiz do prefixo se não recorremos a formação latina. Isto se deve ao fato de que a distinção entre esses elementos formativos se perdeu ao longo do tempo. Podemos depreender o valor semântico de separar assumido por *dis-* em *discernir* mais claramente nos dicionários de língua latina.

Conforme Rezende e Bianchet (2005, p. 60) *cernĕre* significava no latim ‘passar pelo crivo, peneirar, separar. Distinguir, discernir, ver claramente, compreender, ver pelo pensamento, pela imaginação. Decidir, resolver, decretar, visto em separar’. Dessa forma, por mais que o prefixo esteja parcialmente opaco, podemos identificar o seu sentido atual.

Os sentidos adquiridos pela palavra formaram-se por meio de metáforas, podendo identificar que *discernir* da proposição inicial de separar (espalhar com cuidado) gerou os sentidos de peneirar e ver claramente o certo do errado, separar o joio do trigo, no português.

No que concerne à classificação etimológica baseada em Bizzocchi (2013), *discernir* veio para a língua portuguesa por via erudita, estando presente também, nas línguas francesa, galega, espanhola, italiana. Se confrontarmos os vocábulos da mesma família etimológica, teremos *discernente* vindo à língua portuguesa por via erudita, e *discernível*, por via semierudita.

❖ **Disjungir** (1562) v. < lat. *disjungo*, -*ĕre*: '*separar, afastar, disjungir*'; no sentido de tirar do jugo.

Esta palavra apresenta a raiz √*jug*, sendo documentada uma dupla entrada. No DHLP, observamos a mais antiga (1562); há outra datação (1813) mais recente para o verbete em língua portuguesa, advinda do francês, por via semierudita.

No NDCELP (p. 422), há outra significação escrita em língua portuguesa de “jungir, soltar os bois do jugo, os cavallos ou bestas do coche, carruagem, ou do aparelho de trabalho. As horas disjungem os cavallos do carro do Sol, poet.”⁴⁷

Averiguamos ainda a existência desta palavra no léxico que compõe as línguas francesa, italiana e galega.

Da mesma família etimológica, temos os seguintes substantivos, adjetivos e advérbios:

❖ **Disjunção**⁴⁸ (1540) subst. f. < lat. *disjunctio, ōnis*: '*separação, desunião, disjunção, proposição disjuntiva (t. de retórica)*';

Essa forma apresenta duas entradas em língua portuguesa: *disiunçám*, no português arcaico, e em 1836 como *disjunção*, atuais disjunção. Ambas as formas

⁴⁷ O trecho foi retirado na íntegra do dicionário e ilustra o português do século XIX, exemplos registrados no dicionário de Constâncio (1836).

⁴⁸ Seria a supressão de conjunção copulativa, entre várias frases.

têm significado de desunir ou “tirar X de” ou “tirar de X”. No DELP/AGC, *disjunção* ou *disjuncção* é registrada em 1873, provinda também da forma latina descrita anteriormente.

Segundo informações do NDLP (p. 662), havia, nos manuais e enciclopédias da época, a aceitação da dupla ortografia para a palavra, podendo ser grafada como *disjuncção* ou *disjunção*, como é registrada no português contemporâneo. Esta palavra faz parte do acervo lexical das línguas francesa, italiana, galega, catalã e espanhola.

Descrevemos algumas palavras de sequência etimológica igual que permaneceram com o sentido de atribuído ao prefixo em *disjunção*.

❖ **Disjunta** (século XVI) s. f. < *disjuntivo*; ver *jug*:- ‘

❖ **Disjuntivo** (século XVII) adj. <lat. *disjunctus*, -a, -um, PP de *disjungo*, -ĕre: ‘desunir, desjuntir, desatrear, separar’.

❖ **Disjunto** (1582) adj. < lat. *disjunctus*, a, um: ‘separado, apartado, distante’. Diz-se dos graus musicais que não são conjuntos.

Há outros verbos de origem latina que trazem também essa mesma significação semântica. Por exemplo, o verbo *discriminar*:

❖ **Discriminar** (século XIX) v. < lat. *discrimĭno*, -āre ‘separar, distinguir, diferenciar, variar’.

As unidades morfolexicais podem apresentar formas morfofonológicas alternantes e/ou diferentes realizações fonéticas. Na terminologia morfológica, este fenômeno de variação formal das unidades morfolexicais é denominado de alomorfia (ou supletivismo), dando-se o nome de alomorfes (ou variantes alomórficas) às formas alternantes ou variantes formais pois se realiza um determinado morfema.

Conforme o DHLP, a raiz de *discriminar* é √*crimin*-, vindo da palavra latina *crimĭno*, -are, com variação morfolexical *crimen*, significando ‘criminar, acusar’, originando a palavra *discriminar* [dis- + *crimen* + -ar]. Esse dicionário ainda prevê duas outras possíveis etimologias para *discriminar*: √*discrimin*- e √*cern*-.

Percebemos que, se consideramos a primeira raiz √*discrimin-*, supomos que o prefixo não é inicialmente notado; entretanto, modifica e interfere no sentido final da palavra. Porém, concebendo que seja √*cern-*, teríamos uma raiz mais antiga, só podendo ser examinada e visualizada após a descrição diacrônica da palavra e dos aspectos morfolexicais. Nesta segunda visão, o prefixo tem um papel mais visível na formação do verbete.

Veremos a seguir, com base em outros dicionários, informações que nos auxiliam a entender as três formações.

O DELP/AGC registra como família etimológica de *discriminar*: *discriminação*, *discriminante*, *discriminador*, porque essas palavras contém o mesmo valor de separação, entretanto, não registra a mesma raiz √*crimin*, e sim, √*discrimin-*.

❖ **Discriminação** (século XIX) s.f. < lat. *discriminatio,ōnis*: 'separação'. Faculdade de discriminar, distinguir; discernimento ou ação ou efeito de separar, segregar, pôr à parte.

❖ **Discriminador** (século XIX) s.m. <lat. *discriminátor,ōris*: 'o que distingue, discrimina, o que diferencia'.

❖ **Discriminante** (século XX) adj. <lat. *discriminans*, *antis* participio presente do verbo discriminar.

Ao examinarmos, a etimologia dos verbetes correlacionados a *discriminar*, verificamos que o sentido de *discriminar* é separar, significado este que se reflete em discriminação, que se remete a diferenciação injusta entre as pessoas, tratando-as como seres inferiores, tratamento motivado por questões raciais, políticas, financeiras, religiosas, étnicas etc.

Percebemos que, tanto na raiz do verbo quanto na do substantivo há, como também ilustra o DHLP, a raiz √*crimin*, exprimem um significado de crime.

Desse modo, quando analisamos a palavra *discriminação*, composta pelo prefixo *dis-*, averiguamos que a marcar a separação está contida neste formante. Esse formante mais a raiz √*crimin* que assinala o ato de distinguir, sendo, portanto, um crime.

O verbete *crime* advém de *crimen*, dependente de √cri, significando seleção. O valor jurídico deste verbete consiste no ato de distinguir o legal do ilegal, √cri- faz parte de *crimen* ‘acusação, queixa, decisão judicial, calúnia, injúria, erro, adultério’. Dessa forma, o vocábulo *crime* vem da junção de s.f. <lat. *crimen*, *crimīnis* mais o verbo *cerno*, -*ĕre*.

O NDCELP traz a seguinte explicação para *discriminar*: esse verbete seria uma fusão do *dis-* prefixo disjuntivo, e *cerno*, *ĕre*, joeirar; que por sua vez carrega a raiz do indo-europeu que originou no grego *κρινειν/krinnein*=separado: distinguir uma coisa da outra, discernir.

Notamos que em todos os verbetes analisados neste tópico, há o valor semântico de separação no sentido de traduzir construções como “tirar X de” ou “tirar de X”, “separar/disjuntir de X”.

2. Dispersão

Os verbetes que apresentam o valor semântico de dispersão traduzem as seguintes paráfrases “debandar X de”, “separar X para (de pessoas ou coisas) diferentes.

❖ **Discorrer** (século XIV) v. < lat. *discurro*, -*ĕre*: 'correr para várias partes, percorrer, dizer discorrendo, discorrer'.

Há três formas concorrentes advindas da mesma raiz √corr-, sendo duas formas históricas do século XIV, ou seja, anteriores a *discorrer*: <*Descorrer*> (século XIV) ~ <*descorer*> (século XV) → *Discorrer* (1572). A datação foi fornecida pelo DELP/AGC.

❖ **Dispersar** (1789) v. < lat. *dispersio*, *ōnis* 'dispersão, repartição, distribuição'.

❖ **Dispersador** (1899) adj. < lat. rad. do part. *dispersado* + -or; ver *espars-*

❖ **Disperso** (século XV) adj. < *lat dispérsus, a, um* 'disseminado, disperso, espalhado por várias partes'.

❖ **Distender** (século XVII) v. < *lat. distendo, -ěre* 'alongar, encompridar', do v. *tenděre* 'estender, oferecer, continuar, prolongar'.

Vemos em *distender* um processo de formação prefixal cujo valor semântico da base é alterado pelo prefixo, que sustenta o sentido de dispersão. No DELP/AGC, temos datações diferentes do DHLP, pois apresenta (1813) para dispersar; (1769) disperso, dispersivo (1899) < fr. *Dispersif*.

Neste dicionário, há informação de que *dispersar* advém del *espars-disperso* + -ar, der. vern. no padrão do lat. *dispergěre* (< *dis* e *spargěre*) 'espalhar por várias partes'.

Segundo NDCELP, *dispersar*, v.a. (t. mod. do Fr. *disperser*), espalhar, obrigar a que se separe um ajuntamento de gente ou animais, v. g. — o exército, as tropas. - Dispensar-se, espalhar-se, derramar-se. Palavra vinda para o português por via semierudita, presente no catalão, espanhol, galego.

3. Negação, oposição, reversão

De acordo com Romanelli (1964, p. 54), o prefixo *dis-*, quando assume o valor de negação, confere à palavra-base o sentido de antonímia. Por exemplo, *diffamo* 'difamar, desacreditar', *difficilis* 'difícil, penoso, custoso', *diffido* 'não se fiar em, não acreditar em, desconfiar', *diffiteor* 'negar, não confessar' [...].

O prefixo com valor de negação opõe-se ao significado original da palavra-base, funcionando enquanto prefixo com valor de oposição, de contrariedade. Há casos também que, sem o acréscimo de um prefixo de negação, as palavras não existem em português (v. *discernir*).

Ainda com o sentido de negação, não de oposição, temos em nossos verbetes a reversão. A reversão é um valor atribuído à base que remete ao processo de desfazer algo, ou alguma coisa. Assim, parece-nos que o *dis-* negativo/opositivo tem um sentido mais simples, enquanto o *dis-* valor de reverso, um sentido mais complexo.

Temos, na negação, o valor mais produtivo com o prefixo *dis-*, manifestada por paráfrases. Dessa maneira, reconhecer a negação não constitui tarefa tão simples, devido ao fato de, muitas vezes, noções de afastamento e separação e negação

serem atribuídas às mesmas palavras pelas gramáticas investigadas. O valor negativo pode ser depreendido das seguintes paráfrases: “não tem X”, “sem X”, “opor-se a X”, “o que não é x”, entre as várias detectadas nos dados.

A seguir, veremos exemplos do DHLP:

❖ **Discordar** (século XIV) v. < lat. *discordo*, -āre: 'estar em desarmonia, alterar, discordar'.

Neste verbete erudito, notamos que o valor semântico se manifesta no conhecimento estrutural da palavra: discordar é separar as pessoas para diferentes partes. Reforça este sentido a identificação da raiz etimológica da palavra $\sqrt{\text{cor(d)}}$ -, segundo a qual vislumbramos que discordar remete às paráfrases distintas com a ampliação semântica do verbete:

1. não concordar com algo ou alguém, parafraseado de “não tem X”.
2. estar em desarmonia, parafraseado de “sem X”.
3. opor uma opinião à de outra pessoa, parafraseado de “opor-se a X”.

Tanto o DHLP quanto DELP/NA e DELP/AGC documentam no século XIV a variante *descordar*, coexistindo por algum tempo com o verbete discordar. Temos ainda outros casos de verbetes de etimologia latina a assumir o valor semântico de oposição, estes são:

❖ **Díspar** (século XV) s.f. < lat. *dispar*, àris: 'dessemelhante, diferente, desigual'.

Neste caso, *díspar*, verbete erudito, remete ao valor de não ser igual, ser diferente. Onde temos *dis-* + a raiz $\sqrt{\text{par}}$: o que é igual, com o prefixo, torna-se diferente.

Há outros exemplos de verbetes em que o prefixo *dis-* assume a acepção de oposição, negação. Estes são:

❖ **Dissociar**⁴⁹ (século XIX) v. < lat. *dissociō*, -āre: 'separar, desunir, dividir'.

❖ **Díssono**⁵⁰ (século XVII) adj. < lat. *dissōnus*,a,um: 'dissonante, discordante, que tem som diverso, que difere, separado, dividido, contrário'.

❖ **Dissuasão** (século XIX) sf. < lat. *dissuasīo*,ōnis: 'ação de afastar de, de dissuadir'.

Nos exemplos acima, verificamos que o prefixo *dis-* atribuiria o valor de negação, mas no caso de *dissociar*⁵¹ o sentido do prefixo não é uma oposição, um processo por antonímia como *fazer/desfazer*, *concordar/não concordar* (*discordar*), *fácil/aquilo que não é fácil* (*difícil*), mas sim um retorno, uma volta ao sentido original, ou um desfazer de sentido, uma reversão de um processo, pois o prefixo em *dissociar*, não significa *sociar/ não se sociar*, mas um retorno à partilha, à união.

Neste contexto, concebemos que a reversão ocorra quando temos um retorno à significação da base, isto é, quando uma ação praticada faz o caminho de volta, como *conformidade* e *desconformidade*. Percebemos que esta reversividade em *dis-/di-* é mais produtiva em verbos, mas também ocorre em base nominais e adjetivais.

No que tange ao verbo *sociāre*, no latim ele significava unir, compartilhar, partilhar. Dessa maneira, o DHLP, reforça o sentido do prefixo quando definir *dissociar* como:

Verbo. transitivo direto, bitransitivo e pronominal: 1. desfazer uma associação; desunir(-se), separar(-se), dissolver(-se); 2. derivação: sentido figurado. 3. Rubrica: química. decompor(-se) [um composto] em constituintes mais simples.

A descrição semântica do DHLP reforça o entendimento de que *dissociar* ocorre reversão. O sentido reversivo não é apontado nos valores aferidos ao prefixo

⁴⁹ No NDCELP (p. 424), DISSOCIAR v. a. (*Lat. dissociō, āre; dis ref. disjunct, socio, are, associar*), separar, desfazer a sociedade; apartar, desunir o que estava unido, no sentido physico e no moral, v. g. — os amigos, os companheiros; — os conspiradores;- as alianças, intrigas.

⁵⁰ No NDCELP (p. 424) DISSONO, A, adj. (pron. díssono: *Lat. dissonus*), dissonante, desentoadado; discorde; confuso. Voz dissona, desafinada, ingrata. Clamor.

⁵¹ No DHLP, verbo transitivo direto, bitransitivo e pronominal: 1. desfazer uma associação; desunir(-se), separar(-se), dissolver(-se), transitivo direto, bitransitivo e pronominal; 2. Derivação: sentido figurado. bitransitivo e pronominal; 3. Rubrica: química. decompor(-se) [um composto] em constituintes mais simples. Exs.: *d. o leite (em caseína e soro). a água dissocia-se em oxigênio e hidrogênio*.

dis- nos dicionários consultados, nem nas gramáticas históricas investigadas. Este é proposto aqui, com base na avaliação morfossemântica dos prefixos negativos *des-* e *in-*, na obra de De Bona (2014).

De Bona (idem) propõe que:

Como referencial teórico, elegemos o modelo de Lieber (2004), o qual apresenta o traço [-Loc] como única característica necessária para a descrição da prefixação negativa; esse traço, segundo a autora, pode dar origem a quatro nuances de significado levemente distintas, quais sejam: privação, negação contrária, negação contraditória e reversão. (De Bona, 2014, p. 05)

Assim, o sentido negativo como reversão denota retornar ao ponto ou lugar inicial, não uma oposição. De Bona (2014) assevera que, seguindo esse raciocínio, entenderemos a variabilidade semântica do prefixo *des-*. Aplicando este conceito de reversão aos verbetes do prefixo *dis-*, temos a seguinte compreensão dos três verbetes descritos etimologicamente:

Em *díssono*, verbete erudito: se opor, ser diferente de outro som; dissuadir está oposto a persuadir, reverter uma decisão já tomada, fazer com que alguém desista de uma decisão.

Os significados nestes três verbetes podem se manifestar nas paráfrases:

- (i) *díssono*, obtivemos o sentido de “opor-se a X”;
- (ii) *dissuadir* com o sentido de convencer (alguém ou a si mesmo) a mudar de ideia, a abdicar de uma decisão; *despersuadir(-se)*, gera a regra “reverter X a”, “convencer X de”.
- (iii) *Dissenso*, com o sentido de desistência de um dos contratantes antes do vencimento do contrato, “reverter a X”, “desfazer X”.

4. Intensidade, aumento, reforço

Verificamos que o valor de intensidade pode ser depreendido com o sentido de aumento, com noção de crescimento, reforço da acepção da base. Desse modo, compreendemos que:

❖ **Dissolver** (século XV) v. < lat. *dissolvo*, -ēre: 'desatar, separar, desunir, pagar, satisfazer (uma dívida), desobrigar-se de, curar, resolver, desfazer (uma acusação), refutar'.

Tanto o DELP/AGC quanto o NDCELP marcam-no como advindo de *solver*, ou seja, correlacionam-se dentro da mesma família etimológica. Em DELP/AGC há uma listas de verbetes que mantém relação com *solver*, como, por exemplo, *dissoluto* (século XVI), *dissolência* (1844), *dissolúvel* (1813), *insolubil* (1858).

Este verbete é exposto, em algumas gramáticas e no DHLP, como valor de separação em outras com valor de intensidade. Então *dissolver* seria separar algo que foi solvido ou intensificar mais o processo de *solver*? Compreendemos o formante expresse o valor de reforço, e intensificador.

❖ **Dissimular** (século XV) v. < lat. *dissimŭlo*, -āre: 'dissimular, fingir, ocultar, não prestar atenção a, desprezar'.

Há, na formação histórica da palavra, quatro formas usadas simultaneamente no Século XIV: *dissimular* ~ *desimular* ~ *dessemular* ~ *dessimilar*.

❖ **Disquisição** (século XVII) > lat. *disquisitĭo*, ōnis: 'inquirição, investigação, exame'.

❖ **Distenso** (século XIX) > lat.**distensus*,a,um por *distentus*,a,um, part.pas. de *distendĕre*, der. de *tendĕre*; ressalve-se que há quem considere a f. adjetivo-participial um der. vern. Depreendido de *distensão*.

Conforme a apresentação dos verbetes acima, verificamos que o valor semântico de intensidade manifesta-se pela noção de aumento, de reforço à base a que se agrega; neste sentido, fica notável que, por exemplo, na palavra *dissolver* temos um prefixo *dis-* + *solver*, formado por sua vez de *sol/v+er*, diluir algo mais ainda.

5. Ordem, arranjo, seriação

O formante *dis-* exprime o valor semântico de ordem, arranjo, seriação à base, pois atribui um sentido de organização, ordenação e, estabelece um novo significado à base acoplada, trazendo, algumas vezes, noções de uma disposição, distribuição ou organização metódica (espacial, cronológica, numérica, lógica etc.). Verificamos isso claramente nos verbetes a seguir:

❖ **Dispor** (século XIII) v. <lat. *dispono*, -ere: 'pôr por ordem, arranjar, compor, regular, resolver, determinar, administrar, governar'.

Quando se examina a formação estrutural em *dispor*, notamos que o valor semântico agregado à base permanece dando realmente o sentido ao vocábulo, pois a raiz $\sqrt{\text{por}}$ significa colocar, introduzir, depositar, estabelecer algo em algum lugar; com presença do *dis-*, temos uma nova aceção, a de ordenar, de pôr em ordem algo posto. Assim, é nítida a influência do prefixo à base desde sua formação que ainda é conservada no português. Forma-se, neste valor, as seguintes paráfrases expostas em: “pôr X em”, “pôr em ordem X”

A formação histórica do vocábulo documenta duas formas variantes de *dispor*: *despõer* ~ *despor*. O aspecto interessante deste registro é que ambas as formas são anteriores ao verbete em língua portuguesa, porque a primeira palavra data do século XIII e a segunda do século XV. Desse modo, supomos *despoer* → *dispor*. Assim, temos a modificação histórica:

Disponere (lat.) → *dispor* (século XIII) → *despõer* ~ *despor* (século XV) → *dispor*

Pautados, neste processo de investigação por meio de datação, observamos que há um período que documenta uma possível mudança de *dis-* > *des-* e um regresso ao uso com o *dis-*.

No que concerne a este dado, postulamos que a modificação tenha ocorrido por pequeno período e o retorno à utilização do prefixo originário tenha ocorrido devido a fatores também extralinguísticos, não somente estruturais. Fatores esses que na tese em questão, não temos a pretensão de dar conta. Podemos, assim, salientar que é notável em todo o percurso histórico a influência de um prefixo no outro.

Em outros dicionários, podemos ver claramente esta convergência morfossemântica. Por exemplo, no NDLPCF (1913, [1911]) *despoer* é marcada como um verbete antigo com entrada no português por via popular. *Dispor* compõe o léxico do galego, francês, espanhol e castelhano.

❖ **Disponente** (século XVI) s.f. <lat. *disponens,entis* part.p res. de *disponĕre* 'dispor': 'arranjo, ordem'.

O verbete *disponente* segue o esquema de *dispor*, sendo uma palavra associada etimologicamente entre várias derivadas deste verbo, com o sentido de pessoa que dispõe de bens em favor de alguém; no NDCELP, há o registro desta como um adj. 2.

❖ **Distribuir** (1344) v. < lat. *distribũo, -ĕre*: 'distribuir, repartir, dividir'.

Este verbete apresenta o valor semântico de pôr em ordem, compartilhar com alguém algo, repartir entre tribos ou, ainda, com o sentido de dirigir ou lançar para diversas partes, ordenando-as.

Distribuir é um verbo bem usual na língua portuguesa e tem a frequência alta de uso: 2220000. Ele ampliou seu sentido original, tendo assim as seguintes acepções:

- (i) entregar (parcela de algo) a (diversos receptores); repartir, dividir; parafraseado por “repartir X de”;
- (ii) doar (bens, presentes etc.) a; “dar X para”.
- (iii) enviar para (diferentes direções); espalhar; “ordenar x em”
- (iv) desferir, lançar em diversas direções, “dispor em”.
- (v) conferir, confiar (uma tarefa, um papel, uma obrigação etc.) a cada membro de um grupo; “pôr em ordem de X”.
- (vi) dispor espacialmente (algo) de acordo com determinado critério, princípio etc.;
- (vii) abastecer, fazendo fluir (líquido, fluido) por (rede de canos ou canais); “por X em”.
- (viii) aplicar (justiça); atuar como juiz.

Observamos que as significações do verbete se ampliaram devido a correlações metafóricas e ao uso deste com forma especializada, como identificamos que ocorra na concepção (viii).

Vislumbramos, em sua formação histórica, uma alternância entre as formas com *des-* ~ *dis-*. Assim, temos uma variação fonética e, também, em um mesmo período, uma variação gráfica, como mostram os dados a seguir:

(1344) *destrebuyr* → (1365) *destrebuiir* → (século XIV) *destriuuir* ~ (século XV) *destreboir* → (século XV) *distribuir*

Verificamos a presença do prefixo *des-* se estabelecendo em diferentes períodos do século com várias variações fonéticas e gráficas até haver alteração fonética /e/ passando para /i/. Esta alternância entre os formantes *dis-* ~ *des* e *des* ~ *dis-* foi exposta no DELP/AN e DELP/JPM, os quais explicam ser um acontecimento presente em outras línguas latinas, como o galego e o francês.

6. Movimento em vários sentidos

O formante também assume o significado de movimento em várias direções, donde percebemos o *dis-* como dispersão de diversidade de movimentos. Compreendemos que o valor semântico no português contemporâneo não está tão claro como era no processo de formação das palavras latinas.

Assim, sem recorrer as questões diacrônicas, não é tão fácil entender e determinar os sentidos do formante. Percebemos que no latim e na língua portuguesa, esse sema pode ser explicado pelas seguintes paráfrases: “levar X para”, “espalhar X por”.

❖ **Disseminar** (1567) v. < lat. *dissemīno*, -āre: ‘difundir(se), propagar(se)’.

Neste vocábulo, percebemos que o valor semântico de movimento em várias direções está cristalizado na base porque o significado da palavra difundir, propagar explica a incorporação do prefixo à raiz √semin(i).

No DELP/AGC, há descrição da formação do processo de derivação, uma prova de que o verbete se originou de √semin(i), donde temos as formas etimológicas *dis.semin.ação*, *ar* ← *semear*, ou seja, disseminar é semear em vários sentidos, é

fazer um movimento de sementeação de boas novidades, de bons pensamentos, por exemplo.

Novamente, temos a permuta entre os prefixos *des-* e *dis-*, sendo que o formante *des-* aparece no verbete mais antigo:

(1567) *desemear* → (1651) *disseminar*

Apresentamos aqui somente alguns dados demonstrativos de uma análise que está em curso. Optamos por começar o exame dos dados pelas palavras latinas, pois tanto no *dis-* quanto *di-*, são as mais frequentes no DHLP, como mostraremos no próximo item.

❖ **Dissipar** (1563) v. < lat. *dissĭpo* ou *dissŭpo*, -āre: 'lançar de um lado e de outro, dispersar, dissipar, espalhar, destroçar, derrotar, destruir, consumir, publicar, divulgar',

O DHLP marca este verbete como uma forma derivada de um v. lat. *supāre*: 'lançar, atirar'; na qual está presente o sentido de dispersão, na paráfrase de movimentar, jogar, lançar de lado ao outro. O dicionário expõe a sequência da formação histórica da palavra em língua portuguesa, na qual percebemos bem a manutenção do valor semântico nas formas do português: (1543) *dissipado*, (1555) *dissipar* e (1555) *desipar* ~ (1563) *dissipar*. Quando analisamos *dissipado*, p. p. sup. de *dissipar*, e adj., isto com *dissipação*, *esperdiçado*, consumido arruinado, vemos bem esta sequência e manutenção de valor semântico.

3.2.2 Valores semânticos em *di-*: formação prefixal e parassintética

Seguimos o mesmo esquema explicativo adotado na análise do prefixo *di-*. Assim, demonstraremos nos tópicos seguintes a constituição do formante estudado, primeiramente como o processo de formação por prefixação:

3.2.2.1 Os verbetes latinos e a descrição do prefixo *di-*

a) Formação Prefixal e formação parassintética

Com base nas discussões realizadas no capítulo 2, montamos também um quadro sinótico para demonstrar os valores semânticos de *di-*. Por isso, fizemos um quadro resumido desses valores explicados:

Quadro 14 – Os valores semânticos de *di-*

VALORES SEMÂNTICOS	EXEMPLOS
divisão em partes, repartição	Divisar
Dispersão	Difundir
intensidade, aumento, reforço	Dilação
negação, oposição	Difamar
Separação/afastamento	Divagar

Fonte: DHLP

1. Repartir, dividir

O valor semântico está ligado à variante *di-* no que concerne à ideia de divisão em partes, separação, distribuição. Não é um valor muito produtivo com os verbetes estudados, e, muitas vezes, só pode ser identificado quando se vislumbra a palavra na origem. Averiguamos que atualmente apresenta esvaziamento semântico no português.

❖ **Divisar** (século XIV) v. <lat.tar. *divisāre*, freq. de *dividēre*: 'repartir, dividir'.

Em *divisar*, percebemos que a formação ocorreu a partir de *dis-* + *visāre*. Já no latim, tivemos o apagamento do fonema /s/ em junção à palavra-base iniciada por fricativa sonora.

Na obra de Corominas (1992 [1961]), a formação do verbete *divisar* segue uma junção de significados oriundos do latim, que se alteraram do sentido original. Dessa

maneira, teríamos de '*repartir, dividir*' de *dividĕre*, modificando-se em 'distinguir, discernir', associado a *vidĕre* 'ver, perceber'.

Tal hipótese necessita de maiores esclarecimentos que possam fundamentar essa conclusão. O que é comum entre os autores é que, historicamente, há três entradas em língua portuguesa: (século XVI) *devisar*, concorrendo com *divisar* e *diuissar* (século XV).

2. Dispersão

❖ **Difundir** v. (1563) < lat. *diffundo*, -ĕre: 'espalhar, derramar (um líquido), estender, alargar, divertir', der. do v. lat. *fundĕre* 'espalhar, verter' para líquidos e em esp. para metais em fusão, daí o sentido técnico 'fundir' nas línguas românicas.

O valor semântico de prefixo *di(f)-* manifesta-se quando ele se agrega à base, modificando-a. Verificamos o sentido do verbo *fundir* no que concerne a espalhar algo e *di-*, que expande a ideia contida na base.

3. Aumento, intensidade, reforço

❖ **Dilação** s. f (1436) < lat. *dilatĭo*, -ōnis: 'extensão, aumento, prolongamento'.

O prefixo *di-* neste verbete perdeu o seu valor semântico, sendo absorvido pelo uso da palavra. Há evidências da formação por meio de variação fonética, donde temos as formas:

(1436) *delaçon* → (1454) *dilaçon* ~ (século XV) *dillaçom* → (1572) *dilação*

❖ **Dilacerar** (1597) v. <lat. *dilacĕro*, -āre 'rasgar, fazer em pedaços'.

No caso de *dilacerar*, a variante *di-* é reforço da ideia contida em *lacerar*, pois significa '*Reduzir a pedaços; despedaçar; rasgar: lacerar as folhas do livro*', um aumento, e pode ser entendido com base na paráfrase: "aumentar X em"

No que concerne à intensidade, Santos (2016) afirma ser este mais um traço semântico que um valor a ser atribuído à base.

4. Negação

❖ **Difamar** (século XIV) v. < lat. *diffamo*, -āre: 'negar publicamente a fama ou crédito de'.

A palavra difamar remete ao uso negativo do formante *di-* que, adjunto à base, modifica o sentido de fama, sendo, portanto, um elemento transformador da base, não mais detectado no português atual. Vemos que o verbete deriva do latim pelo acréscimo de *di(s)-* negativo + lat. *fama, ae*⁵² 'o que se diz de alguém, renome, reputação', trazendo assim má fama a quem se difama.

Averiguamos a existência de uma variação fonética na formação da palavra, a qual mostra duas variantes no século XIV *defamar* ~ *difamar*.

5. Separação/afastamento

❖ **Digressão** (1552) s.f. <lat. *digressio, ōnis*: 'ato de partir, separar, retirar, afastar'

Verbete interligado à forma verbal de origem latina *digrēdi*, com o sentido de 'apartar, afastar(-se)'. em retórica 'comentar ou falar sobre assunto que se desvia da temática tratada'. Esse verbete latino advém de uma formação anterior marcada pelo processo morfofonológico do formante *dis-* mais a raiz $\sqrt{\text{grad-}}$, ocasionando o apagamento do fonema /s/ quando agregado a base consonantal de oclusiva sonora /g/, donde temos a formação de *digressão*.

Desse modo, o prefixo *di-* teria o valor semântico de afastamento, porém melhor detectado quando vislumbramos a perspectiva diacrônica que detalha o processo ocorrido na formação deste verbete: *dis-* + *gradus*⁵³. Neste sentido, *digressão* seria separar, afastar o passo o grau. Podemos descrever esse verbete com base nas

⁵² No DHLP, há uma hipótese que esta palavra advenha do verbo latino *far*, -āri 'falar, ter a faculdade e o uso da fala, dizer, explicar, confessar, declarar'. Então, difamar seria separar, afastar alguém de fama.

⁵³ Rezende e Bianchet (2005, p.154) definem **gradus, -us (m.)**. passo, marcha, degrau, o andar, posição. Ordem, categoria, classe, grau.

seguintes paráfrases: “afastar X de”, “separa X de”. O formante contribui de forma efetiva como a formação morfossemântica da palavra.

Vemos que para esse verbete, temos os seguintes significados: ‘ato ou efeito de se afastar, de ir para longe do lugar onde se estava; divagação, viagem, passeio, excursão’, ‘afastamento, desvio momentâneo do assunto sobre o qual se fala ou escreve’. Esses sentidos estão postos na palavra, que remete a se afastar de algo ou de uma situação concreta ou metafórica, material ou textual.

Dessa maneira, verificamos que todos esses valores atribuídos à variante *di-*, já estão inclusos no formante *dis-* manifestados em inúmeros verbetes já descritos nas seções anteriores.

3.2.3 Os verbetes via estrangeirismo formados com prefixo *dis-/di-*

Neste tópico, incluímos os verbetes que têm origem via empréstimo de outras línguas. São poucos os verbetes, por isso montamos um quadro abaixo com os valores e fizemos alguns comentários sobre construções.

Quadro 15 – palavras via empréstimo linguístico

VERBETES	LÍNGUA DE ORIGEM	VALOR SEMÂNTICO DO PREFIXO
Disfarçar	Catalão	Negação/ação contrária
Dispensário	francês	Separação
Dissimular ⁵⁴	Francês	Negação, oposição
Distensão	Francês	Dispersão
Dispensar	francês	Oposição
Disparate	Espanhol	Separação ~ oposição

Fonte: DHLP

Assim, investigamos o valor semântico e a construção das palavras a seguir. São descritos dois verbetes e três são ilustrados.

❖ **Disfarçar** v. (1605) < cat. *disfressar*: 'dissimular, cobrir com uma máscara, com um disfarce'.

⁵⁴ No DHLP, há o registro de um outro verbete *dissimilar*, advindo de dissímil, no sentido de dessemelhante, não semelhante, diferente. *Dissímil* (século XIX) adj. > lat. *dissimilis*, e: 'dessemelhante, diferente, diverso'; documentado no período de 1817-1819, gerando as seguintes palavras: 1858 *dissímil* ~ 1858 *dissímile*.

Para este verbete, o DHLP não define a origem, sendo documentada como palavra de origem controversa, pois essa palavra é descrita como vinda do latim, mas não de forma direta. Dessa maneira, ela teria chegado em língua portuguesa pelo catalão, derivada de *fressa* 'pista, rastro', que, por sua vez, advém do v. *fressar*: 'deixar um rastro'. *Disfarçar* seria apagar o rastro, não deixar pistas de algo ou alguma coisa.

O verbo *fressar* tem origem no lat.vulg <**frictiāre* 'roçar, esfregar' < lat. *fricāre*.

Já para Corominas (1992 [1961]), *disfarsar* estaria ligada ao *desfressar*, uma forma antiga do verbo *disfressar*, com o sentido de 'despistar, apagar um rastro'.

O DLPH documenta que, na formação histórica, o verbete *disfarçado* chegou ao português em 1566; posteriormente, em 1605, começou o uso de *disfarçar*.

No DELP/AN, há uma explicação diferente para o verbete, refutando, pois, sua origem latina; para tanto, atribui tal informação aos estudos de M Lübke, REW 3215, que sugere que a vinda deste vocábulo se deu pelo espanhol, explicando que há, nesta língua, *disfarzar*, dado registrado na Academia Espanhola, a qual traz a hipótese de *dis-* e de *farza*, *farsa*, “pelo sentido é possível que se ligue a face (mudar a face). (p.160)”

❖ **Disparate** (1616) > esp. *Disparate*: 'despropósito',

Esta palavra é derivada do verbo em linha espanhola, correlacionada com o verbete **desbaratar**: 'derrotar, desconcertar, descompor', sob influência de *disparar* 'praticar atos desatentos ou violentos'. Apresenta a seguinte variação:

(1616) *disbarate* ~ (1672) *disparate*

O DHLP documenta que *disparate* tem um homônimo flutuante *disparatar* e atribui a origem de *disparatar* a *disparate* + ar, porém este verbo já existia no latim.

O verbo latino, na língua espanhola, originou o *disparatar*, segundo o DRAE: *disparatar* > Del lat. *disparātus*, part. pas. de *disparāre* 'separar', com a acepção de “Decir o hacer algo fuera de razón y regla / dizer ou fazer algo fora da razão”. Temos em *disparate* o seguinte percurso:

Disparate (port.) ← *disparate* (esp.) ← *disparatar* (esp.) ← *disparātus* (lat.)

Observamos que o prefixo do verbete, em latim, significa desunir, em língua portuguesa sem propósito pela ampliação do significado do prefixo e da palavra-base. Primeiramente, com um valor de separação e depois com de oposição por ampliação semântica do sentido da palavra.

No DHLP há as acepções que reforçam esta ideia de ampliação no significado da palavra:

Dispabrate s.m. com os sentidos de “dito ou ação ilógica, absurda ou fora da realidade; contrassenso, desconchavo, despautério”; “tolice, asneira”, “quantidade excessiva (de pessoas ou coisas)”; “despropósito”.

❖ **Dispensário**- Frequência de uso de 441000

Esta palavra tem origem, segundo Cunha (1986), no dicionário DELP/AGC, francesa *dispensaire*, data de 1899, século XIX, significa “estabelecimento formado por pessoas que, em troca de uma soma módica, recebem cartões que podem dispor em favor dos doentes menos afortunados e pelo conjunto de três médicos, três cirurgiões e um aluno de cirurgia”.

O dicionário ainda traz a informação de que essa palavra francesa é derivada da língua inglesa *dispensary* (1699), a qual entrou no léxico inglês, proveniente do latim medieval: *dispensarius*.

O DHLP registra que a mesma origem que DELP/AGC, na língua francesa, com o sentido de “Instituição beneficente voltada para o atendimento a pacientes pobres, oferecendo-lhes consultas médicas, medicamentos, dando-lhes vacinas, alimentos etc.; dispensatório” com sinônimo de hospital. Neste verbete, o prefixo *dis-* agrega-se a raiz *√pend-*, com o sentido afastamento, separação.

Quando observamos a raiz *√pend-*, podemos depreender dois sentidos: 'suspender, pesar' e 'ser suspenso, estar suspenso'. Esta raiz gerou várias palavras na língua portuguesa com significados distintos.

❖ **Dissimilar** v. (1890) > fr. *Dissimiler*: 'antônimo de assimilar'.

A palavras formado de *assimiler* com mudança do prefixo a- para *di-* (port. 1 *dis-* /*des-*), sendo uma palavra erudita.

❖ **Distensão** (1836) s.f > (1377) fr. *distension* < lat.medv. *distensio*,ōnis.

Este verbete apresenta variação gráfica remetente ao latim clássico <. *distentio*,ōnis, de *distentum*, supino de *distendĕre*, por sua vez derivado de *tendĕre*: 'estender, alongar, continuar'. Palavra vinda para o português por via semierudita.

❖ **Divisa** (século XV) s.f > fr. *devise*, regressiva de **deviser*: 'marca distintiva, emblema'.

Palavra vinda para o português por via semierudita, apresenta o seguinte percurso: (século XV) → *deuisa* ~ (século XV) ~ *diuissa* → *divisa*.

Notamos que o prefixo *dis-/di-* tem uma diversidade de valores, alguns assumidos pelo prefixo desde o latim, outros novos valores criados já em língua portuguesa.

No que concerne à produção de palavras como o sentido de reversão, esta encontrasse ainda produtiva; mas outros significados ficaram obliterados, existindo em resquícios da língua de origem, principalmente na variante *di-*, que parece opaco em alguns verbetes, mas não chega ser um esvaziamento semântico, pois conseguimos recuperar o sentido diacronicamente. Por exemplo, o verbete *diruir* como sentido de '*demolir, arruinar, abolir*', o *di(r)-* com valor semântico de movimento para baixo, percebido com exatidão no latim.

Assim, temos a negação que se manifesta da seguinte forma:

Figura 01 – Ampliação semântica

A figura representa o caminho percorrido pelo prefixo *dis-* advindo do latim já com o sentido negativo, que permaneceu no português arcaico e contemporâneo, acrescentando-se o valor de reversão, que é o atualmente mais produtivo.

Este prefixo, enquanto formante anteposto à base, influencia e é influenciado por ela. Ele se manifesta semanticamente de maneira polissêmica, fazendo os arranjos fonético-fonológicos necessários ao ambiente da base a que se acopla, demonstrando, assim, que, para entendermos de forma mais clara as transformações ocorridas com este formante, não podemos nem devemos falar em alteração somente mórfica, e sim morfossemântica e morfofonológica.

Os verbetes aqui descritos demonstram essa pluralidade semântica do prefixo e da variante que historicamente influi e permuta com o prefixo *des-*, sendo este derradeiro sua forma atualizada e mais produtiva. Há nos verbetes analisados nos capítulos 2 e 3 que contribuem para o entendimento da divergência e da convergência: fonética, semântica, morfológica dos prefixos comparados.

Esses exemplos nos levam a considerar que o formante *dis-* tenha hipoteticamente gerado o formante português *des-*. Porém, se o prefixo *des-* é o formante *dis-* atualizado, por que ainda temos palavras com o segundo formante no português atual? A transformação morfofonológica e morfossemântica de um prefixo anula a forma originária? Ambas as formas prefixais podem coexistir? Discorremos sobre essas questões na seção 3.3.

3.3 OS PREFIXOS *DIS-/DI-* E *DES-/DE-*: ASPECTOS CONVERGENTES E DIVERGENTES

Nesta seção, vamos apresentar os aspectos percebidos de convergência e divergência semântica ocorrente nos prefixos investigados, pelo cotejo entre os formantes: *dis-/di-* e *des-/de-* e percepção dos autores pesquisados. Retomando a discussão acerca da origem do prefixo *des-*, trazemos a visão de Said Ali (1964 [1921]) acerca do prefixo enquanto valor positivo e negativo:

Des- como prefixo usado com sentido negativo ou de contradição é a romanização da forma latina *dís-*, "forma esta que se manteve inalterada em certo número de vocábulos recebidos da língua-mãe, mas cuja faculdade de criar novos termos dentro do domínio da língua portuguesa se transferiria à forma *des-*. [...] *Des-* com sentido positivo ou pleonástico provém "não da fusão de elementos latinos, mas da confusão de elementos já romanizados". (SAID ALI, 1964, p. 250)

O autor prevê para o *des-* dois valores semânticos gerais: negativo e positivo; sendo que o primeiro é o *dis-* atualizado e o segundo é o prefixo que estabelece concorrência com o *dis-*. Com base nesta visão de análise, traremos argumentos que corroboram e são contra a tal perspectiva.

Assim, historicamente, temos três prefixos *dis-/di-*, *de-* e *des-* de origem latina que, ao longo do tempo, foram adquirindo valores, agregando-se à base e modificando-se conforme influência do contexto fonético-fonológico, morfológico e semântico a que se adjungem.

Dessa forma, ao olharmos a ocorrência destes nas línguas românicas, percebemos que este é um fato que deixa pistas para a transformação do *dis-* > *des-*. Vejamos o quadro 16 a seguir:

Quadro 16 – Descrição dos prefixos *dis-*, *des-*, *de-* nas línguas românicas

LÍNGUAS ROMÂNICAS	PREFIXOS		
	<i>Dis-</i>	<i>Des-</i>	<i>De-</i>
Catalão	<i>DISFARCE</i>	<i>DESACCELAR</i>	<i>DECADÊNCIA</i>
Espanhol	<i>DISFRUTAR, DISFRAZ, DIVERSIFICAR</i>	<i>DESABOTONAR</i>	<i>DECORAR</i>
Francês	<i>DISTINGUER, DIFFÉRENCIER</i>	<i>DÉSABUSER</i>	<i>DÉBALLER, DÉCOUVRIR.</i>
Galego	<i>DISMINTIR</i>	<i>DESBAFARSE</i>	<i>DEAMBULAR</i>
Italiano	<i>DISUNIRE, DISUMANO</i>	-----	<i>DECRECERE</i>
Provençal	<i>DISCRÉDIT</i>	<i>DESBATRE</i>	<i>DÉBALLER</i>
Romeno	<i>DIFERIT</i>	<i>A DESIRÁ DESÍR</i> <LAT. <i>DISERRARE</i>	<i>A DETERIORA</i>

Fonte: Dicionários DRAE, DRAG, DEI.

Ao observarmos o quadro acima, verificamos que os prefixos ocorrem em quase todas as línguas românicas, com exceção do prefixo *des-*, que não tem produção no italiano, porém, ele é documentado como variante do formante *dis-* em dialetos italianos, conforme informações dos artigos de Castellani (1982, 1990), que o atesta sendo utilizado na região da Toscana.

No italiano, o prefixo *dis-*, de acordo com dicionário *online* Étimo pode significar afastamento, separação, ora com sentido positivo, ora com sentido negativo, sendo muito produtora nesta língua. Já o prefixo *de-* apresenta as seguintes significações: movimento do alto para baixo, afastamento, separação, origem; às vezes correlaciona-se com *dis-*.

No dicionário DRAE, o *des-* é descrito como um formante de origem latina gerado a partir da confluência dos prefixos latinos *de-*, *ex-*, *dis-*, e, às vezes, *e-*. Indica negação ou inversão do significado da palavra simples a que é anteposto (*Desconfiar*, *deshacer*), privação (*Desabejar.*), excesso (*Deslenguado*), significa *fora de* (*Descamino*, *deshora*) e em alguns casos indica afirmação (*Despavorido.*).

Já o formante *dis-* denota separação (*Distraer*), negação ou contrariedade (*Discordancia*, *disculpa*, *disconformidad*) e distinção (*Discernir*, *distinguir*), e o prefixo *de-* indica direção de cima para baixo (*Depender*, *decaer*), sinaliza afastamento ou

separação (*Delimitar, definir*), origem ou procedência (*Derivar, deducir.*), privação ou inversão (*Decolorar, demente, defoliación*); em alguns casos, só reforça significado da palavra primitiva (*Denominar, demostrar*).

Interessante registrar que muitas palavras que vieram via latina para o espanhol com o prefixo *dis-* também estão no léxico da língua portuguesa, como é o caso de *difamación* (difamação). No entanto, essa palavra (sem o fonema /s/) encontra-se em desuso, sendo a forma atual na língua *disfamación*, o que marca um retorno do fonema /s/ que passou por assimilação no latim, com a fase da dupla escrita até a fusão do dois em f. Este fato é relevante na descrição e produtividade em língua portuguesa com o prefixo *dis-* (V. capítulo 4).

A variante *di-* também está registrada e denota oposição ou contrariedade (*Disentir*), origem ou procedência (*Dimanar*), extensão ou propagação (*Dilatar, difundir*), separação (*Divergir*), na língua espanhola.

A convergência semântica entre os prefixos *des-* e *dis-* é tão inerente que vários verbetes registrados e formados por prefixação com *des-* em língua portuguesa no espanhol foram formados com o prefixo *dis-*, como, por exemplo, *discapacidad, discapacitado, discapacitar, disfrutar, desagregar, disminuir, disgustar, , dislocar*, entre tantos outros.

Ratificamos que estas palavras, embora estejam com o formante *dis-*, indicam os valores expressos por *des-*, isto é, ambos os prefixos, mesmo em línguas diferentes apresentam compartilhamento de sentidos, já que, como proposto, são a origem aqui consideramos o *dis-* como o étimo do prefixo *des-*. Além desses formantes compartilharem concepções semânticas, vimos que podem se agregam a bases vocálicas e consonantais, estão em concorrência (variação) não somente em língua portuguesa mais em outros idiomas como descreveremos a seguir.

Desse modo, cremos que ao analisarmos as definições contidas em dicionários distintas línguas veremos com mais clareza está ligação entre os dois prefixos. Os verbetes dos dicionários DRAE e DHLP trazem definições semelhantes para *disfrutar / desfrutar*.

Quadro 17 – comparação de definições DRAE / DHLP

DEFINIÇÃO: DRAE	DEFINIÇÃO: DHLP
<p>Disfrutar. De <i>dis</i>⁻¹ e <i>fruto</i>⁵⁵.</p> <p>1. tr. Sentir ou disfrutar dos produtos e utilidades de algo. Desfrutar da boa comida.</p> <p>2.intr. Ter alguma condição boa, física ou moral, ou apreciar o conforto, presente ou conveniência. Desfrute de excelente saúde, destreza, estimativa, fama, etc.</p> <p>3. intr. Ter o favor ou amizade de alguém; tirar vantagem dele.</p> <p>V. Desfrutar.</p>	<p>Desfrutar. Des + fruto + ar (século XIII)</p> <p>Verbo</p> <p>transitivo direto e transitivo indireto</p> <p>1 estar na posse de (vantagem, benefício material ou moral); gozar, lograr, usufruir Ex.: <i>d. (de) boa condição, (de) boa saúde, (de) bom conceito</i></p> <p>transitivo direto</p> <p>2 colher os frutos de (lugar), esp. sem despendar esforços no cultivo Ex.: <i>quando chegamos, os invasores já haviam desfrutado toda a chácara</i></p> <p>transitivo direto</p> <p>3 Derivação: por extensão de sentido. viver a expensas de (alguém), obtendo indiretamente vantagens e favores Ex.: <i>abandonou os estudos e desfruta os irmãos mais velhos</i></p> <p>transitivo direto</p> <p>4 Derivação: sentido figurado. deleitar-se com; apreciar Ex.: <i>da sacada desfrutava um cortejo de maracatu</i></p> <p>transitivo direto</p> <p>5 Derivação: sentido figurado. Uso: informal. fazer (alguém) de objeto de chacota; escarnecer, troçar, zombar Ex.: <i>gosta de d. os homens públicos</i></p>
<p>Disgustar⁵⁶. De <i>dis</i>⁻¹ y <i>gustar</i>.</p> <p>1. tr. Causar disgusto y desabrimiento al paladar.</p> <p>2. tr. Causar enfado, pesadumbre o desazón. U. t. c. prnl.</p> <p>3. prnl. Enojarse con alguien, o perder la amistad por enfados o disputas.</p>	<p>Desgostar. Des- + gostar</p> <p>verbo</p> <p>transitivo direto</p> <p>1 dar desgosto, descontentamento, contrariedade a; aborrecer, contrariar, desagradar Ex.: <i>não era nossa intenção desgostá-lo, mas sim alegrá-lo</i></p> <p>transitivo indireto e pronominal</p> <p>2. não gostar; deixar de sentir simpatia, amor por; desafeiçoar(-se), desestimar(-se) Exs.: <i>tornou-se incapaz de amar, desgosta dos familiares, dos velhos amigos, dos próprios escritos</i></p> <p>transitivo direto</p> <p>3 causar intenso desprazer; atormentar, mortificar.</p>

Fontes: DRAE/DHLP

⁵⁵ DRAE: 1. *Percibir o gozar los productos y utilidades de algo. Disfrutar la buena comida.* 2. *intr. Tener alguna condición buena, física o moral, o gozar de comodidad, regalo o conveniencia. Disfrutar DE excelente salud, destreza, estimación, fama, etc.* U. t. c. tr. 3. *intr. Tener el favor o amistad de alguien; aprovecharse de él.* U. t. c. tr. 4. *intr. gozar (|| sentir placer).*

⁵⁶ Disgustar. De *dis*⁻¹ y *gustar*. 1. tr. *Causar disgusto y desabrimiento al paladar.* 2. tr. *Causar enfado, pesadumbre o desazón.* U. t. c. prnl. 3. prnl. *Enojarse con alguien, o perder la amistad por enfados o disputas.*

Verificamos haver uma correspondência com relação aos valores semânticos expressos pelos prefixos *dis-* e *des-* no espanhol e no português, pois indicam “tirar de X”, ou “tirar X de”, respeitando as especificidades de cada língua. Tais verbetes dão pistas de como o *dis-* se manifestou nas outras línguas românicas nos mesmos contextos morfofonológicos e morfossemântico que o *des-*. Ao observar os dados, começamos compreender os caminhos que fez o formante *dis-*, vislumbramos, dessa maneira, possíveis respostas para os usos desses prefixos no português atual.

O verbe *desgostar*, além do português e espanhol, está presente no catalão (*disgustar*) e no romeno (*dizgusta* e *dezgusta*); já *desfrutar*, no catalão (*desfruitar*) e no galego (*desfrutar*).

Conforme os verbetes ilustram acima, a questão aqui é bem mais complexa no que tange conseguir provar a alteração histórica de *dis-* > *des-*, pois esta resposta está condicionada não somente à descrição fonética, fonológica, semântica dos prefixos, e sim, à correlação entre esses fatores internos e a questões/fatores extralinguísticos que são importantes e, às vezes, determinantes nas formações linguísticas.

Tais fatos comprovam que o *dis-*, em sua forma prefixal, faz parte do sistema de outras línguas neolatinas, as quais, tal como a língua portuguesa, passaram por alterações mórficas e semânticas.

Observamos que as seleções linguísticas de cada idioma têm parâmetros e princípios gerais igual à qualquer língua, porém entendemos que há aspectos específicos que interferem nas formações das estruturas linguísticas, fazendo com que um mesmo prefixo, com origem única, no caso o *dis-*, tenha um percurso distinto, mesmo que gere variantes semelhantes, ou um percurso semelhante, ainda que gere variantes distantes. Porém, se o primeiro prefixo é supostamente a romanização do segundo, o que justificaria a existência de ambos no português?

Embora o prefixo *des-* seja mais produtivo que o formante *dis-*, justificaria a existência de ambos em língua portuguesa, devido a potencialidade da formante *dis-* que se mantém ao longo dos séculos usual, pois palavras que foram criadas no latim ainda possuem uma frequência muito grande sincronicamente e um aplicação continua em textos e na sincronia atual, comprovamos tal fato com os dados do dicionário e pelas buscas feitas no *Corpus Brasileiro*. como por exemplo:

❖ **Disposto**⁵⁷ (século XIV) adj./s.m > lat. *dispositus*, a, um: 'preparado, organizado; com propensão para (algo); inclinado, colocado de certo modo, sendo participio passado de *disponere* 'dispor'; com frequências de uso: 8940000;

As fontes históricas, como o DELP/AGC, registram uma variação sXIV *desposto* ~ sXV *disposto*.

❖ **Diversão** (1660) s.f. > lat.tardio *diversio, ōnis*: 'digressão, diversão, ato ou efeito de divertir(-se)', originado do verbo latino *divertere*: 'afastar-se, apartar-se, ser diferente, divergir'; tendo a raiz √*ver-*, com frequências de uso: 5180000; verbete semierudito.

❖ **Diversificação** (1887) s.f. ← *diversificar* + -ção, com frequências de uso: 1100000, verbete semierudito.

❖ **Diferenciar** (século XV) v. > lat.escl. *differentiare*: 'fazer ou estabelecer distinção', com frequência de uso: 982000, verbete erudito.

Esta palavra provavelmente veio para a língua portuguesa do francês *différencier*, palavra latina introduzida na língua francesa no século XIV e tem como raiz √*fer-*. Nas informações históricas obtidas nos dicionários investigados (DHLP, DELP/AGC, DELP/J), temos ainda as seguintes proposições:

Defferencear (1537) ← *diferenciar* (1576), ← *deferensear* (1616) ← *differencear* (século XVIII)

Diferenciado (século XV) adj. > part. de *diferenciar*, com frequência de uso 1950000, verbete advindo ao português por via semierudita.

Diferenciado (século XV) ~ *diferenciado* (século XV).

Detectamos que o formante *dis-/di-* ainda continua agregando-se à bases distintas fonologicamente, entretanto vem por adaptação e alteração fonética-fonológica como o apagamento do fonema /s/ em alguns contextos fônicos, por exemplo antes de consoante fricativa sonora surda, por exemplo, *diferenciar*. Também

⁵⁷ Ainda é registrado pelo DHLP os seguintes regionalismos: 'em bom estado de saúde; animado, que tem energia e vontade para o trabalho; ativo; que não receia o perigo; arrojado; decidido por sentença; determinado, ordenado'.

esclarecemos que vislumbramos e descrevemos as variações as regras de ocorrência latinas nas palavras consideradas neológicas.

Ressaltamos ainda que palavras como *disgostar*, *disfrutar*, e várias outras em uso nas línguas românicas, já foram documentadas nos estudos lexicográficos de língua portuguesa, DRA e no VPL (1712).

Na língua portuguesa, postulamos que o prefixo *dis-/di-* tenha:

- (i) se mantido, nas palavras portuguesas oriundas do latim por via erudita e semierudita;
- (ii) se alterado para *des-*;
- (iii) criado neologismos no português atual.

Desse modo, temos no *corpus*, palavras que comprovam esses postulados:

❖ **Dissipável** (1836) adj. > lat. *dissipabilis*, e 'que se dissipa, que se esvai, que se evapora rapidamente'; frequência de uso: 181, via semierudita. (Mantida sem alteração.)

❖ **Difundido** (século XVI) part. de difundir; ver 2fund-. De acordo com fontes históricas derivado do verbo *difundir* (1563). O adjetivo apresenta a frequência de uso: 483000 e o verbo de 1220000. Ambos verbetes vieram para língua portuguesa por via semierudita. (Verbete sem alteração).

❖ **Difratar** (1838) v. > fr. *diffracter* 'id.', formado a partir do radical de difração., palavra de origem francesa. *diffraction* (1666) frequência de uso: 157, adveio para o português via erudita.

❖ **Dilacerante** (século XIX) adj. ← *dilacerar* + *-nte*; formado com base na raiz *lacer-*, com frequência de uso: 29900, verbete erudito.

❖ **Descobrir** (século XIII) v.> lat.tar. *discooperio*, -íre: 'descobrir, tirar a cobertura'. (palavra oriunda da alteração de *dis-* para *des-*. com frequência de uso: 4860000. (alteração de *dis-* em *des-*)

❖ **Dissintonia** (s/d) > *dis-* + sintonia; ver -tonia e ton(o)- (subs), com frequência de uso: 450. (Neologismo)

Com base nos exemplos podemos observamos que os aspetos morfológicos interferem na formação dos verbetes, mas há fatores sociais que contribuem e contribuíram para a permanência de *dis-/di-* quanto para sua alteração, que nesta tese não foram arrolados, isto é, esses fatores sociais não estão sendo estudados aqui, porém, sabemos que juntamente com os internos provocam as modificações e são também responsáveis por essas mudanças.

Assim, de acordo com Areán-García (2011):

Historicamente, sabemos que as línguas portuguesa e galega têm raízes comuns, cujas origens remontam ao processo de romanização e reconquista cristã da península Ibérica, entretanto, são línguas distintas dado que tiveram, a partir do galego-português, [...] desenvolvimentos diferentes pelas peculiaridades históricas e políticas de cada território em que frutificaram. (Areán-García, 2011, p. 1)

Vejamos outros exemplos no galego, romeno e catalão.

Semelhante comportamento é informado no DRAG, onde encontramos os verbetes: *discapacidad*, *discontente*, *dislocación*. Esses verbetes em língua portuguesa ocorrem com elemento formante *des-*.

No DRAG, o *dis-* é visto como: “elemento de origem latina que entra na formação de palavras e que expressa distanciamento, separação ou unha ideia oposta à da palavra-base.”⁵⁸ O *des-* é um “prefixo que entra na *formação de palavras como o significado de privação ou negação*, (*desarmar*, *desasosiego*, *desconfianza*, *desinchar*, *desprender*, *desfacer*)”⁵⁹. E o *de-*⁶⁰, “prefixo que entra na formação de palavras, que expressam mudança de mais a menos ou movimento de cima para abaixo, *decaer*, *decrecer*”. Este derradeiro prefixo não é mais produtivo no galego.

⁵⁸ DRAG: *Elemento de orixe latina que entra na formación de palabras e que expresa distanciamento, separación ou una idea oposta à da palabra base.*

⁵⁹ DRAG: *Prefixo que entra na formación de palabras co significado de privación ou negación. Desarmar, desasosiego, desconfianza, desinchar, desprender, desfacer.*

⁶⁰ DRAG: *prefixo que entra na formación de palabras, que expresa cambio de más a menos ou movemento de arriba para abaixo. decaer, decrecer’.*

No dicionário romeno *Dictionar*⁶¹ *explicativ si practic al limbii române*, Academia Romana (1973) e no dicionário *online*⁶²: *dexonline* (Dicționare ale limbii române) também há o registro do *des-* enquanto formante derivado do *dis-*, sendo que há nestes dicionários de língua romena várias palavras com o prefixo *dis-* (*distilator*, *discalifica* ~ *descalifica*), cuja prefixação se faz em língua portuguesa com o *des-*.

No que concerne às questões morfofonológicas, os prefixos têm comportamento distintos: enquanto os prefixos *des-/de-* seguem restrições fonológicas quanto à base a que se adjungem, o formante *dis-* não. O prefixo *de-* não tem tanta correlação fonética-fonológica com o *dis-*, mas é influenciado semanticamente por ele.

Conforme a análise dos verbetes existentes em língua portuguesa aos dos dicionários DHLP, DRAE, DRAG, *dexonline*, podem afirmar que um prefixo mesmo que *dis-* tenham se alterado para *des-*, isso não significa que eles não possam coexistir com a sua forma derivada, porque, as palavras formadas com *dis-/di-* mantiveram a proficuidade, demonstrada na sua força de uso dentro da língua, na permanência em textos diversificados ao longo dos séculos.

Ambos os prefixos podem coexistir, isto é, a presença de primeiro não afeta a existência do segundo. Por muito tempo, eles podem concorrer entre si e até serem produtivos na língua, com graus diferentes de produtividade. No entanto, quando isso acontece, geralmente, a atualização é bem mais produtiva.

Postulamos que o que vem ocorrendo com o prefixo *dis-* na língua romena tenha ocorrido com o *dis-* em língua portuguesa. Notamos neste idioma a alteração, entretanto, a utilização de ambos está documentada nos dicionários pesquisados.

Viaro (2011), em seu estudo sobre a derivação sufixal, postula que, diante de dois dados:

[...] imaginar que estamos diante do mesmo dado é complexo: • X e Y podem ser o mesmo dado, embora a grafia seja distinta (variantes gráficas); • X e Y podem ser o mesmo dado, embora a pronuncia seja distinta (variantes fonéticas); • X e Y podem ser o mesmo dado, embora o significado seja distinto (variantes semânticas); • X e Y podem ser o mesmo dado, embora pertençam a momentos distintos da mesma língua (variantes diacrônicas); • X e Y podem ser o mesmo dado,

⁶¹https://www.google.com.br/search?sxsrf=ACYBGNRArBkVrYd_cfbEzOtvcrbWk60_dw:1582102331216&q=Dictionar+explicativ+si+practic+al+limbii+rom%C3%A2ne&sa=X&ved=2ahUKEwj9My7nt3nAhW3GLkGHXLYCM8Q7xYoAHoECAsQLQ&biw=1366&bih=614.

⁶² <https://dexonline.ro/definitie>.

embora pertençam a línguas distintas ou a momentos distintos da mesma língua e não difiram em nada, ou apenas na grafia, ou na pronúncia, ou no significado, ou em todos esses componentes (variantes cognatas). Dessa forma, X e Y podem coexistir no mesmo falante na mesma época (variantes estilísticas) ou em épocas distintas de sua vida (variantes ontogenéticas), em falantes distintos da mesma época (variantes síncronas), em falantes distintos de épocas distintas (variantes assíncronas). A variação depende, portanto, da idade, da região, da época e de outros fatores sociais. Independente de quantos ou quais são, a questão de se X e Y são o mesmo dado ou não, permanece sujeita a pressupostos. No nosso estudo, o pressuposto do antepassado, acima apresentado, se mostra muito importante para decidirmos se estamos ou não diante do mesmo dado [...] Viaro (2011, p.18 – 19).

Consideramos que *dis-* e *des-* sejam o mesmo prefixo, embora, atualmente, como comprovaram os estudos de Campos (2004), De Bona (2014, 2018), Santos (2016), *des-* tem ampliado seu leque de sentidos, estando com uma variedade semântica muito maior que os registrados nos dicionários e gramáticas.

Esses prefixos coexistem e são influenciados por outros formantes, motivados por um compartilhamento semântico, como é o caso dos prefixos *de-* e *ex-*, principalmente o *ex-* com relação a *des-* e ao *de-*, influência semanticamente documentada na obra de Meyer-Lübke (1914).

Sabemos, pois, que essa coexistência com produtividade, não é uma regra. Romanelli (1964, p. 70) assegura que prefixos composicionais podem perder seu poder semântico, sendo assim, estar numa palavra, porém, nada significar. Por exemplo, o prefixo *in-* com sentido zero nas palavras *illaboro*, ‘*trabalhar em*’, *illuceo*, ‘*luzir, brilhar*’, *imminuo*, ‘*diminuir, enfraquecer, debilitar*’ [...].”. Buscamos identificar nos verbetes se havia tal ocorrência, porém não fora identificado nenhuma palavra como zero semântico, embora sincronicamente verbetes como *diminuir*, não pareça tão claro o formante *dis-* representado pela variante *di-*. Porém, se recorremos a decomposição da palavra, entenderemos o sentido do prefixo e sua descrição histórica *dis-* + *-minũo*, *-ẽre*, com o significado de fazer em pedaços, quebrar.

Esse prefixo ainda é produtivo em língua portuguesa, mas como a mesma produtividade dos séculos XII a XIV? Um prefixo pode perder a noção semântica, restringindo os valores que têm, ou, com o tempo, não apresenta nem produz significado, cai em desuso, ou fica somente existindo em palavras já derivadas. Mas esse não é o caso do *dis-/di-*.

Questões de uso dos prefixos e desuso são discutidas e descritas em Campos (2004). O pesquisador, ao investigar a formação prefixal negativa na história da língua portuguesa, analisou *a-*, *de-*, *des-* e *in-*, por meio da descrição semântica desde a origem latina, passando pelo português arcaico até o português contemporâneo.

Campos (2004) postula que *des-/dis-* sejam o mesmo prefixo, sendo que o primeiro seria originado de uma variação de *dis-* dentro do processo de romanização, iniciada desde o latim, assim sendo, o elemento formante *des-* ampliou seu valor semântico e se consolidou enquanto prefixo já no português arcaico.

No período compreendido como português contemporâneo, o prefixo *des-* adquiriu novos significados. Ele chegou às seguintes conclusões com relação ao formante *dis-* na formação de palavras relacionadas ao formante *des-*:

Há cinco grupos principais de palavras formadas já no latim com o formante *dis-*:

(i) palavras que não se alteraram desde o latim até o português contemporâneo, isto é, mantiveram o *dis-*. Ex.: *distingŭere* (LT) > *distinguir* (PA) > *distinguir* (PC); (Campos, 2004, p. 284).

(ii) palavras flutuantes⁶³: “palavras formadas no latim com o prefixo *dis-* que apresentam o prefixo *des-* no português arcaico e novamente o prefixo *dis-* no português contemporâneo” (Campos, 2004, p. 284). Ex.: *discordāre* (LAT) > *descordar* (PA) > *discordar* (PC);

(iii) “palavras formadas no latim com o prefixo *dis-* e que receberam o prefixo *des-* no português arcaico, e permanecem com *des-* no português contemporâneo” (Campos, 2004, p. 284). Ex.: *discooperīre* (LAT) > *descobrir* ~ *descubrir* ~ *descobrir* (PA) > *descobrir* (PC).

(iv) “palavras formadas no latim com o prefixo *dis-* que se apresenta no português arcaico com o prefixo *des-* e sem prefixo no português contemporâneo” (Campos, 2004, p. 274). Ex.: *dīstŭrbāre* (LAT) > *destoruar* (PA) > *estorvar* (PC).

(v) Palavra formada com *dis-* no português arcaico que se altera para *des-* no português contemporâneo. Ex.: *Displizel* (PA) > *desprezível* (PC).

Processos semelhantes ocorreram com mais verbetes do DHLHP, porém com um número maior de palavras, pois, Campos (2004) analisou 12 palavras com o

⁶³ Terminologia usada por nós, não consta na tese de Campos (2004).

prefixo *dis-*, sendo 11 de origem latina e uma formada no PA por meio de coleta de 171 palavras em textos escritos.

Desse modo, ele pode descrever cada percurso da palavra estudada por meio da documentação textual, averiguando a datação dessas palavras e propôs novas datação para algumas palavras contidas nos DELP/AGC.

Baseando-nos no percurso histórico descrito por Campos (*idem*), investigamos os verbetes extraídos do DHLP e manuais lexicográficos com o intuito de examinar estas possibilidades de transformações nos dicionários aferidos com o formante *dis-/di-*. Assim, detectamos nesses dicionários:

(i) palavras que no latim eram com *dis-/di-* e atualmente são *des-*:

Ex.

Despender (século XIII) v. > lat. *dispéndo, ěre*: '*empregar, gastar*': *dispéndĕre* (LAT) → sXV *despemder* ~ sXV *dispender* (PA) → *despender* (PC);

(ii) palavras que no latim eram com *dis-/di-*, passaram no português arcaico para *des-* em concorrência com *dis-* e, atualmente estão com *dis-*:

Ex. **discórdia** (século XIII) s. > lat. *discordĭa, ae*: '*desacordo, discórdia, desunião, desinteligência, em sentidos próprios e figurados*': *discordae* (LAT) → s.XIII *descordia* ~ sXIV *discórdia* (PA) → *discórdia* (PC);

(iii) palavras sem alteração com o prefixo *dis-/di-*. Ex.:

Dissolução (século XIV) s.f > lat. *dissolútio, ōnis*: '*dissolução, decomposição, separação das partes*': *dissolútiōnis* (LAT) → sXIV *disoluçõ* ~ 1570 *dissoluçam* (PA) → *dissolução* (PC).

(iv) Palavra formada com *dis-* no português arcaico que se alterou para *des-* também no português arcaico e, atualmente, estão com *dis-/di-* no português contemporâneo. Ex:

Dissabor (século XIII) s.m > *dis-* + *sabor* (PA) → sXIII *dissabor* ~ *dessabor* s. XIII → *dissabor* (PC).

Há também em língua portuguesa o registro da palavra *dessabor* enquanto parônimo de *dissabor*, com o sentido de ‘*falta de sabor ou gosto demasiado tênue*’. Esse parônimo tem baixa frequência de uso e datação imprecisa.

Corroboramos as afirmações de Campos (2004) e, salientamos que no *corpus* formado pelos verbetes extraídos do dicionário *Houaiss* (2001), temos ocorrência dos cinco grupos por ele definido com algumas adaptações, demonstrando uma forte correlação entre os prefixos *dis-/des-*, mas sabemos que também o prefixo *de-* influência na formação de palavras com *des-*.

Assim, podemos afirmar que ambos influenciaram o desenvolvimento semântico do prefixo *des-*. Sobre qual destes seria o responsável pela geração do prefixo, temos argumentos que pendem tanto para um quanto para outro, sendo que cremos na transformação de *dis-> des-*, baseados nos argumentos de Said Ali (1964 [1921]), de Campos (2004), entre outros autores.

Desse modo, Campos (2004) ressalta que em seu *corpus*, o formante *de-* manifestou-se da seguinte forma:

[...] palavras formadas ainda no latim com o prefixo *de-* e que mantiveram esse prefixo no português arcaico; palavras formadas ainda no latim com o prefixo *de-* e que receberam o prefixo *des-* no português arcaico; palavras formadas no português arcaico com o prefixo *de-*, mantiveram no português contemporâneo. (CAMPOS, 2004, p. 81)

Esse comportamento é semelhante ao prefixo visto em De Bona (2014) e Santos (2016), que trazem em seus estudos provas dessa influência. Dessa forma, vimos nos capítulos 2 e 3 que, nos dicionários, nas gramáticas, nas obras tomadas com base descritiva, há uma alternância por parte dos autores no entendimento de como foi originado o prefixo *des-*, sendo duas as hipóteses mais citadas: de *dis-* como elemento gerador de *des-* ou *de- + ex-*, com predominância de aceitabilidade da primeira.

Entretanto, é nítida a existência de interferências entre os prefixos *dis-/di-*, *des-*, *de-* na formação de palavras do latim ao português no *corpus* estudado e nos outros estudos citados. Não há como dissociar a história, a formação de palavras, a semântica dos nomes produzidos com esses prefixos.

Comparando os três prefixos *dis-*, *des-* e *de-* no que concerne à significação, temos o quadro 18:

Quadro 18- valores semânticos de *dis-/des-/de-*

VALORES	PREFIXOS		
	DIS-/DI-	DES-	DE-
Causativo/incoativo	_____	X	_____
Cessação	_____	_____	X
Diminuição	X	X	X
Falta	X	X	_____
Golpe	_____	X	_____
Intensidade/reforço	X	X	X
Movimento em de cima para baixo	X	X	X
Movimento em várias direções	X	_____	_____
Negação (oposição)	X	X	X
Negação (Reversão)	X	X	-----
Origem	_____	_____	X
Privação	_____	X	_____
Progressão	_____	X	X
Separação/afastamento	X	X	X

Fontes: Diversas (dicionrios, gramticas, dados da tese, obras consultadas)

Ao examinar o quadro geral dos valores semnticos de *dis-*, *des-* e *de-*, notamos que o prefixo *des-* mais amplo semanticamente que os outros dois, e envolve os valores assumidos por *dis-* e por *de-*.

Os trs formantes partilham entre si, os valores da intensidade, de negao no sentido de oposio, separao. Somente *dis-/di-* e *des-* compartilham de mais valores, como o da reverso.

Dessa forma, aprofundaremos essas questes no prximo captulo e explicaremos quais os contextos morfossemnticos so responsveis pela produtividade do prefixo em anlise, abordando os aspectos da neologia e da renovao semntica.

CAPÍTULO 4. A PRODUTIVIDADE DO PREFIXO *DIS-/DI-* NO PORTUGUÊS ATUAL: UMA DESCRIÇÃO MORFOSSEMÂNTICA

Neste capítulo, serão descritas as características morfossemânticas dos verbetes com o prefixo *dis-/di-*, coletados no DHLP com o intuito de investigar as condições e o grau de produtividade do mesmo. Esse capítulo foi baseado no arcabouço metodológicos do grupo do GMHLP proposições de outros estudiosos como Santos (2016).

Para tanto, também foram inclusas nesta descrição, as palavras coletadas no *Corpus Brasileiro* ⁶⁴, modalidade escrita ⁶⁵ contida nos documentos literários, jornalísticos, publicitários e textos variados. O *corpus* está disponibilizado via banco de dados abertos à consulta pela *internet* por meio de cadastro⁶⁶ na plataforma de dados que propicia a:

[...] lingüistas, pesquisadores da linguagem, professores de língua materna, estrangeira, de redação, jornalistas, escritores, roteiristas, publicitários, alunos de diversos níveis, dicionaristas, gramáticos e uma ampla gama de profissionais que lidam com a língua em uso. (*Corpus Brasileiro*. Disponível em: <<http://corpusbrasileiro.pucsp.br/cb/Inicial.html>>. Acesso: 23/11/2018)

Ressalta-se que não foi utilizada a metodologia de análise empregada pelos pesquisadores do grupo de pesquisa GELC (Grupo de Estudo de Linguística de Corpus), somente as palavras encontradas nas buscas feitas no aplicativo do *Corpus Brasileiro* foram somente examinadas. Essa coleta de dados ocorreu no período de 11 de novembro de 2018 a 20 de março de 2019.

⁶⁴ é uma coletânea de textos falados e escritos coletados criteriosamente para serem uma amostra de uma língua ou variedade linguística (BERBER SARDINHA, 2004).

⁶⁵ Fizemos um levantamento prévio na modalidade oral do *corpus*, porém não chegamos a analisar as palavras obtidas, por dois motivos: 1. Para não misturar a modalidade de análise que estávamos trabalhando, isto é, textos escritos, verbetes dicionarizados, palavras retiradas de gramáticas históricas, e 2. Por que obtivemos 3240 palavras com *dis-/di-*, seria assim, uma nova tese, separá-las por categorias, descrevê-las semanticamente e ainda verificar os neologismos.

⁶⁶ Após o cadastro, recebemos a autorização de uso via *e-mail* da coordenação da equipe do *corpus*.

Logo, na primeira averiguação no Corpus Brasileiro, foram coletadas 2300 palavras em 125891 ocorrências. A estas palavras foram aplicados os critérios adotados como neologismos, com o descarte também daquelas que já apareciam no DHLP, restando 09 palavras ao final da triagem.

Com essas 09 palavras e o acréscimo de 16 recolhidas no DHLP, foi iniciada a investigação sobre a produtividade ou não desse prefixo em língua portuguesa, com o verificar da possibilidade de existência de restrições ou de arranjos no referente à palavra-base que se adjunge na formação lexical. As palavras obtidas no DHLP e no *Corpus Brasileiro* foram descritas nas seções seguintes e fazem parte da *corpora* apresentadas.

Neste capítulo, diferentemente do capítulo 3, foram utilizadas as palavras sem datação para descrever os neologismos criados com prefixo e explicar os valores que ele assume. Essa adaptação na metodologia de análise foi necessária, pois como ressaltam Santos (2016) e De Bona (2018), a maioria dos neologismos não estão dicionarizados e os que estão, nem todos apresentam datação, haja vista que somente aqueles mais usuais e/ou com registro mais antigo estão devidamente documentados nos dicionários. Apontamos nos dados se há ou não critérios de arranjo da base a que o prefixo se adjunge com a finalidade de verificar se o elemento formativo *dis-* /*di-* desempenha um comportamento sistemático na formação de palavras. Serão também enunciadas, neste capítulo, quando necessário, informações de outros dicionários, para fins de comparação com as concepções apresentadas.

4.1 A CRIAÇÃO DE NOVAS PALAVRAS: CONCEPÇÕES E PRINCÍPIOS

Nesta seção, serão comentadas questões sobre a concepção de neologismo, os critérios para criação de palavras novas e a construção lexical por meio de afixos. Foi realizada uma breve discussão com o objetivo de descrever e apresentar os critérios, seguida pela determinação se uma palavra é ou não um novo item lexical.

Para o DHLP, neologismo (1813) é o “emprego de palavras novas, derivadas ou formadas de outras já existentes, na mesma língua ou não; atribuição de novos sentidos a palavras já existentes na língua, e unidade léxica criada por esses processos.” O neologismo está intrinsecamente ligado a debates realizados por vários autores, como Alves (1996, 2010) e a neologia é entendida como derradeira enquanto

“processo de formação, caracterização e emprego de novas unidades léxicas; registro dessas unidades, e conjunto de neologismos” (DHLP).

De acordo com Alves (1996, p.11) “a neologia refere-se a todos os fenômenos novos que atingem uma língua”. Tais fenômenos envolvem os níveis lexicais como um todo, tanto que se pode formar uma palavra nova a partir do acréscimo a base de afixos (prefixo e sufixo), da junção de duas, três ou mais bases, pela composição de uma nova palavra, pela ampliação do sentido da base e, também, por empréstimos e permutas entre línguas e, não somente, com formantes de uma única língua.

O processo de neologia envolve os itens lexicais como todo, podendo ser desencadeada por alterações fonológicas, morfológicas, semânticas, estilísticas. Dessa forma,

a permuta de um fonema por outro pode gerar um neologismo fonológico, uma mudança de significado frequentemente condiciona a criação de um neologismo semântico, assim como a adição de um prefixo ou de um sufixo implica alterações semânticas na palavra-base e também sintáticas, no contexto frasal. (Alves, 2009, p.1822)

Esse procedimento de criação lexical ocorre dentro das sincronias, não havendo modificações por fatores diacrônicos, os quais necessitam, muitas vezes, de consolidação por meio das transformações linguísticas.

Para Basílio (2004) para a formação de novas unidades lexicais, a língua utiliza de mecanismos com fins de facilitar a associação de palavras pelos falantes, tal como os processos de oposição entre as formas, por exemplo: feliz/infeliz/triste. Esse mecanismo e outros fazem com um falante possa associar os sentidos, sem ter que, necessariamente, criar uma palavra nova para cada noção que quer representar. A autora afirma que:

[...] Como estamos sempre (re)produzindo e (re)conhecendo novos seres, objetos e relações, precisamos de um sistema dinâmico, capaz de se expandir à medida que se manifesta a necessidade de novas unidades de designação e construção de enunciados. (Basílio, 2004, p. 07)

Esse processo de criação/renovação foi averiguado nos dados, com a adoção da concepção posta no manual do NEHILP (Núcleo de apoio à pesquisa em Etimologia e História da Língua Portuguesa):

Entende-se por *neologia* a criação de novas palavras com base em elementos fonético-fonológicos, morfológicos e sintáticos preexistentes. Assume-se que essa criação ocorre *em sincronia* (atual ou pretérita), uma vez que uma sincronia é um recorte temporal arbitrário em que se estabelecem os sistemas. Da mesma forma que não existe sincronia atemporal, tampouco existe sistema em diacronia. Assim sendo, o resultado do mecanismo sincrônico da produtividade mórfica e da neologia é o chamado *neologismo*. (NEHILP, 2015, p. 21)

Para reconhecer se uma unidade lexical é um neologismo ou não, há necessidade da determinação de quais características esta unidade deve respeitar para ser uma nova palavra.

Conforme Cabré (1993, p. 445) um dos critérios mais usuais é o de cunho lexicológico, pelo qual é determinado se uma palavra é neológica, quando não está registrada no dicionário. Outro critério postulado pela autora é o diacrônico, pelo qual é verificado se a unidade lexical foi criada recentemente ou é uma unidade mais antiga; um terceiro critério é da instabilidade semântica que determina se um verbete é neológico quando este encontra-se instável, fonologicamente, semanticamente e, morfolologicamente.

Na tese de Campos (2004), a criação de palavras novas foi estudado com base na descrição semântica de palavras coletadas em textos escritos do período do português arcaico, analisando nas palavras por ele coletadas, se o sentido original dos prefixos *a-*, *de-*, *des-*, *in-* teria se inalterado, ou ampliado o valor semântico nas palavras coletadas, examinando ainda se a palavra estava em uso ou não na atualidade.

Bechara (2009, [1961]) explica que a renovação lexical é meio pelo qual os falantes de uma língua conseguem criar palavras novas dentro de uma perspectiva de uso, de um contexto social que advém da necessidade diversas de comunicação desses falantes. Por esse motivo,

Os neologismos ou criações novas penetram na língua por diversos caminhos. O primeiro deles é mediante utilização da prata da casa, isto é, dos elementos (palavras, prefixos, sufixos) já existentes no idioma, quer no significado usual, quer por mudança do significado, o que já é um modo de revitalizar o léxico da língua.

Os verbetes aqui analisados encaixassem no processo de criação por acréscimo do prefixo, agregado muitas vezes, a ampliação lexical por intermédio de adjunção do sufixo ao verbete que auxilia também nesta alteração semântica.

Já Maronese (2012), em seu artigo sobre a “ordem de adição dos afixos no português brasileiro: dados de unidades lexicais neológicas”, postula que o estudo do afixos podem ocorrer baseados em diferentes perspectivas teórico-metodológicas e descreve algumas delas:

A primeira remete (**palavra-e-paradigma**) aos princípios postulados nos estudos estruturalistas, tendo como base a obra de Saussure (1969 [1916]), o Curso de Linguística Geral. Discute a visão de uma criação de palavras relacionada a unidade lexical como elemento integrante e participativo das associações paradigmáticas com as outras unidades linguísticas. Não há regras a serem aplicadas aos dados e, sim, inserir os elementos formantes de uma palavra em uma fórmula preestabelecida que se pode enquadrar quaisquer formações prefixais e sufixais. Por exemplo: *parar*: *disparar* = *parar*. X; X= *disparar*.

A segunda proposta de análise (**item-e-processo**) é baseada na proposta de análise de Aronoff (1976). Essa consiste em aplicar a uma base, regras que provocam a alteração dessa base. Por exemplo, no verbete *díspar*, teríamos a seguinte regra de prefixação e sufixal, formada a partir da elaboração e aplicação de uma regra geral na constituição de uma nova palavra:

[par]_{subst.} → [dis- + [par]_{subst.}]_{adj} (possível)

[par]_{subst.} → [[par]_{subst.} +/i/+dade]_{subst.} (possível)

[par]_{subst.} → [[dis- + [par]_{subst.}]_{adj} +/i/+dade]_{subst.} (não é possível)

Nesta visão, *díspar* seria criada por uma regra de prefixação, *paridade* por aplicação de uma regra de sufixação, mas no caso de *disparidade*, a palavra formada por prefixo e sufixo não ocorria como postulamos, por não ser possível a criação de palavras que unissem a uma base mais de um afixo de forma simultânea, ou seja, nesta teoria a aplicação das regras, não podem ser concomitantes, ocorrem uma de cada vez.

Nesta abordagem, teríamos que aplicar uma regra de cada vez para formar uma nova palavra, se fazendo preciso ter uma formação intermediária no caso de palavras com prefixo e sufixo ao mesmo tempo.

Desta forma, teríamos as seguintes possibilidades em *disparidade*:

Par > díspar > disparidade

Par > paridade > disparidade

Na terceira abordagem (**item-e-arranjo**), o autor explica que a formação de palavras ocorre por meio de arranjos, combinação morfológicas, nas quais podemos ter sequências lineares dos itens que serão ordenados, isto é, as palavras são tidas enquanto arranjos dos morfemas. Tal abordagem está pautada no estruturalismo norte-americano e apresenta várias vertentes. Na visão de Štekauer (2005), exemplificada por Maronese (2012), os arranjos ocorreriam assim:

[...] inicialmente se tem uma “estrutura onomasiológica” constituída por um conjunto de semas (elementos mínimos de significado) correspondentes à necessidade de nomeação de determinado conceito. [...] apenas a concatenação dos morfemas atribuídos a cada um dos semas é suficiente para descrever o processo de formação da unidade lexical. (Maronese, 2012, p. 205-206)

Exemplificamos tal firmação da seguinte maneira:

Dissentimento: dis- (prefixo de negação) + sentir (verbo) + -mento (sufixo)

Podemos ainda representar o substantivo masculino *dissentimento* pela estrutura:

[dis[[sentir]_{v.}mento]_{s.m.}]_{s.m.}

Neste sentido, temos o *sentimento* em oposição ao *dissentimento*, não concordância de opiniões, no sentido de “*falta de entendimento ou divergência de opiniões entre duas ou mais pessoas.*”, “*condição de disputa, litígio, desavença: as dissensões entre pais e filhos estragam suas relações.*” Ou ainda “*qualidade daquilo que diverge. Divergência de opiniões, de interesses, de sentimentos etc;*”

Aplicando a essa palavra a regra descritas nos capítulos 2 e 3, teremos a formação de uma substantivos que tem um valor negativo no sentido de oposição a ideia da palavra-base, sendo assim uma simples negação, a qual podemos representar pelas seguintes paráfrases: “não sentir X”, “sentir diferentemente de X”.

Assim, há inúmeras outras concepções teóricas sobre neologia, fizemos aqui somente um apanhado de algumas delas que tratam sobre a mesma temática dos estudos realizados.

Desse modo, com base nos pressupostos anteriormente expostos e na adoção do conceito de neologismo do DHLP, buscamos estabelecer critérios⁶⁷ para identificar se um item lexical é um neologismo ou não. Para tal, foi definido que nas palavras neológicas, o formante deve:

- (i) atribuir um novo significado a base;
- (ii) mudar ou não da categoria da base;
- (iii) ser uma forma renovada ou inovadora;
- (iv) ter sido criada em sincronia atual⁶⁸ da língua portuguesa;
- (v) Não ter forma correspondente no latim, isto é, não ser uma forma idêntica a uma existente no latim.

Além desses critérios observados, foi considerada a proposição em Santos (2016) no que tange as construções neológicas prefixais e parassintéticas. Esses critérios foram averiguados nas seguintes palavras do:

a) DHLP:

Discolor > *dis-* + *color* (v.)

Disconformidade > *dis-* + *conformidade* (s.)

Disgregar > *dis-* + *greg* + *-ar* (v.)

Dissaborear > *dissabor* + *-ear* (*dis-* + *sabor* + *-ear*) (v.)

Dissaborido > *dis-* + *sabor* + *-ido* (adj.)

Dissaboroso > *dis-* + *sabor* + *-oso* (adj.)

Discricionariedade > *dis-* + *cricion* + *-ari(o)* + *-/e/-* + *-dade* (s.)

*Dissimetria*¹ > *dis-* + *simetria*; ver *simetr(i/o)-* (s.f.)

Dissintonia > *dis-* + *sintonia*; ver *-tonia* e *ton(o)-* (s.f)

Dissemínula > *dis-* + *semin(i)l* + *ula* (s.f)

Dirradicar > *dis-* + *-radicar* (v.)

Discretear > *dis-* + *cret(o)* + *-ear* (v.)

⁶⁷ Esses critérios foram elaborados com base nas características, definições observadas nos estudos de Rio-torto al. at. (2013), Alves (2000, 2009), Cabré (1993) entre outras obras pesquisadas.

⁶⁸ Segundo o manual do NEHILP (p. 20) “*sincronia atual* de uma determinada língua viva pode ser definida como o intervalo de tempo que compreende desde a data de nascimento do mais antigo falante vivo dessa língua até o dia de hoje”.

Dissemelhar > *dis-* + *semelhar* (v.)

Dissentimento > *dis-* + *sentir* + *-mento* (s.f)

Distrofiado > *dis-* + *trofia* + *ado* (adj.)

Disformar > *dis-* + *forme* + *-ar* (v.)

Disgregação > *disgregar* + *-ção* (s.f.)

Disgregar > *dis* + *gregra* + *-ar* (v.b)

b) Corpus Brasileiro:

Disfalar > *dis-* + *-falar* (v.)

Dispular > *dis-* + *pular* (v.)

Disabilidade > *dis-* + *habilidade* (v.);

Disocultar > *dis-* + *ocultar* (v.)

Disjuntada > *dis-* + *junt(a)* + *-ada* (adj.)

Discontinuidade > *dis-* + *contínuo* + *-i/-* + *-dade* (s.f)

Dismisturar > *dis-* + *mistur(a)* + *-ar* (v.)

Discomplementaridade > *dis-* + *complement(o)* + *-ar* + *-i/-* + *-dade* (s.f)

Disclimar > *dis-* + *clima* + *-ar* (v.)

Essas palavras foram descritas e analisadas com base nos estudos de De Bona (2014, 2018), Rio-torto (1998, 2000) e Santos (2016). Embora algumas das palavras obtidas tenham ocorrido nos dois grupos (DHLP e *Corpus Brasileiro*) somente, consideramos uma única ocorrência para cada palavra, a fim de representar a produtividade de maneira mais coerente e real no uso do formante *dis-/di-*, evitando a contagem dupla. Não faremos, neste momento, da descrição a aplicação da frequência de uso.

Ressaltamos que na busca realizada no *Corpus Brasileiro*, foram identificadas as 2300 palavras com 125891 ocorrências com o prefixo *dis-/di-*, listadas em ordem crescente da frequência dentre os gêneros textuais do banco de dados do *corpus* (revista, jornais, obras literárias etc.).

Desse modo, explicamos que as palavras selecionadas como neológicas foram exibidas em contexto de concordância *dis-* e posteriormente, em contexto de concordância com prefixo/variante *di-*. O contexto de concordância não é a única forma de buscar termos pesquisados, isso pode ser feito por listas de palavras, por categorias gramaticais (uma única ou combinações de categorias), por prefixos, por prefixos e sufixos, por várias possibilidades e associações estruturais. As palavras listadas nesta seção 4.1 foram usadas na descrição da produtividade do prefixo *dis-/di-*.

4.1.1 Possibilidades e impossibilidades na formação prefixal

Rio-torto *et al.* (2013) asseguram que na formação de palavras é necessário perceber como os itens lexicais são produzidos, quais regras são adotadas, quais bases são convocadas e como os formantes se organizam para elaboração das palavras.

Embora os autores admitam que, geralmente, um falante de língua materna, institivamente, não realize certas formulações, como *incamisado em vez de descamisado, por considerar que a primeira não tem sentido, a própria língua tem mecanismos que indicam e provocam a seleção das formas que devem fazer parte de um produto, quer sejam formas livres ou formas presas, as quais seguem padrões forjados historicamente e/ou influenciados por questões sincrônicas.

Entretanto, os autores ressaltam que as restrições fonológicas, semânticas, sintáticas não atingem o sistema como um todo, nem da mesma maneira. Por exemplo, “[...] Ao contrário dos afixos flexionais, os afixos derivacionais têm restrições de seleção das bases a que se anexam” (Rio-Torto *et al.*, 2013, p.70). Assim, os pesquisadores afirmam que as formas presas solicitam bases e as bases solicitam formas presas.

Dessa maneira, as bases também têm suas restrições, sofrem bloqueios, arranjos e rearranjos condicionados por fatores semânticos e/ou sintáticos. Por isso,

Na seleção de bases complexas há algumas solidariedades entre afixos e algumas condições preferenciais de ocorrência por parte de alguns processos/afixos verbalizadores. Todavia, quando as bases são simples, não parece haver nenhuma propriedade da base que determine a ativação de um determinado processo de formação de verbos. Por este motivo, existem series de verbos corradicais, formados sobre o mesmo radical de base, mas com processos

derivacionais diferentes (*aclarar, clarear, clarificar, esclarecer*). Estas bases são, pois, um domínio em que os diversos processos/ afixos competem entre si, sendo ativados em função do seu papel diferenciador, que se manifesta de forma mais ou menos sistemática.

Com base nos princípios de Rio-Torto *et. al.* (2013), foi desenvolvida a investigação sobre o prefixo *dis-/di-*, buscando discutir de que forma esse prefixo se anexa a bases: se é um questão de seleção ou de arranjo, se há ou não restrições, quando este se agregam às categorias lexicais. São apresentados, nesta seção, os postulados adotados na análise morfossemântica e morfofonológica do prefixo em questão.

Os processos de arranjo, seleção e restrição semântica vêm sendo estudados sob as mais diversificadas perspectivas teóricas (estruturalistas, funcionalista, gerativista, históricas), porém, sempre voltadas para a descrição dos formantes sufixais (Rio-Torto *ali.* 2013). No concernente aos estudos sobre os prefixos foi verificado que esses são poucos, principalmente, os que fundamentaram e caracterizaram as propriedades semânticas em termos de seleção ou arranjo categorial.

Desta forma, foi compreendido que nem todas as bases vão aceitar todos e quaisquer prefixos, havendo casos de bloqueio, concebidos nesta tese como a impossibilidade de aplicação de regras morfológicas.

Pelas RFP (regras de formação de palavras), certos bloqueios são explicados por si só. Por exemplo, na formação de um adjetivo, um falante usaria automaticamente o sufixo *-dor*, com que categoria lexical: um substantivo ou um verbo? Mesmo sem ter que entrar em meandros gramaticais, o falante certamente optaria por *vender/vendedor* em vez de *caneta/*canetador*, palavra agramatical em língua portuguesa.

Essa seleção obedeceu a uma RFP, formada com base em princípios estruturais da língua, mas principalmente em escolhas semânticas, que respaldam e explicam a aplicação da regra. Neste exemplo, a regra diz que: o sufixo *-dor* é usado na formação de adjetivo com base verbal⁶⁹.

⁶⁹ Esta é uma das regras de uso do sufixo *-dor* em língua portuguesa, não queremos aqui trazer noções simplórias, pois sabemos que esse sufixo tem sua história, suas possibilidades de seleção/arranjos semânticos, de estruturação e de aplicação, a partir de parâmetros, de princípios na formação de palavras.

Algumas regras são bem mais produtivas que outras, e a formação de palavras, por vezes, exige correlações mais complexas na realização dessas construções, o que Rio-Torto *et. al.* (2013) denominam de produto. Há formas mais produtivas, menos produtivas, com produção mediana, em declínio, em ascensão. Isso ocorre não somente por causa dos fatores internos, mas, também, por fatores externos que desencadeiam e são responsáveis pela produtividade de uma regra.

No que concerne aos sufixos, os pesquisadores, como Rio-Torto (1998), explicam que selecionam a base a que acoplam os sufixos. Esse pensamento não é unanime com relação à classificação dos prefixos, pois há quem defenda o processo de seleção prefixal e há quem não corrobore com tal afirmativa.

Oliveira (2004), em seu estudo sobre a formação prefixal em língua portuguesa, em específico, a descrição dos prefixos *anti-*, *des-*, *in-*, *re-* e *sobre*, pondera que em língua portuguesa, os prefixos selecionam semanticamente as bases a que se adjungem. A pesquisadora assegura que na formação prefixal podem ser aplicadas regras de construção que vão demonstrar que há regularidades e sistematicidades. Essas regularidades determinam a seleção da categoria lexical que os prefixos vão se acoplar.

Neste trabalho, há a concordância sobre a existência de regularidades na criação vocabular, porém, é entendido que também, há exceções, que não são passíveis de previsão na formação da língua. Há vários estudos sobre a descrição do prefixo *des-* em língua portuguesa, porém, nenhum que tenha como objeto de estudo, o formante *dis-*, ele só é requisitado quando se trata da origem deste formante.

O estudo realizado por Silva & Mioto (2009) sobre o prefixo *des-*, apresentado no artigo “Considerações sobre a prefixação”, traz uma defesa incisiva da hipótese que os prefixos selecionam as bases a que se unem. A teoria é explicada pelos pesquisadores por meio da descrição prefixo *des-*, postulando que esse formante se ligaria, preferencialmente, à bases verbais e adjetivais, não ocorrendo em substantivas. Defendem ainda que para o prefixo *des-*, haveria três possibilidades homônimas de *des-*, sendo que cada forma se acoplaria a uma categoria lexical.

As duas proposições de Silva e Mioto (2009) são refutadas por Santos (2016), que ao defender e comprovar em sua tese o fato do prefixo *des-* se unir a bases verbais, substantivas e adjetivais. A autora não crê ser viável a possibilidade de seleção categoria lexical, pelo prefixo *des-*. Na verdade, para a autora, esse e outros

prefixos podem realizar arranjos, combinações e restrições na criação vocabular. Ela parte do pressuposto que:

À luz dessas considerações, seria mais adequado propor não uma seleção categorial rígida do afixo *des-*, mas sim, um arranjo morfossemântico, em que se estabelece uma combinação entre o valor semântico e a classe gramatical a que o elemento derivacional se associa. (Santos, 2016, p.205).

Já para Rio-Torto *et. al.* (2013, p. 416) “os prefixos prototípicos não são especificados categorialmente, o que lhes permite combinar-se com várias classes de base, como nomes, adjetivos, verbos.”

Observamos a existência de diferentes descrições dos prefixos negativos em língua portuguesa e que as combinações e restrições são passíveis de serem documentadas e explicadas por meio de arranjos fonéticos, morfológicos e semânticos. Compreendendo que essas possibilidades de arranjos fazem com que um prefixo seja mais usual e produtivo que outro. Concordamos com os pressupostos assumidos na obra de Santos (2016), os mesmos foram aplicados às palavras com o prefixo *dis-/di-*.

Nas próximas seções serão comentadas essas possibilidades e/ou impossibilidades de combinações, arranjos e, prováveis restrições no uso do prefixo.

4.2 DESCRIÇÃO MORFOSSEMÂNTICA DO CORPUS

Nesta seção, serão expostos alguns pressupostos teóricos de Romanelli (1964), Campos (2004), Oliveira (2004), De Bona (2014, 2018), Santos (2016) com o intuito de expor as diferentes perspectivas analíticas de formantes prefixais, optando aqui por uma descrição histórico-semântica dos verbetes estudados.

Romanelli (1964) explica que as palavras formadas pelo prefixo *dis-* eram empregadas na formação tanto de compostos verbais quanto de composto nominais de origem verbal e de origem nominal. Existem palavras como *diffiteor* (< *dis* + *fateor*) e compostos nominais tanto de origem verbal, por exemplo, *dilucidus* e *diluculum* (< *disluceo*, de *luceo*, *ser dilucido*, *ser claro*, *ser brilhante*), quanto nominal, por exemplo, *discors* (< **dis-cord-s* de *cors*, *cordis*, *discórdia*.)

O estudo realizado por Campos (2004) propõe uma análise semântica dos prefixos negativos em português: *a-*, *de-*, *des-/dis-*, *in-*, indicando as modificações com estes ocorridas do latim ao português contemporâneo em *corpus* com palavras documentadas nas 10 obras⁷⁰ por ele pesquisadas.

Na análise, o linguista indica se houve alterações tanto no sentido atribuído aos prefixos quanto nas concepções das palavras descritas em sua tese. Ele não prevê com quais bases lexicais, o prefixo *dis-* se une, pois o autor somente ilustrou a categoria gramatical das palavras descritas e assevera que *des-* e *dis-* são o mesmo prefixo, com *des-* sendo bastante produtivo. Segundo Campos (2004):

Essa grande produtividade do prefixo *des-* parece confirmar a explicação apresentada por Said Ali (1965, p. 249-253) sobre a proveniência desse prefixo, a qual foi tomada como a mais plausível: a de que o *des-*, empregado com o sentido denegação ou de contradição, representa a romanização do *dís*. Campos (2004, p. 289).

Já Rio-torto *et al.* (2013, p. 428) afirmam que outros prefixos também apresentam algumas propriedades de “prefixos prototípicos, assim acontece com *dis-* que não constitui domínio acentual e se combina com bases de classes categoriais diversas (*disforme*, *disfunção*, *dissabor*, *dissimetria*, *dissimular*)”.

Ressaltamos, no entanto, que nenhum desses estudos aborda diretamente o elemento formante *dis-/di-*, mas os prefixos de uma forma geral, como as análises de Rio-Torto et al. (2013),

Consideramos e propomos aqui que o prefixo *des-*, foi originado pelas transformações do elemento formante *dis-*, devido suas correlações históricas semânticas. Na busca de concretizar a nossa análise nos embasamos nos pressupostos teórico -metodológico do grupo GMHP.

Dessa forma, aplicamos a *corpora* a metodologia de análise proposta pelo grupo GMHP e descrita em Viaro (2013). Um dos objetivos na análise de dados é estabelecer:

⁷⁰ Campos (2004, p.07) analisou dez obras: em prosa, do período compreendido entre os séculos XIII e XVI: um texto de natureza jurídica, o Foro Real; um texto ficcional, a Lenda do Rei Rodrigo; um de cunho religioso, os Diálogos de São Gregório; dois textos historiográficos, a Crônica de D. Pedro e a Crônica de D. Pedro Menezes; um de natureza epistolar, a Carta de Pero Vez de Caminha; e a obra pedagógica de João de Barros: a Cartinha (cartilha), a Gramática, o Diálogo em Louvor da Nossa Linguagem e o Diálogo da Viciosa Vergonha.

[...] critérios semânticos de classificação para definir os significados dos sufixos, separando, dessa forma, a palavra de étimo válido dos casos de homonímia, e de falso étimo, bem como prevendo os fenômenos de convergência e divergência etimológica;’ (Viaro, 2013, p.7).

Na busca para caracterizar e estabelecer critérios semânticos de ocorrência do prefixo, foram examinados os verbetes dos dicionários com o intuito de verificar a aplicabilidade ou não das regras morfossemânticas ao *corpus*.

Os verbetes recolhidos foram classificados em três categorias principais: adjetivos, substantivos e verbos, por ordem de frequência no *corpus*, e uma secundária, formada por advérbios, mas com pouquíssimos casos.

- (i) Categoria lexical: adjetivo
- (ii) Categoria lexical: substantivo
- (iii) Categoria lexical: verbo
- (iv) Categoria lexical: advérbio.

Inicialmente, foi pensado que o verbo seria a categoria mais produtiva, entretanto, quando ao ordenar os dados em tabela quantitativa, foram obtidos resultados diferentes do esperado.

Ao examinar os dados, observamos que o formante se une tanto de bases adjetivais, verbais e substantivais, ocorrendo em baixa produtividade nos advérbios. Esses verbetes estão inscritos no quadro a seguir:

Quadro 19- Categoria gramatical das formas derivadas com o formante *dis-/di-*.

ADJETIVOS	SUBSTANTIVOS	VERBOS
Difamador	Difamação	Dirimir
Difamante	Divergência	Dispensar
Difamante	Discriminação	Discriminar
Difamatório	Difusão	Difícultar
Diferenciado	Discernimento	Dissecar
Diferenciador	Diluição	Diferenciar
Difratado	Discordância	Difluir
Difuso	Discrepância	Disseminar
Digerível	Discrição	Digerir
Diluyente	Discórdia	Dissimilar
Diluído	Disseção	Dividir
Dirimido	Disjuntiva	Divergir
Disciplinado	Diferencia	Disciplinar
Divergente	Diferenciação	Difamar

Fonte: DHLP

Com objetivo de visualizar os dados de forma mais comparativa, os verbetes do DHLP foram ilustrados por meio do gráfico 02 a seguir:

Fonte: DHLP

Diferentemente, de outros prefixos ao *dis-* comparados, os verbetes mostram que, ao contrário até das informações de Campos (2004), os adjetivos se manifestam enquanto elementos de alta produtividade, os substantivos e os verbos em concorrência e, em baixíssima frequência com os advérbios.

Percentualmente, existem 521 verbetes, dos quais 50, 25 % de ocorrências com formas de adjetivos, 29, 77% de formas substantivas, 16,94% de formas verbais e 1,30% de formas adverbiais enquanto categoria gramatical.

Após o levantamento das categorias, buscamos também relatar os valores manifestados nas categorias estudadas e quais as regras ocorridas. Os valores descritos aqui foram separados por categorias gramaticais.

Os verbetes descritos na categoria adjetivo têm formação tanto com o formante *dis-* quanto a variante *di-*. Nessa categoria, eles conferem o sentido de ordem, separação e intensidade às bases, também ocorrendo os valores de negação e de oposição, mas com pouco casos. Podemos parafrasear esses valores com as seguintes regras: “que X”, “de que X”, “que se pode X”, “que se X”, mais recorrentes e “que tem X”, “diferente de X”, “sem X”, “que não é X”, “que não tem X”, menos recorrentes.

Essa categoria gramatical é a mais recorrente no processo de formação de palavras com o formante e nela averiguamos a existência de um produto com uma diversidade grande de sentidos, associando-se o formante *dis-/di-* a uma variedade de sufixos:

-oso: *dispendioso* (1713) ← *dispêndio* + -oso, ‘que exige muito dispêndio (de dinheiro); que dá despesa; caro’, ‘que consome muito (p.ex., energia)’.

-vel: *dispensável* (século XIX) ← *dispensar* + -vel, ‘que se pode dispensar; passível de ser dispensado’, ‘que se pode dispensar; passível de ser dispensado’; *disponível* (1873) ← *dispor* + -vel, ‘de que é possível dispor’; *dissociável* (1817-1819) ← *dissociar* + -vel, ‘que é possível dissociar’.

-nte: *difamante* (1836) ← *difamar* + -ante, ‘que difama, que ofende a reputação alheia’; *dilacerante* (1813) ← *dilacerar* + -ante, ‘que dilacera’, ‘que causa dor aguda; pungente, torturante’; *diluyente* (1770) ← *diluir* + -ente, ‘que ou o que dilui’; *difluente* (1836) ← *difluir* + -ente, ‘que diflui, que se derrama’.

-ado: *disseminado* (1567) ← *disseminar* + -ado, ‘que se disseminou’; *divulgado* (século XV) ← *divulgar* + -ado, ‘que se divulgou; propagado, publicado, vulgarizado’.

-ivo: *disputativo* (1532) ← *disputar* + -ivo, ‘que tem hábito ou gosta de disputar’, ‘que é tema de disputa, discussão’.

-or: *dispersador* (1899) ← *dispersad(o)* + -or ‘que ou o que dispersa; dispersante’, *disseminador* (século XIX), ‘que ou o que dissemina; dispersor’.

-tório: *difamatório* (século XV), ‘que difama, cujo o objetivo é difamar’; *digestório* (1899), ‘que pode digerir’; *dilatatório* (século XIII) ‘que tende a retardar, ‘que adia’.

Nestes adjetivos, podemos observar valores distintos, assim, percebemos que:

O verbete *disponível* demonstra uma tendência grande de formações derivacionais com as palavras oriundas do latim, sendo essa formação muito produtiva no *corpus* extraído do DHL P.

Neste exemplo, verificamos ser um verbete advindo do latim medieval *disponibilis*, com entrada na língua portuguesa em 1873, com o significado de “de que se pode dispor”. Há uma suposição que tenha vindo por meio da palavra francesa *disponible* já no final do século XV. Essa mesma data encontramos no DELP/AGC.

Dentre os valores semânticos obtidos na análise dos adjetivos, verificamos ser a negação, a separação, a oposição, a reversão, as mais ocorrentes nesta mesma ordem, sendo que encontramos também os outros valores assumidos pelos formantes *dis-/di-*. Averiguamos, também, que os adjetivos têm como base de formação o verbo, o substantivo e outros adjetivos.

Na categoria dos substantivos, em correlação com os sufixos, verificamos a existência dos valores de: movimento em várias direções, aumento, negação como oposição, reversão, separação para formas prefixais e parassintéticas. Desse modo, temos os verbetes formados com base verbais:

-mento: ação ou resultado da ação. Exs.: *discernimento* (*discernir* + *-mento*), *discorrimento* (*discorrer* + *-mento*); *dilatamento* (*dilatar* + *-mento*); *dilucidamento* (*dilucidar* + *-mento*); *diluimento* (*diluir* + *-mento*); *dimensionamento* (*dimensionar* + *-mento*); *divertimento* (*divertir* + *-mento*); *direcionamento* (*direcionar* + *-mento*). Explicaremos alguns verbetes com esses valores:

❖ ***Discernimento*** (1770) ← *discernir* (século XV) + *-mento*.

O verbete *discernimento* tem o significado de “ato ou efeito de discernir”, “capacidade de compreender situações, de separar o certo do errado”, “capacidade de avaliar as coisas com bom senso e clareza; juízo, tino”, e de “conhecimento, entendimento”, expressado pelo valor semântico de separação, parafraseado por “separar X de”, “capacidade X de”, “distinguir X de”, isto é, a capacidade, o bom senso de separar o certo do errado.

❖ ***Dilucidamento*** (século XIX) ← *dilucidar* (1692) + *-mento*.

Esse verbete advém da formação latina *dis-*+ *lucidāre*, com o sentido de “*aclarar, esclarecer, explicar*”, ligado a *lux, lucis*: ‘luz’ e derivado do verbo latino *lucēre*: ‘*ser luminoso, luzir, brilhar*’. Assim, *dilucidamento* tem o significado de “ação ou efeito de dilucidar (tornar claro); dilucidação”, apresentando o valor de intensificador do verbo, expressado um reforço ao verbo.

❖ **Discorrimento** (século XVIII) ← *discorrer* (século XIV) + *-mento*.

Em *discorrimento* temos o significado de “ação ou efeito de *discorrer*”, “capacidade de *discorrer*” e “desenvolvimento do raciocínio; pensamento, análise”. Com o valor semântico de dispersão.

Esclarecemos que a maioria dos verbetes com o sufixo *-mento* não tinha datação, por isso, só foram usados nesta fase da análise, na qual incluímos os com alta frequência e sem datação na ilustração dos exemplos.

Dessa forma, temos ainda verbetes com a categoria dos substantivos formados com os sufixos:

-ão, -ção, -são: ação ou resultado da ação. Exs.: *disponibilização* (século XX) *disponibilizar* + *-ção*; *distensão* (1836), *disposição* (século XIV), *dissecação* (1873), *dissecção* (1713), *diferenciação* (1789), *dissensão* (século XVI), *dissuasão* (1844).

-(a)ncia, -ança, -ença, -ência: ação ou resultado da ação, estado. Ex.: *discordância* (século XIV) ← *discordar* + *-ância*; *diferença* (1326); *difidência* (1899)

-ante, -ente: agente. Exs.: *discordante* (século XIV) ← *discordar* + *-ante*;

Também, temos substantivos derivados de adjetivos:

-idade: característica. Ex: *dissociabilidade* (*dissociável* + com suf. *-vel*, sob a forma de *-bil* + *-dade*).

❖ **Dissociabilidade** (1881) ← *dissociável* (1817-1819) adj de gêneros + *-dade*. O valor semântico é de separação, com o sentido de “o que é possível *dissociar*”. Esse valor pode ser expressado pelas paráfrases com “separar X” de, ou “afastar de X”, “tirar X de”, ou ainda tirar de X”.

Nas construções verbais, detectamos a existência de valores semânticos como: dispersão, intensidade, separação/afastamento, oposição, reversão e negação, ordem nas formações com *-ar, -er, -ir, e -izar*.

Assim, verificamos que os verbos podem expressar:

Discursar (1579) ← *dis-* + *curs(o)* + *-ar*, expressa o valor de dispersão, com o significado de ‘*ir e vir, correr por várias partes*’, ‘fazer discurso; falar perante uma plateia, trocar opiniões; discutir’.

Diligenciar (1643) ← *diligência* + *-ar*, com o sentido de ‘atender, socorrer com diligência, empregar, com presteza, os meios para; empenhar-se, esforçar-se, cuidar’. O valor expresso é de intensidade.

Diluir (1563) ← *dis-* + *-luẽre*; com o sentido de ‘dissolver, tirar, gastar, lavar com água’, derivado do verbo latino *lavāre*: ‘*lavar(-se), banhar(-se)*’.

*Diminuir*⁷¹ (século XV) ← *dis-* + *minuẽre*; com o significado de “tornar(-se) menor em extensão, intensidade ou quantidade; reduzir(-se)”, apresenta o valor semântico de intensidade.

Temos ainda outros exemplos com os verbos: *digerir* (século XV) ← *dis-* + *gẽre*; *dirimir* (1694) ← *dis-* + *-emẽre* e *disponibilizar*: *disponível(adj.)*+ suf. vel sob a f. *-bil(i)-* + *-izar*.

No capítulo 3, foi relatado o levantamento dessas regras, explicados os possíveis valores expressos por meio de paráfrases, como recomenda a metodologia do GMHP.

Neste capítulo, fizemos a retomada dessas regras para analisar de forma morfossemântica os verbetes do DHLP, primeiramente, com a discussão sobre algumas propostas de descrição morfossemântica com o propósito de referendar a análise.

Em Oliveira (2004) há a sugestão de se classificar as categorias lexicais por subcategorias, correlacionando, dessa forma, critérios de descrição semântica e aspectos gramaticais das formas derivadas, categorias de palavras primitivas e derivadas.

⁷¹**Diminuir** (século XV) > lat. *d(e/i)iminũo,ẽre*: ‘quebrar, fazer em pedaços, esmigalhar’, de *minuẽre*: ‘quebrar, diminuir, minorar’, der. de *mĩnus* ‘menos’; há no lat. as f. *deminuẽre*, *diminuẽre*, *disminuẽre*. De acordo com Gaffiot (2016 [1934]) a forma *deminuẽre* ‘abater de’ minguar foi substituída por *diminuẽre* deve-se a confusão nos ms. lat.; ver *men-*; sXV *diminuir*, sXV *demjnujr*.

Nessas subcategorias, constariam os valores semânticos das palavras, tanto o significado dos prefixos quanto da base e dos afixos que também a ela se adjungem. A autora propõe que seja verificado o tipo da base que gera a palavra derivada, para dessa forma aplicar as regras de subcategorias.

Essas e outras propostas de análise morfossemântica buscam descrever o perfil de palavras derivadas, no caso dos estudos citados, descrevem o processo de derivação com prefixos negativos como formante *des-*.

De Bona (2014), também, examina duas formas prefixais negativas: *in-* e *des-* e analisa as propriedades semânticas e categoriais desses formantes. Na formação do perfil dos formantes negativos, a autora utilizou verbetes coletados no dicionário Borba, aplicado a teoria do traço [-Loc] e [+Loc] pautada nos estudos de Lieber (2004). Lieber (*idem*) postula que o traço[-Loc] é suficiente para o exame de prefixos negativos.

Assevera Liber (2004) que o traço [-Loc] engloba as possibilidades de nuances de significação que um prefixo negativo pode assumir. No caso, de *des-* e *in-* teríamos as seguintes possibilidades: privação, negação ação contrária, negação contraditória e reversão. Essas possibilidades foram descritas por De Bona (*idem*).

Nestes estudos são apresentados modelos teóricos e perspectivas distintas de análise com relação as formações prefixais. Corroborando com os resultados de tais estudos, foram aplicadas aos verbetes de DHLP, as RFPs propostas em Oliveira (2004) e Santos (2016), para verificar se há ou não restrições morfológicas com relação primeiramente à base e aos sufixos que alteram a categoria gramatical da palavra, tendo como resultado a inexistência de restrições morfológicas em termos da base a que o prefixo se acopla e que esses verbetes apresentam adjetivos primitivos e derivados. Fizemos adaptações dos referenciais estudados aos dados com o prefixo *dis-/di-*, pesquisando quais as categorias gramaticais dos verbetes formados.

E também verificamos que as formas adjetivas com o prefixo *dis-/di-* são derivadas tanto de substantivos, verbos ou até mesmo de outro adjetivo e as formas verbais de adjetivos ou de substantivos, ou de outros verbos. Na regra geral de derivação, a base é descrita na proposição A e a derivada, na B.

A seguir alguns exemplos ilustrativos:

(1) *Dis-/di-* com base adjetival:

A	B
Ferido ⁷²	Disferido
Associado	Dissociado
Parado	Disparado

(2) *Dis-/di-* com base substantiva:

A	B
“Córdia”	Discórdia
“Crime”	Discrime
Junção	Disjunção
Par	Díspar

(3) *Dis-/di-* com base verbal:

A	B
Cursar	Discursar
Gerir	Digerir
Parar	Disparar
Por	Dispor
Sonar	Dissonar
Tender	Distender
Vagar	Divagar
Solver	Dissolver

No que tange às formações derivadas por prefixo e sufixos, Oliveira (2004), constatou a existência de restrições semânticas quando o prefixo é adjungido à palavra-base mais sufixo. Para a análise dos verbetes do DHLP, foram realizadas adaptações nas regras pontuadas pela autora, tendo como registro as seguintes ocorrências:

⁷² Os adjetivos: ferido, parado derivam são derivados do radical do verbo ferir e parar.

Foram identificadas nas formações com *dis-/di-* a formação com substantivos primitivos abstratos e concretos, substantivos deverbais derivados por sufixação em *-idade*, *-mento*, *-ão*, *-ção* ou *-ança*, bases adjetivas primitivas do tipo opositivas, nominais, deverbais denominais e bases verbais, do tipo denominais e adjetivais.

Nos verbetes analisados, constatamos que os formantes expressam valores variados, como já ilustrados no capítulo 03. Por exemplo, *distender* no sentido dispersão, no sentido espalhar-se, ir por várias direções e outros exemplos denotam valores com tirar X de, ou tirar de X, também temos, o valor do “sem X”, “não tem X” entre tantas paráfrases. Na próxima seção, será comentada a produtividade e significação.

4.3 A PRODUTIVIDADE DO PREFIXO *DIS-/DI-*: DESCRIÇÃO SINCRÔNICA

De acordo De Bona (2014) a produtividade está interligada com a criação vocabular, dessa maneira, quando um formante gera muitas palavras ou quando consegue produzir muitos neologismos, podemos considerar o formante como produtivo, entretanto, caso o formante não consiga realizar nem uma, nem outra função, é dito que está em processo de estagnação, não podendo ser considerado produtivo.

A questão da produtividade ainda é apresentada por outros autores que a concebem como critério de estudo, assim, com base pressupostos de Viaro (2007), verificamos haver duas situações, nas quais se verifica essa produtividade:

(a) um elemento é dito produtivo quando é possível obter muitas palavras por meio dele. Nesse caso chamaremos o sufixo de prolífico. Assim sendo, *-eba* não é um sufixo muito prolífico (*decureba*, *natureba*, *mistureba*...) ao passo de *-ção* é bastante prolífico. A prolificidade é, portanto, o resultado da produtividade. Não se confunde com a potencialidade acima apresentada, pois uma palavra criada num século pode perdurar noutro coexistindo com as mais recentes, mas para dizer que um sufixo é prolífico, o que importa é o número resultante de derivações; (b) um elemento também é dito produtivo quando dele se obtém grande número de neologismos, ao passo que não o é se sua produção já estagnou. (VIARO, 2007, p. 18)

Podemos dizer que estudar a produtividade, auxilia entender como um prefixo pode ser prolífico e/ou produtivo.

Assim, com base no levantamento feito no DHLP, no *Corpus Brasileiro*, foi realizada uma busca em textos escritos e veiculados pela *internet* para verificar o uso ou não das palavras do dicionário e do *Corpus Brasileiro*, com intuito de saber se essas eram reais ou virtuais. Tais palavras foram encontradas em centenas de obras, umas bem antigas e outras mais atuais de variedade textual. No momento desta pesquisa, foi também buscado nos textos originais as palavras contidas no *corpus*, já que na busca pelo *site*, são mostrados pequenos trechos da palavra em contexto. Foram obtidos alguns textos originais nos quais as palavras com o formante *dis-/di-*, mas na análise utilizamos para as exemplificações o texto fornecido pelo *Corpus brasileiro*, com o objetivo de demonstrar a produtividade ou não produtividade do prefixo.

Dessa forma, procedemos a análise do significado do prefixo em relação à palavra-base, nas palavras contextualizadas, com a preocupação de determinar o significado deduzido dos prefixos. A descrição estrutural das palavras está inscrita no primeiro tópico desta seção.

Para a descrição das palavras descritas foram utilizadas as formações de verbos, adjetivos e substantivos, sendo que nesta coleta, diferentemente, do resultado da análise dos verbetes do dicionário em relação à categoria gramatical da palavra, na qual os adjetivos foram a classe dominante, a amostra é composta pelos verbos com formação mais presente.

Nesta seção, será descrito o maior número possível de palavras para ilustrar a ocorrência ou não da produtividade com o prefixo aferido. As palavras foram separadas em subitens, de acordo com a categoria gramatical da palavra já prefixada, dessa forma, temos, o prefixo *dis-/di-* em três categorias: verbo, substantivo e adjetivo.

4.3.1 Adjetivos

Discolor (s/ d) adjetivo de dois gêneros

- 1 Rubrica: morfologia botânica. De coloração diferente de um lado e de outro, como, p.ex., a de uma folha verde-escura na página superior e pálida na inferior.
- 2 Rubrica: morfologia zoológica. Que possui a coloração do corpo composta por mais de uma cor (diz-se de animal)
- 3 Rubrica: morfologia zoológica. Que apresenta colorações diferentes no lado ventral e no dorsal

É um verbete de cunho científico, com a seguinte formação *dis-* + *color*, prefixo mais substantivo (cor← color). Para o formante com o valor semântico de intensificação de cores, representada pela paráfrase “reforço de X”, isto é, color já representa a cor, é um reforço, de duas cores, sendo um adjetivo denominativo, que não remete à oposição, nem é uma ação contrária, valor semântico bem produtivo com prefixo. Dessa maneira, com base na definição do DHLP, reforço como:

1. ato ou efeito de reforçar(-se)
2. aquilo que reforça
3. aumento de força
4. contribuição para a realização de uma tarefa; auxílio

Para compreender melhor este sentido de intensificação, coletamos a seguinte ilustração:

*Adiantum discolor*⁷³ é endêmica de áreas florestais severamente fragmentadas do sul do Estado da Bahia, com subpopulações com AOO menor que 500 km². Essas áreas sofreram uma redução de sua vegetação original de mais de 50%, permitindo inferir que uma redução da mesma proporção tenha se dado no tamanho populacional da espécie.

Algumas construções neológicas são produzidas provocando modificação de categoria da palavra, fenômeno não tão ativo com o formante em questão. O processo mais recorrente com o prefixo *des-*, é o observado como nos exemplos contidos nos estudos desenvolvidos por Campos (2004), Oliveira (2004), De Bona (2014), Santos (2016).

A palavra é considerada como um neologismo, embora seja um termo de cunho científico e os pesquisadores recorram às bases latinas na criação vocabular, pois, compreende-se que a aceção foi elaborada no português brasileiro, não existindo uma correlativa no latim. O verbete apresenta um novo sentido não existente anteriormente no dicionário.

Um outro verbete que podemos considerar um neologismo é: *disjuntada*. Assim, temos:

❖ **Disjuntada** (s/d/) adj.← *dis-* + *junt(a)*+ -ada

⁷³<http://cncflora.jbrj.gov.br/portal/pt-br/profile/Adiantum%20discolor>. Acesso: 19 de janeiro de 2019.

Neste verbete, o formante *dis-* apresenta o valor semântico de ação contrária, porque é nítido o sentido de separar algo ou alguma coisa que estava junto. Tal a afirmação fica mais clara quando se observa o seguinte texto.

Texto 01

Com o GED, muitos dos trabalhos realizados são reduzidos ou até eliminados, tais como: procura e localização de processos, remessas (RM), serviços de correios com malotes, cópias, juntada e <disjuntada> física dos autos, releitura e encaminhamento dos processos, autorizações e memorandos internos, entre outros⁷⁴.

O trecho de um texto jurídico reforça ainda mais a ideia que disjuntar, seria fazer o ato ao contrário de juntar, sendo que no contexto acima está se remetendo ao ato de organizar processos e juntar documentos e também de separá-los. Esse valor semântico pode ser expresso pela paráfrase: “afastar X de”, “opor X a”

4.3.2 Verbos

❖ **Disferir** (século XV) v.

Estatística: pouco usado.

Transitivo direto

1. adiar, dilatar, aumentar (data, prazo etc.)

O verbete *disferir* tem o sentido de aumentar algo ou alguma coisa, o valor semântico de aumentar, expressado pela paráfrase “ampliar de X”, sendo registrado no DHLP como um verbete pouco utilizado, tendo um único significado e não forma metáforas de uso.

Mesmo com baixa frequência (297), se encaixa nos critérios arrolados para o reconhecimento de neologismos, atendendo, assim, aos critérios de renovação, inovação, modificação do sentido atribuído a base, entre outros.

⁷⁴ <https://repositorio.enap.gov.br/bitstream/1/4560/1/1%C2%BA%20lugar%20do%205%C2.pdf>

Para esse verbo há a variante *desferir*⁷⁵ formada por paronímia, com registro no DHLP, também no século XV com o elemento formante *des-*. Esse verbete tem significado diferente de *disferir*, muito mais polissêmico e usual, com frequência de 56900. Um dos significados expressos pelo prefixo é golpe, entre outros 07 sentidos descritos no DHLP, atribuídos pelo acréscimo do formante. A alta ocorrência dele indica um dos motivos das predileções, dessa forma, em detrimento a outra, inclusive de golpe, valor não postulado por *dis-*.

❖ **Disfalar** (s/d) v.

Texto 01

nós vamos fazer no papel, aqui e vocês vão assinar, aqui certo, porque aí entre nós tem validade, porque se lá na justiça você <**disfalar**> eu pelo menos tenho uma forma de falar assim: então ele prestou falsas declarações comigo.⁷⁶

Texto 02

Pedroso vê os Atos caducos⁷⁷

A lei injusta que se quer aplicar contra êle devo alcançar preliminarmente todos os que têm a responsabilidade de lhe divulgar aquele pensamento insistentemente extraído do fundo da consciência e das mais nobres reservas de civismo do ex-presidente Jânio Quadros. Está cassado? Dizem que está. Ninguém diz do que o acusam, quem o acusa e quais as provas da acusação. Trata-se de mero capricho do ato de império, insubsistente desde a divulgação da Constituição de 1967. Claro que conversou com os jornalistas. Como conversa com todos aqueles que o honram e o distinguem, procurando-lhe a companhia. Não tem o que ocultar, o que esconder, o que **disfalar**. É um cidadão brasileiro como qualquer outro, a que assiste o dever entre todos sagrado de dizer o que pensa.

⁷⁵ No DHLP: verbo transitivo direto e intransitivo, **1** Rubrica: termo de marinha. Diacronismo: antigo. soltar (vela); largar transitivo direto **2** projetar (algo) de si; despedir, emitir, lançar. Exs.: *d. raios, luz, faíscas d. impropérios* transitivo direto, **3** aplicar (golpe violento); desfechar transitivo direto, **4** mover para o alto; alçar, levantar, transitivo direto, **5** alçar, levantar (voo); voar, transitivo direto e intransitivo, **6** produzir sons, Exs.: *as aves começavam a d. seus cantos matinais, os tambores desferiam ritmos de guerra os sabiás não mais desferiam ao entardecer*, transitivo direto e bitransitivo, **7** tocar (instrumento musical de corda), produzindo sons. Exs.: *desferia o cavaquinho e derramava sorrisos, em sua viola antigos rasqueados*

⁷⁶ Trecho também adaptado da página do Judiciário do Tribunal Regional do Trabalho da **** Região (TRT ***), de 21 de fevereiro de 2019. Acessado em: 30 de março de 2019.

⁷⁷ Extraído de Correio da Manhã, Rio de Janeiro, 26 /07/1968.

Verificamos também no verbo *disfalar* a presença do valor da reversão, que no trecho do texto o enunciador faz questão de dizer que não se desfazer ou reverter aquilo que dito, acordado. Esse valor pode ser parafraseado por “desfazer X”.

O segundo exemplo é o mais antigo e também assume o sentido de reversão, porém o contexto de uso indica que palavra tem sentido positivo, reforçando que não e tem nada a dizer de ruim para se dizer sobre Jânio Quadros, segundo os escritores do Jornal. Essa palavra é uma exceção a ocorrência do prefixo *dis-/di-* ante consoante sonora surda, nas palavras oriundas do latim ocorria o apagamento do fonema /s/, já nesta palavra formada no português atual, notamos que essa alteração fonológica não se faz presente.

Vejamos outros exemplos que fogem à maioria das ocorrências fonológicas:

❖ ***Dismisturar*** (s/d) V.

dt=2008-02-07-20:30 <p> Como poderiam os justos manifestantes simultaneamente reivindicar o que justamente tinham por reivindicar e cuidarem dos aproveitares que se misturavam a eles? Quem lê misturadamente essas perguntas que coloco, ficará misturadamente a pensar que me misturei. Que defendo os oportunistas. Eu sou estou tentando me <”**dismisturar**”> e procurar entender a questão.

Ocorre também a reversão em *dismisturar*, porém o texto é mais poético trabalhando com metáforas sobre a mistura. Atribuímos o valor de reversão, dessa forma: “ato, processo ou efeito de (se) reverter, regresso ao ponto de partida, regresso ao primitivo estado; retrocesso, volta, restituição de um bem ao primeiro dono”.

Nos DHLP, não foi encontrado nenhum registro do verbete *desmisturar*, somente em *sites da internet* há textos tanto com o elemento formante *dis-/des-*. Consideramos o formante *dis-* enquanto formador neste termo, baseando-se na primeira ocorrência encontrada da palavra e no registro do *corpus brasileiro*. Outro exemplo é:

❖ **Disocultar**⁷⁸ (s/d) v.

dt=2017-12- 25, 16:3 <p> Nesse sentido, o currículo é um território privilegiado onde se manifesta o conflito cultural em que se reflete as desigualdades sociais existentes nas abordagens de Freire(1996), critica o currículo tradicional centrado em disciplinas, vai além, ressalta a importância do <**disocultar**> a ideologia subjacente ao currículo oficial e propõe que se busquem formas de resistências às imposições autoritárias.

Neste texto, percebemos que essa palavra significa o contrário de ocultar, com sentido de revelar o que era secreto, descobrir algo. Notamos que o formante *dis-* *disocultar* expressa o valor semântico de oposição, ou seja, nega a ideia contida na base, podendo ser parafraseada por “revelar X”, “mostrar X”. No contexto, o autor que explicar ser relevante compreender conhecer a ideologia para se discernir quais são as imposições ideológicas para se poder resistir a elas.

❖ **Dissemelhar** > *dis-* + *semelhar* (v.)

O verbete remete ao processo da reversão, donde temos a palavra *semelhar/ assemelhar*, que remete ao sentido de parecer como, ou ‘*ser semelhante a; tornar(se) semelhante a; ser semelhante a; parecer(-se), julgar semelhante a; comparar a*’.

Ao examinar o verbete em questão, percebemos ação de reverter algo, ‘no sentido de deixar de ser parecido, semelhante, podendo esse valor ser representado pela paráfrase “não se assemelhar a X”, “não ser igual a X”, com o intuito de desfazer a semelhança.

4.3.3 Substantivos

❖ **Disconformidade** (s/d) s. f.

Rubrica: geologia.

m.q. **discordância de camada**

No que tange ao verbete *disconformidade*, verificamos a existência de um sentido de ação contrária, oposição, expressada pela paráfrase “sem x”, “não tem X”.

⁷⁸ RIFA - Revista Interdisciplinar da Faculdade Anchieta, v ol. 1, n. 1, (ago./dez 2017. [S.1: s.n.], 2017. Revista online. ISSN 25946137.

❖ **Dissimetria** (1873) s.f > *dis-* + *simetria*; ver *simetr(i/o)-*

A palavra apresenta a noção de “inexistência, falta de simetria; assimetria”, sendo esse sentido expresso por “falta de simetria”, “sem simetria”, “ausência de simetria”.

❖ **Dissintonia** (s/d) s.f > *dis-* + *sintonia*; ver *-tonia* e *ton(o)-*.

A noção expressa pelo verbete é oposição, assumindo o sentido de “falta de sintonia; desacordo”, sendo parafraseado por “sem sintonia”, “não tem sintonia”.

Essas noções manifestadas pelo formante são algumas das observadas nos verbetes extraídos no DHLP e no *Corpus Brasileiro*.

4.4 CASOS ILUSTRATIVOS DE VARIEDADE REGIONAL

Serão ilustradas duas palavras dentre as inúmeras palavras documentadas no dicionário paraense, com o prefixo *dis-/di-* que demonstram a força produtiva na variedade do Pará.

❖ **Discair** > *dis-* + *cair* (s/d) v.

É um verbo muito usado na região metropolitana de Belém. O prefixo tem o valor semântico de movimento em várias direções, distintamente de *decair* movimento para baixo. Empinar a pipa (papagaio) *discaindo* a linha, movimento de subir.

Solto a minha pipa e dançando brega sem para [...]
discai discai discai, corta corta corta Pego minha gatinha e vou com ela
festeja

❖ **Disemperiquitar** > *dis-* + *emperiquitar*

O *dis-* manifesta ação regressiva, pois *disemperiquitar* apresenta o sentido de reverter a ação de se enfeitar, do *emperiquitar*, no sentido desfazer e retirar os exageros, o excesso de adereços. Palavra também documentada com o prefixo *des-* no DHLP.

4.4.1 Algumas considerações

Nas palavras investigadas neste capítulo, podemos perceber que há diferenciação semântica nos valores representados pelo prefixo quando adjungido à base, o prefixo ainda mostra ter potencial semântico forte.

Entretanto, a maior variedade morfossemântica foi verificada nos verbetes oriundos do latim, com altíssima frequência e ainda usuais na atualidade.

Foi verificado, nos exemplos coletados, que o verbo é a categoria mais fomentadora de novas palavras em contraposição às do DHLP. no qual a maior produção com o prefixo *dis-/di-* foi com os adjetivos, seguidos verbos e, posteriormente os nomes.

No que concerne à produtividade, o prefixo demonstrou ainda ser produtivo na formação de palavras novas tanto no DHLP quanto no *Corpus Brasileiro*, porém não possuindo a que outrora o prefixo teve.

Atribuímos essa modificação na produtividade há vários fatores, podemos identificar concorrência com o prefixo *des-*, prefixo altamente produtivo, que consideramos ser histórico e semanticamente correlacionado ao formante *dis-/di-*.

CONCLUSÃO

Esta tese foi elaborada com o objetivo de descrever o processo de derivação prefixal, a partir do comportamento morfossemântico do formante *dis-* e da variante *di-* em palavra já prefixadas. Pesquisamos as ocorrências de tais formantes, em dicionários e em estudos gramaticais diacrônicos e sincrônicos, em busca de sistematizar os seus significados, com o intuito de também mostrar o percurso do formante até atualidade.

Na construção do caminho histórico, semântico e morfológico do prefixo, necessitamos, primeiramente, descrever que processos morfofonológicos e morfossemântica ocorreram com o formante em questão em perspectiva histórica, pautada em pesquisadores como Romanelli (1964), Said Ali (1964 [1921]), posteriormente comparar como o prefixo se comportava em contexto sincrônico com base na análise do *corpus*.

Dessa maneira, aliamos descrição histórica a significação morfologia, com objetivo de averiguar se haveria por parte do prefixo *dis-/di-* restrições morfossemânticas, porém não averiguamos nenhuma restrição morfológica, somente ambientes fônicos não propícios a ocorrência do formante *dis-/di-*.

Para tanto, no capítulo 01, fizemos uma revisão dos processos de formação de palavras no português. Dessa forma, foram retomados antigos debates sobre as diferenças entre flexão e derivação e, também, entre derivação e composição. A prefixação pode ser vista como parte do processo da composição, em outras perspectivas como parte da derivação. Optamos por considerá-la como uma derivação.

No capítulo 2, buscamos delimitar o percurso histórico dos prefixos *dis-/di-* na formação das palavras na língua portuguesa, mais especificamente, os prefixos latinos foco de análise, elaborando hipóteses e verificando suas aplicabilidades.

No capítulo 3, fizemos um levantamento dos valores do prefixo, comparamos com os prefixos *des-* e *de-*, e apresentamos um cotejo com base em dicionários históricos e exemplos de dicionários do espanhol, do catalão e do francês com o objetivo de averiguar o caminho do prefixo *dis-* na atualidade.

Comprovamos que o prefixo é polissêmico, expressando os valores de negação, divisão em partes, repartição, dispersão, intensidade, aumento, reforço, separação/afastamento, movimento em vários sentidos, ordem, arranjo, seriação,

embora que na sincronia atual em verbetes como: *diretividade*, *diretiva*, *direcional*, *digestivo*, *digestor*, *digestão*, não se consiga vislumbrar essa polissemia prefixal, apresentando opaca, entretanto, não consideramos que o sentido do prefixo tenha se esvaziado. O significado e os valores assumidos pelo prefixo são muitas vezes notados somente em perspectiva histórica se verificamos por exemplo as modificações morfossemânticas ocorridas com os verbetes em questão. Desse modo,

❖ **Direcional** (1954) ← *direcion-* + *-al*, 'que indica uma direção', 'que orienta'.

Esse verbete foi formado provavelmente por influência da palavra francesa *directionnel* (1951), tendo em sua formação o prefixo *dis-* mais a raiz $\sqrt{\text{reg-}}$. O formante assume o valor semântico de movimento em várias direções, reforçando o sentido de *reg-*. O sentido está opaco, mas não é apagado, podendo ser entendido e recuperado pela descrição histórica.

Documentamos que em algumas palavras o prefixo *dis-/di* apresentam sentido de negação, isto é, nega algum traço semântico da palavra-base a que se une, sendo esse valor semântico o mais produtivo. A negação é expressa nas palavras consultadas pela simples negação, no sentido de oposição, ação contrário, e ainda de reversão. Por exemplo: *discórdia*, *discordância*, *disforme*.

Desse modo, comprovamos ser o formante capaz de alterar à base a que se acopla e é capaz ainda de assumir novos valores. Isso fica claro nos valores detectados, como a reversão. Esse é valor semântico atribuído às palavras formadas em língua portuguesa, pois esse não é um significado detectado no latim, e sim, no português atual, significado esse também compartilhado com o prefixo *des-*.

Desse modo, o fato de o prefixo continuar a produzir novos sentidos demonstrar a força, a potencialidade dele e, poder criador, por meio uma de renovação no que concerne o inventário semântico e se poder criativo e inovador, capaz de assumir novos sentidos e provocar modificação a palavra-base a que se agrega. Ex.: *Disjuntado*, *dismisturar*, *disfalar*.

Observamos que a produção de palavras derivadas com sentido de afastamento/ separação, foi o segundo valor mais produzido, seguidos, dos valores

da intensidade, da ordem, movimento em vários sentidos. Esses valores expressam vários sentidos e geram as seguintes paráfrases:

Nos adjetivos, observamos que o prefixo pode “que X”, “de que X”, “que se pode X”, “que se X”, “que tem X”, “diferente de X”, “sem X”, “que não é X”, “que não tem X”, entre tantas possibilidades.

Nos substantivos, dessa forma, documentamos que o prefixo se acopla a palavra abstratas e concretas, correlacionando aos sufixos *-ão, -ção, -são: ação ou resultado da ação; -(a)ncia, -ança, -ença, -ência: ação ou resultado da ação, estado.; - ante, -ente: agente; -idade; -mento.*

Esses sufixos auxiliam na construção prefixal e parassintética, não havendo nem no adjetivo, nem no substantivo, nem valores específicos para prefixal e para parassíntese. Entre as várias paráfrases expressam pelo formante na categoria substantiva, temos: “separar X” de, ou “afastar de X”, “tirar X de”, ou ainda “tirar de X”, “sem X”.

Nos verbos, tanto nos verbetes do DHLP quanto no *Corpus Brasileiro*, averiguamos que formante está a associado bases adjetivais, substantivas em junção a sufixos *-ar, -er, -ir, -izar* nos verbetes do dicionário e *-ear* nas palavras do *Corpus*.

Não há restrições morfológicas para o formante, mas detectamos restrições fonológicas, porque o prefixo não se acopla a palavra-base iniciada por contexto vocálico nasal, nem a fonema oral /i/. Na verdade, bases iniciadas por vogais tem mais a presença de elementos gregos ou do prefixo *des-*.

Quanto as bases consonantais, há baixa produtividade com o fonema nasal /n/ e nenhuma ocorrência com o fonema oclusivo bilabial //b/, geralmente, as bases iniciadas por esse fonema são agregadas ao prefixo *des-* e ao prefixo *dis-*, grego. O fato de os formante ser capaz de se agregar à palavra-base variadas, faz como ele tenha a possibilidade de estar produzindo novos verbetes, embora seja nítida a preferência atual pela formação com o prefixo *des-*, nos mesmos contextos semânticos, com uma vantagem para o prefixo *des-*, ele não tem nenhuma restrição fonológica, se adjungindo tanto à bases vocálicas quanto à bases consonantais.

Ressaltamos que para analisarmos as palavras contidas, no capítulo 4, adotamos a definição de palavra neológica do DHLP. Assim, investigamos e constatamos que esses elementos formantes *dis-/di-* se acoplam à bases verbais, adjetivas e substantivas tanto nas formações prefixais, quanto nas construções

parassintéticas, mas com baixa produtividade. Embora, o prefixo continua com sua potencialidade, mas não apresenta a produtividade de outrora enquanto prefixo latino, pois defendemos que esta capacidade, vitalidade produtiva ainda, de certa forma, encontra ativa no prefixo *des-*.

Desse modo, coletamos e descrevemos o valor semântico e aplicamos a regras de paráfrase a 35 palavras, consideradas por nós palavras produzidas no português brasileiro e neológicas, descritas em sincronia atual. Essa descrição foi apresentada no quarto capítulo, e ainda analisamos semântica e diacronicamente 521 verbetes extraídos do DHLP.

Constatamos que a maioria dos neologismos não tinha datação, como por exemplo *disocultar*, *dissaborear*, *disfalar*, *dispular*, outras apresentavam baixa frequência de uso, muitas não têm datação. Quanto ao arranjos morfológicos, detectamos que as palavras neológicas não seguem a mesma configuração fonológicas que as derivadas do latim, não há por exemplo, apagamento do fonema /s/ antes consoantes nasais, como no latim, nem consoantes laterais, não há também a modificação ante fricativas, permanecendo o formante na atualidade se alteração fonológica. Por exemplo em *disfalar*, que se esperava a assimilação do fonema /s/ pelo fonema /f/, o que não ocorrer, mostrando assim, talvez uma nova tendência na formação de palavras com o formante *dis-/di-*.

Em relação a concepção de produtividade adotada, essas palavras demonstrar uma produtividade em declínio. As palavras latinas ou latinizadas são as mais frequentes nos verbetes coletados no DHLP, chegando ser mais da metade dos 521 analisados, sendo 80 % dos verbetes são palavras de origem latinas, palavras origem eruditas e semieruditas, 10% são estrangeirismo e 10% são novas criações.

No concernente à produtividade em neologismo, cremos que, embora haja uma concorrência entre os prefixos *dis-* e *des-*. Essa concorrência é comprovada pelo compartilhamento semântico de muitos valores: como afastamento, negação como oposição, e principalmente no valor mais produtivo para o *dis-* em palavras neológicas: a reversão.

Comprovamos por meio das palavras coletadas que o formante mantém a sua capacidade de alteração da estrutura semântico-conceptual da base a que se adjungem, por meio de arranjos morfossemânticos da base na formação de palavras com o formante *dis-* e a variante *di-*.

Compreendemos que possivelmente que as palavras eram originalmente usadas com o prefixo *dis-* e transformaram-se para *des-*. Tal fato pode ser comprovado com base no percurso apresentado pelos verbetes contidos no VPL, nos quais há o registro de ocorrências de ambos os prefixos e, posteriormente, em dicionários contemporâneos a presença somente do *des-*. Por exemplo, *desviver* (1713), no *DHLP* que documentada como *diviver* (1712) ~ *desviver*.

Assim, a maioria dos autores estudados presume ser o *des-*, o atualizador semântico do *dis-*, outros além desta posição defendem acirradamente que o formante *dis-* tenha gerado o *des-*, entre esses autores, citamos Ferreira (1999).

Nem eles nem nós conseguimos determinar em que continuum do tempo esta passagem tenha acontecido essa alteração. Said Ali (1964[1921]) explica alguns desses argumentos em prol do *dis-*, dizendo não ser possível em língua portuguesa a junção *de-* + *ex-*.

Campos (2004) é um outro pesquisador que propõe as etapas de modificação da mudança do formante, asseverando que teria essa alteração iniciado no latim, porém somente se consolidado no português arcaico, com o fortalecimento do *des-* e enfraquecimento do formante e sua variante. Porém, esse Campos (idem) admite ainda a possibilidade da modificação de *des-* por meio da junção de *de-* + *ex-*.

O pesquisador ao fazer o levantamento de prefixos negativo do português arcaico até o português contemporâneo, documentou também o ciclo de alternância entre o prefixo *dis-/di-* e o *des-*, sendo que na maioria dos casos por ele documentado, o primeiro o levaram a argumentar a favor de *des-/dis-*, principalmente pela descrição morfossemântica assumidas por ambos formantes desde o latim.

Já Lopes (2013) não propõe nenhuma origem definitiva para *des-*, mas esclarece que esse foi o prefixo que passou para língua portuguesa, documentando que o *dis-* tenha permanecido somente nas palavras latinas.

Ao analisar os dicionários etimológicos de língua portuguesa e de outras línguas românicas, percebamos que o que ocorreu em língua portuguesa, não é idêntico em outras línguas românicas, pois o elemento formante *dis-* para outras línguas como espanhol e no catalão permanece com alta produtividade, mesmo existindo o prefixo *des-*, sendo esse prefixo não tão produtivo nessas línguas.

No português atual o prefixo *dis-/di-*, permanece nas palavras originadas do latim e na criação de poucos neologismos no português contemporâneo, já que a vitalidade atual está com o formante *des-*.

Advogamos que o prefixo *dis-/di-* é romanização e atualização semântica do prefixo *des-* e como demonstramos nas análises feitas nos capítulos 3 e 4, compartilham semanticamente dos mesmos valores como: intensidade, reversão, oposição, separação, partilhando ainda dos mesmos valores em palavras neológicas como a reversão e a oposição.

Porém, tanto nos capítulos 2, 3 e 4, verificamos haver tanto influência do formante, *dis-* quanto do *de-* no percurso histórico do formante *des-*, há momentos que os argumentos dos autores apresentam fatos que tanto respaldam uma hipótese quanto a outra.

Com base na análise do *corpus* formado, conseguimos demonstrar que existe de fato uma concorrência e uma influência entre os prefixos *dis-/des-/de-*, já não nos propusemos a descrever o prefixo *ex-*. Não chegamos a definir todas as possibilidades de alteração do formante *dis-*, mas construímos possíveis caminhos por ele trilhado.

Esclarecemos que morfológicamente e semanticamente, temos cruzamentos de características entre os três formantes, sendo o prefixo *des-* o mais produtivo, com mais valores e sem restrições fonológicas.

Desse modo, pontuamos que este não é um estudo definitivo sobre o prefixo *dis-/di-* e, sim, dos primeiros estudos que vislumbram documentar e explicar sua história já que não é um formante tão estudado, descrito, analisado quanto o *des-*.

Há muito a se pesquisar, analisar para demonstrar todas as nuances desse formante e consideramos que seja essencial entender todos os aspectos discutidos para a compreensão global da contribuição dos prefixos latinos para a língua portuguesa.

Apresentamos aqui alguns resultados que revelamos que o processo de formação de palavras ocorre por prefixação em construções prefixais e parassintéticas.

Esse processo de formação observa regularidades e sistematicidade, tem grande potencial, mas não tão produtividade como formante original, mas com uma produtividade relevante. Nestes processos de formação; não seleção de bases, mas arranjos morfofonológicos com relação a base a que o formante se une.

Consideramos assim o prefixo *dis-* um formante relevante e importante na formação do português brasileiro, que carece ainda mais de pesquisas tanto sincrônicas quanto diacrônicas.

O exame dos verbetes extraídos do DHLP e as palavras coletadas no *Corpus Brasileiro* nos permitem afirmar que há um processo de formação de palavras por prefixação com o prefixo *dis-/di-* que ocorre dentro de uma regularidade morfológica e sistematicidade semântica.

Essa tese buscou contribuir como o panorama da descrição prefixal e demonstrar o percurso diacrônica do formante *dis-/di-* e revelar a atual morfossemântica do prefixo.

O grau de produtividade do formante *dis-* e da variante *di-* em língua portuguesa é aparentemente baixo tanto para as formações prefixais quanto para parassintéticas, porque a maioria dos verbetes presentes na tese são as palavras oriundas do latim. Entretanto como postulamos e apresentamos exemplos da alteração de *dis-* > *des-*, cremos sim ser um formante com produtividade na face dos *des-*.

Isso é, defendemos que essa produtividade fora atribuída ao seu atualizador e compartilhador semântico, o formante *des-*, como demonstram os dados dos dicionários consultados, nos quais averiguamos transformações *des-* > *dis-* > e de *dis-* > *des-*.

Dessa maneira, ainda temos caminhos a percorrer e desvendar sobre o formante *dis-*; iniciamos uma jornada que nos levará cada vez mais a conhecer e compreender como os mecanismos diacrônicos e sincrônicos funcionam.

REFERÊNCIAS:

ALMEIDA, Napoleão Mendes de. **Gramática metódica da língua portuguesa: Curso único e completo**. 46. ed. São Paulo: Edição Saraiva, 2009 [1ª ed. 1951].

ALVAR, Manuel; POTTIER, Bernard. **Morfología histórica del español**. Madrid: Gredos, 1993.

ALVES, Ieda Maria. **O conceito de neologia: da descrição lexical à planificação lingüística**. Alfa (São Paulo), v.40, p.11-16, 1996.

ALVES, Ieda Maria. **Um estudo sobre a neologia lexical: os microssistemas prefixais do português contemporâneo**. 2000. 395f. Tese de Livre Docência. Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo - FFLCH, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2000.

ALVES, Ieda Maria. Neologia e implicações textuais. **Anais**. João Pessoa: Ideia, 2009.

ALVES, Ieda Maria (org.). **Estudos lexicais em diferentes perspectivas** [recurso eletrônico]. São Paulo: FFLCH/USP, 2010. Disponível em: <http://www.usp.br/gmhp/publ/IVCOLOQUIO.pdf>. Acesso em 06 jan. 2019.

AREÁN-GARCÍA, Nilsa. **A divisão do galego-português em português e galego, duas línguas com a mesma origem**. Revista Philologus, Ano 17, Nº 49. Rio de Janeiro: CiFEFiL, jan./abr. 2011.

ARONOFF, Mark. **Word formation in generative grammar**. Cambridge: The MIT Press, 1976.

BAGNO, Marcos. **Gramática histórica do latim ao português brasileiro**. Universidade de Brasília: Brasília, 2007.

BALDO, Alessandra; SILVA, Tássia Ávila. Frequência de palavras e processos inferenciais: o que aprendizes de uma L2 podem dizer sobre isso. **Linguagem em (Dis)curso** – LemD, Tubarão, SC, v. 17, n. 2, p. 237-256, maio/ago, 2017.

BALSAN, F. **Étude Méthodique Du Vocabulaire Latin-français**. Paris: Hatier, 1941.

BARBOSA, Jeronimo Soares. **Gramatica Philosophica da Lingua Portugueza ou Principios da Grammatica Geral applicados à Nossa Linguagem**. Lisboa: Tip. da Academia Real das Sciencias. (Data da introdução: 1803), 1822.

BARROS, João de. **Gramática da língua portuguesa**. Organização de José Pedro Machado. Lisboa: s. n., 1957 [1ª ed. 1540].

BASILIO, Margarida Maria de Paula. **A não delimitação das unidades lexicais**. In: HENRIQUES, Claudio Cezar. (Org.). **Linguagem, conhecimento e aplicação**. 1ed. Rio de Janeiro: Europa, 2003, v. 1, p. 1-414.

BASILIO, Margarida Maria de Paula. **Derivação, composição e flexão no português falado: condições de produção**. In: CASTILHO, A. T. (ORG.). (Org.). GRAMÁTICA DO PORTUGUES FALADO, V.III: AS ABORDAGENS. CAMPINAS, SP: UNICAMP/FAPESP, 1993, v. 1, p. 363-429.

BASÍLIO, Margarida Maria de Paula. **Formação e classes de palavras no português do Brasil**. São Paulo: Contexto, 2004.

BASILIO, Margarida Maria de Paula. **O estudo da morfologia no português falado: condições de produtividade e condições de produção**. In: CASTILHO, Ataliba Teixeira de (Org.). **Gramática do português falado III: abordagens**. Campinas: Editora da UNICAMP, 2002, p. 364-372.

BASÍLIO, Margarida Maria de Paula. **O Princípio da Analogia na Constituição do Léxico: Regras são clichês lexicais**. Veredas, Juiz de Fora, MG, v. 1, n.1, 1997.

BASÍLIO, Margarida Maria de Paula. **Teoria lexical**. 5 ed., São Paulo: Ática, 1987.

BECHARA, Evanildo. M. **Said Ali e sua contribuição para a filologia portuguesa**. (Tese de concurso uma cátedra de Língua e Literatura do instituto de Educação do Estado da Guanabara.), Rio de Janeiro: 1962.

BECHARA, Evanildo. **Moderna gramática portuguesa**. 37. ed. rev., ampl. e atual. Conforme o novo Acordo Ortográfico – Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2009 [1ª ed. 1961].

BERBER SARDINHA, Tony; MOREIRA FILHO, José Lopes; ALAMBERT, Eliane. **Corpus Brasileiro**. São Paulo: CEPRI, LAEL, CNPq, Fapesp, PUCSP, 2010.

BIDERMAN, Maria Tereza Camargo. Análise de dois dicionários gerais do Português Brasileiro contemporâneo: o Aurélio e o Houaiss. **Revista Filologia e Linguística Portuguesa**, nº 5, p.84-116, 2002. DOI://<http://doi.org/10.11606/inss.2176-9419.v0i5p85-116>.

BIOJOUT DE AZAR, Ian. **De la evolución fonética del latín al nacimiento de una nueva lengua: el francés y su correlato en español**. La Plata: EDULP. (Libros de cátedra. Sociales), En Memoria Académica, 2015.

BIZZOCCHI, Aldo Luiz. Processos de formação lexical das línguas românicas e germânicas: uma nova perspectiva teórica. **Domínios de lingu@gem**, v. 7, n. 1 (jan./jun. 2013) - ISSN 1980-5799, p. 9-39. DOI: <http://dx.doi.org/10.14393/DL13v-7n1a2013-2>.

BLUTEAU, Raphael **Vocabulario portuguez e latino**: aulico, anatomico, architectonico (...), autorizado com exemplos dos melhores escriptores portuguezes, e latinos/ oferecido a El Rey de Portugal Dom João V pelo padre D. Raphael Bluteau. Coimbra: Collegio das Artes da Companhia de Jesus, 1712.

BOOIJ, Greet. Compounding and derivation: evidence for construction morphology. In: DRESSLER, Wolfgang; KASTOVSKY, Dieter; Pfeiffer, Oskar; Rainer, Franz (Ed.).

Morphology and its demarcations. Amsterdam: John Benjamins Publishing Company, 2005, p.109-132.

BOTELHO, Laura. **Construções agentivas em x-eiro, uma rede metafórica.** Dissertação (Mestrado em Linguística), Universidade Federal de Juiz de Fora, 2004
BRITO, Ana Maria. **Gramática:** história, teorias, aplicações. Fundação Universidade do Porto – Faculdade de Letras, Porto, 2010.

BROCARD, Maria Teresa & CAETANO. Maria do Céu. **Para uma morfologia derivacional histórica do português: o prefixo des-.** In Englebert, Annick; Michel Pierrard; Laurence Rosier & Dan Van Raemdonck (eds) Actes du XXIIe Congrès international de linguistique et philologie romanes. Tübingen: Max Niemeyer Verlag, Tome II, 1998, pp. 39-47.

CABRÉ, Maria Teresa. **La terminologia.** Teoria, metodologia, aplicaciones. Barcelona: Antártida/ Empúries, 1993.

CAETANO, Maria do Céu Mocho. **Formação de palavras em gramáticas históricas do português:** análise de algumas correlações sufixais. Dissertação de Doutoramento em Linguística (Morfologia). Universidade Nova de Lisboa, Faculdade de Ciências Sociais e Humanas. Orientação de Teresa Brocardo e de Graça Rio-Torto, 2003.

CAETANO, Maria do Céu Mocho. **Formação de verbos derivados em português.** Centro de Linguística da Universidade Nova de Lisboa – Faculdade de Ciências Sociais e Humanas – Universidade Nova de Lisboa, 2006.

CÂMARA JÚNIOR, Joaquim Mattoso. **Dicionário de linguística e gramática.** 13 ed. Petrópolis: Vozes, 1986 [1ª ed. 1977].

CÂMARA JÚNIOR, Joaquim Mattoso. **Estrutura da língua portuguesa.** Petrópolis: Vozes, 2003 [1ª ed. 1970].

CÂMARA JÚNIOR, Joaquim Mattoso. **História e estrutura da língua portuguesa.** 2 ed., Rio de Janeiro: Padrão, 1979 [1ª ed. 1976].

CAMPOS, Lucas Santos. A negação prefixal na história da língua portuguesa. Tese (Doutorado em Letras e Linguística). Programa de pós-graduação em Letras e Linguística da Universidade Federal da Bahia, 2004.

CARDOSO, Jerónimo, 1508-1569. **Dictionarium latino lusitanicum & vice versa lusitanico latinu[m]:** cum adagiorum feré omnium iuxta seriem alphabeticam perutili expositione, ecclesiasticorum etiam vocabulorum interpretatione. Olyssipone: excussit Alexander de Syqueira: expensis Simonis Lopezij, bybliopolae, 1592.

CARVALHO, Dolores Garcia; NASCIMENTO, Manuel. **Gramática Histórica.** São Paulo: Ática, 1975.

CASTELLANI, Arrigo. **Quanti erano gli Italofoeni nel 1861.** In: Studi linguistici italiani, 105-129, 1982.

CASTELLANI, Arrigo. **Capitoli d'um'introduzione ala grammatica italiana V: le varietà toscane nel medioevo**. In: Studi linguistici italiani 155-221, p. 1990.

CASTILHO, Ataliba Teixeira. **Aspecto verbal no português falado**. In: Maria Bernadete M. Abaurre; Ângela Cecília S. Rodrigues. (Org.). Gramática do Português Falado. Campinas SP: Editora da Universidade Estadual de Campinas, 2002, v. VIII, p. 83-122.

CASTILHO, Ataliba Teixeira. **Gramática do Português Brasileiro**. São Paulo: Contexto, 2014.

COELHO, Juliana Soledade Barbosa. **Para um entendimento da morfologia lexical da língua portuguesa a partir de Guimarães Rosa**. 1999. 150f. Monografia (Bacharelado em Letras) — Instituto de Letras, Universidade Federal da Bahia, Salvador, 1999.

COELHO, Juliana Soledade Barbosa. **Semântica morfolexical: contribuições para a descrição do paradigma sufixal do português arcaico**. 2005. Tese. 2 tomos. Doutorado em Letras, Linguística Histórica. Universidade Federal da Bahia, 2005.

CONSTANCIO, Francisco Solano. **Novo diccionario critico e etymologico da lingua portugueza**. Paris, na officina typographica de Casimir, 1836.

COROMINAS, Joan. **Breve diccionario etimológico de la lengua castellana**. Madrid, Gredos, 1992. [1ª ed. 1961]

COUTINHO, Ismael de Lima. **Pontos de gramática histórica**. 7. ed. rev. Rio de Janeiro: Ao Livro Técnico, 1976.

CUNHA, Antonio Geraldo da. **Dicionário etimológico da língua portuguesa**. 2 ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1986.

CUNHA, Celso Freitas da; CINTRA, Luís Filipe Lindley. **Nova gramática do português contemporâneo**. 2. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1985.

DAPENA, José Álvaro Porto. **Manual de técnica lexicográfica**. Madrid: Arcos/Libros, 2002.

DE BONA, Camila. Aspectos categoriais e semânticos do prefixo de negação *DES-*: uma proposta de análise. **Revista Diadorim**, v 16, 2018. Disponível em <https://revistas.ufrj.br/index.php/diadorim/article/view/4025>. Acesso em 06 fev. 2019

DE BONA, Camila. **Os prefixos de negação des- e in- no PB: considerações morfossemânticas**. 2014. Dissertação (Mestrado em Letras). Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre.

DICCIONARIO clave de la lengua española. Disponível em: <<http://clave.librosvivos.net/>>. Acessos entre 2017 e 2019.

DICCIONARIO da lingua galega. Real Academia Galega. Disponível em: <http://www.edu.xunta.es/diccionarios/index>. Acessos entre 2016 e 2019.

DICCIONARIO de la lengua española. 23ª. ed. Madrid: Real Academia Española, 2005. Disponível em: <http://www.rae.es>. Acessos entre 2016 e 2019.

DICCIONARIO de la llengua catalana. 2 ed. Disponível em: <http://dlc.iec.cat/>. Acessos entre 2017 e 2018.

DICCIONARIU de la Academia de la llengua asturiana. Disponível em: <http://www.academiadelallengua.com/diccionariu/index.php>. Acessos entre 2017 e 2018.

DICTIONNAIRE de L'Académie Française. Neuvième édition, version informatisée. Disponível em: <http://atilf.atilf.fr/academie9.htm>. Acessos entre 2016 e 2019.

DIEZ, Frédéric. *Grammaire des langues romanes*. Paris: A. Franck, 1874. v. 2.

DIMITRIU, Cornel, Stiintele limbajului. **Gramatica limbii române explicata:** morfologia, 1979.

DIEGO, D. Vicente Garcia de. **Elementos de gramática histórica castellana.** Burgos, Tipografía de el Monte Carmelo, 1914.

DIZIONARIO Etimológico de Italiano. Dicionário Etimológico online. Disponível em: <http://www.etimo.it/> Acessos entre 2016 e 2019.

DUARTE, Paulo Mosânio Teixeira. **A identificação do prefixo em diversas abordagens lingüísticas.** DELTA, vol. 14, n. 1, São Paulo, Feb., 1998. <https://doi.org/10.1590/S0102-44501998000100007>

ERNOUT, Alfreb; MEILLET, Antonie. **Dictionnaire étymologique de la langue latine:** histoire de mots. Paris: Klincksieck, 1959.

FARACO, Carlos Alberto. **Gramática:** fonética e fonologia, morfologia, sintaxe, estilística. 9 ed. São Paulo: Ática, 2000.

FARIA, Enesto. **Dicionário escolar latino-português.** 6 ed. Rio de Janeiro: FAE, 1985.

FERREIRO, Manuel. **Gramática histórica Galega:** fonética e morfossintaxe. Santiago de Compostela/ Galiza: Edicións Laiovento, série Ensaio 64, 1999. [1a 1995].

FIGUEIREDO, Cândido. **Novo Dicionário da Língua Portuguesa.** Portugal: Livraria EditôraTavares Cardoso & Irmão, 1899.

FREIRE, António. **Gramática latina.** 6 ed. Braga: Apostolado da Imprensa, 1998.

GARATEA GRAU, Carlos. D. **Manual de gramática histórica española a los orígenes del español:** la elaboración de una teoría del cambio lingüístico, Nueva Revista de Filología Hispánica, vol. LIII, núm. 2, julio-diciembre, 2005, pp. 385-411. (Centro de Estudios Lingüísticos y Literarios Distrito Federal, México)

GARCIA, Maria Cecília; REIS, Benedita Aparecida Costa. **Mini manual compacto de gramática de língua portuguesa: teoria e prática**. RIDEL, São Paulo, 2010.

GARCÍA, Nilsa Arean. **Aspectos sincrônicos e diacrônicos do sufixo –ístico(a) no português e no galego**. 2011, 520 f. Tese (Doutorado) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo - FFLCH, 2011. DOI: <http://doi.dx.org/10.11606/T.8.2012.tde-29082012-103453>.

GONÇALVES, Anielle. **Diacronia e produtividade dos sufixos -agem, -igem, -ugem, -ádego, -ádigo e -ádiga no português**. 2009. Dissertação (Mestrado em Filologia e Língua Portuguesa) - Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo - FFLCH, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2009. DOI: 10.11606/D.8.2009.tde-30112009-142459

GONÇALVES, Carlos Alexandre Victorio. Prefixação: composição ou derivação? Novos enfoques sobre uma velha polêmica. **Matraga**, v.19, p. 56-90, 2012a.

GONÇALVES, Carlos Alexandre Victorio. Sobre os limites entre flexão e derivação em português. In: VIEIRA, Silvia Rodrigues; BRANDÃO, Silvia Figueiredo (Org.). **Morfossintaxe e ensino do português: reflexões e propostas**. Rio de Janeiro: Faculdade de Letras/UFRJ, 2004, p.125-150.

GONÇALVES, Carlos Alexandre Victorio. **Morfologia**. 1ª ed. São Paulo: Parábola, 2019.

HAUY, Amini Boainain. **História da língua portuguesa - Séculos XII, XIII e XIV**. Rio de Janeiro: Ática, 1989.

HOUAISS, Antônio; VILLAR, Mauro de Salles (org.). **Dicionário Houaiss da língua portuguesa**. Rio de Janeiro: Objetiva/ Instituto Antônio Houaiss, 2001.

ILARI, Rodolfo. **Linguística românica**. São Paulo: Ática, 1992.

IORGU, Iordan. **Linguística románica**, Alcalá, Madrid, 1967.

KEHDI, Valter. **Formação de palavras em português**. São Paulo: Ática, 2000.

KEHDI, Valter. **Morfemas do português**. 3.ed. São Paulo: Ática, 1996.

KOCH, Ingedore Graça Villaça. **Desvendando os segredos do texto**. São Paulo: Cortez, 2001.

LIMA, Eloísa de Oliveira. **Variação ortográfica em língua portuguesa: a alternância consonântica foneticamente motivada**. Universidade Federal de Mato Grosso. Cuiabá: 2006. Dissertação (Mestrado).

LOPES, Mailson dos Santos. **A Prefixação na primeira fase do Português Arcaico: descrição e estudo semântico-morfolexical-etimológico do paradigma**

prefixal da língua portuguesa nos séculos XII, XIII E XIV. 2013. Dissertação (Mestrado em Linguística Histórica) Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2013.

MACHADO, José Pedro. **Dicionário etimológico da língua portuguesa**. Lisboa: Livros Horizonte, 1973.

MARONEZE, Bruno. **Ordem de adição de afixos no português brasileiro: dados de unidades lexicais neológicas**. *Alfa*, v.56, n.1, p.201-215, 2012.

MARQUES, António Henrique de Oliveira. O tempo das crises. *In*: CARNEIRO, Roberto; MATOS, Artur Teodoro de (Dir.). **Memória de Portugal: o milénio português**. Rio de Mouro: Círculo de Leitores, 2001, p.166-213.

MARONESE, Bruno Oliveira. **Ordem de adição de afixos no português brasileiro: dados de unidades lexicais neológicas**. *Alfa*, São Paulo, 56 (1): 201-215, 2012.

MATTOS E SILVA, Rosa Virgínia. **Caminhos da linguística histórica: ouvir o inaudível**. São Paulo: Parábola, 2008a.

MATTOS E SILVA, Rosa Virgínia. Teoria(s) da mudança e a sua relação com a(s) história(s) da(s) língua(s). *Linguística*, v.03, n.01, p.39-53, 2008b.

MAURER JR., Theodoro Henrique. **Gramática do latim vulgar**. Rio de Janeiro: Acadêmica, 1959.

MAURER JR., Theodoro Henrique. **O problema do latim vulgar**. Rio de Janeiro: Livraria Acadêmica, 1962, 200 pp.

MEYER-LÜBKE, Wilhelm, **Grammaire des langues romanes**. Tomo I: Phonétique. Paris: H. Welter Éditeur, 1890. Vol. 1. (Traduction Française par Eugène Rabet)

MEYER-LÜBKE, Wilhelm, **Grammaire des langues romanes**. Tomo II: Morphologie. Paris: H. Welter Éditeur, 1914. Vol. 2. [1^a 1895].

MEYER-LÜBKE. **Introdução ao estudo da Glotologia**. Tradução de António da Guerra Júdice. Lisboa: Livraria Clássica Editora de A.M.Teixeira, 1916.

MIRANDA, Neusa. Salim. **Agentivos deverbais e denominais: um estudo da produtividade lexical**. Dissertação (Mestrado em Linguística) Rio de Janeiro: UFRJ, 1979.

MONTEIRO, José Lemos. **Morfologia portuguesa**. 4 ed., Campinas: Pontes, 2002.

NASCENTES, Antenor. **Dicionário etimológico da língua portuguesa**. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1952.

NEBRIJA, Elio Antônio de. **Gramática castellana**. Madrid: Fundación Antonio de Nebrija, 1992 [1^a ed. 1492].

NEBRIJA, Elio Antônio. de. **Introducciones latinas contrapuesto el romance al latín**. Madrid, Münster: Nodus Publikationen, 1996.

NEIRA, Martinez Jesús. **El prefijo /des/ en la lengue gallega-portuguesa**. En Verba, 3, 1976., pp. 3018 -318.

NEVES, Maria Helena Moura. **A gramática: história, teoria e análise e ensino**. São Paulo: UNESP; 2003.

NEVES, Maria Helena Moura. **Gramática de usos do português**. São Paulo, UNESP, 2000.

NIDA, Eugene Albet. **Morphology: the descriptive analysis of words**. Ann Arbor: The University of Michigan Press, 1949.

NUNES, Ana Margarida. A (re)utilização da prefixação em Mia Couto. **RUA-L (Revista de Letras da Universidade de Aveiro)**, nº 19-20, p. 85-98, 2002-2003.

NUNES, José Joaquim. **Cantigas d'amigo dos trovadores galego-portugueses**. Coimbra: Imprensa da Universidade, 1928. Vol. III (Glossário).

NUNES, José Joaquim. **Compêndio de gramática histórica**. Lisboa: Clássica, 1945.

NUNES, Suzana Margarida da Costa. **Prefixação de origem preposicional na língua portuguesa**. 2011. 322 f. Tese (Doutorado em Letras), Faculdade de Letras, Universidade de Coimbra, Coimbra, 2011.

OLIVEIRA, Fernão de. **Gramática da linguagem portuguesa** (edição crítica, semidiplomática e anastática por Amadeu Torres e Carlos Assunção com um estudo introdutório do Prof. Eugeniu Coseriu). Lisboa: Academia das Ciências de Lisboa, 1536.

OLIVEIRA, Josenir Alcântara de. **A produtividade fonético-semântica e cultural da raiz indo-europeia *pel- 'dobrar'**. 2002. 921 f. 3 v. Tese (Doutorado em Filologia e Língua Portuguesa) - Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo - FFLCH, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2002.

OLIVEIRA, Solange Mendes. **Derivação prefixal: um estudo sobre alguns prefixos do português brasileiro**. 2004. Dissertação (Mestrado em Teoria Linguística e Análise Literária). Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2004.

PIDAL, Ramon Menéndez. **Manual elementar de gramática histórica española**. 7. ed. Madrid: Espasa-Calpe, 1904.

RAMOS, F. M. **Estudo sincrônico dos prefixos em língua portuguesa**. Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2001.

REZENDE, Antonio Martinez de & BIANCHET, Sandra Braga. **Dicionário de latim essencial**. Belo horizonte: Crisálida, 2005.

RIBEIRO, João. **Grammatica portugueza**. Rio de Janeiro: Clássica & Alves, 1893.

RIBEIRO, Júlio. **Grammatica portugueza**. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1911.

RIBEIRO, Selma; Rio-Torto, Graça Maria. **Denominações compositivas de estrutura VN, NN, NprepN e NA: nexos intralexicaís**. Maria Iliescu, Heidi Siller-Runggaldier & Paul Danler (eds.), Actes du XXV Congrès International de Linguistique et de Philologie Romanes, Innsbruck, 3-8 septembre 2007. Tome VII. Berlin, New York: Mouton de Gruyter: 477-486, 2010.

RIO-TORTO, Graça Maria (Org.). **Verbos e nomes em português**. Coimbra: Livraria Almedina, 2004.

RIO-TORTO, Graça Maria. A prefixação na tradição gramatical portuguesa. **Confluência**, nº 47, p. 13-39, 2014.

RIO-TORTO, Graça Maria. Flexão e derivação: simetrias e assimetrias. **Revista Portuguesa de Filologia**, vol. XXIV, p. 253-289, 2002.

RIO-TORTO, Graça Maria. **Morfologia derivacional: teoria e aplicação ao português**. Porto: Porto Ed., 1998.

RIO-TORTO, Graça; RODRIGUES, Alexandra Soares; PEREIRA, Isabel; PEREIRA, Rui; RIBEIRO Sílvia. **Gramática derivacional do português**. Coimbra: Imprensa da Universidade de Coimbra, 2013.

RIO-TORTO, Graça Maria. A prefixação na tradição gramatical portuguesa. **Confluência** (nível A2) 47: 11-39, 2014.

RIO-TORTO, Graça & RIBEIRO, Sílvia. "Compounds in Portuguese", *Lingua e Linguaggio* VIII(2): 271-291, 2009.

RIO-TORTO, Graça & RIBEIRO, Sílvia. "**Unidades pluriverbais**. Processamento e ensino". In: NEVES, Maria Helena de Moura (org.). *As interfaces da gramática*. Araraquara: Editora da UNESP: 151-165, 2010.

ROMANELLI, Rubens Costa. **Os prefixos latinos** – da composição verbal e nominal, em seus aspectos fonético, morfológico e semântico. Belo Horizonte: Imprensa da Universidade de Minas Gerais, 1964.

SAID ALI, Manuel. **Gramática histórica da língua portuguesa**. São Paulo: Melhoramentos, 1964 [1ª ed. 1921].

SAID ALI, Manuel. **Gramática secundária da língua portuguesa**. São Paulo: Melhoramentos, 1971.

SANDMANN, Antônio José. **A formação de palavras no português brasileiro**

contemporâneo. Curitiba: Scientia et Labor ícone, 1989.

SANDMANN, Antônio José. **Competência lexical**. Curitiba: Ed. da UFPR, 1992.

SANDMANN, Antônio José. **Morfologia lexical**. São Paulo: Contexto, 1990.

SANTOS, Alice Pereira. **Morfologia em diacronia - os caminhos e desvios de um afixo na história da língua**: o percurso histórico-semântico do prefixo *des-* em bases sufixadas e em derivações parassintéticas. Tese (Doutorado em Filologia e Língua Portuguesa) Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo - FFLCH, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2010. DOI: <http://dx.doi.org/10.11606/D.8.2010.tde-11102011-101958>.

SAUSSURE, Ferdinand. de. **Curso de linguística geral**. São Paulo: Cultrix; EDUSP, 1969 [1916].

SAUSSURE, Ferdinand. **Escritos de linguística geral**. São Paulo: Cultrix, 2012.

SARAIVA, Francisco Rodrigues dos Santos. **Novíssimo dicionário latino-português: etimológico, prosódico, histórico, geográfico, mitológico, biográfico, etc.** 11 ed. Rio de Janeiro: Garnier, 2000.

SCHWINDT, Luiz Carlos. O prefixo no português brasileiro: análise prosódica e lexical. **D.E.L.T.A.**, vol. 17, n. 2, p. 175-207, 2001.

SILVA, Augusto Soares. **A semântica de deixar**: uma contribuição para a abordagem cognitiva em semântica lexical. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 1999.

SILVA, Rosa Virginia Mattos e. **Caminhos da linguística histórica**: ouvir o inaudível. São Paulo: Parábola, 2008.

SILVA, Rosa Virginia Mattos e. **Tradição Gramatical e Gramática Tradicional**. São Paulo: Contexto, 1989.

SILVEIRA BUENO, Francisco da. **A Formação histórica da Língua Portuguesa**. 2. ed. Rio de Janeiro: Acadêmica, 1958.

TORRINHA, Francisco. **Dicionário Latino-Português**. Porto: Edições Marânus, 3ª ed. 1945.

VASCONCELLOS, José Leite de. **Lições de philologia portuguesa**. Lisboa: Livraria Clássica Editora, 1911.

VASCONCELLOS, José. Leite de. **Dicionário de regionalismos e arcaísmos**. Centro de Linguística da Universidade de Lisboa. Disponível em: www://https://clul.ulisboa.pt/recurso/dicionario-de-regionalismos-e-arcaismos-de-leite-de-vasconcelos. Acesso em abril de 2018 a set. 2019.

VASCONCELLOZ, António Garcia Ribeiro de. **Gramática histórica da língua portuguesa** (VI e VII Classes do Curso dos Lyceus). Paris/Lisboa: Aillaud/ Alves; Rio de Janeiro, São Paulo, Belo Horizonte: Francisco Alves, 1990.

VASCONCELOS, Carolina Michaëlis de. **Glossário do Cancioneiro da Ajuda**. *Revista Lusitana*, n.23, p.01-95, 1920.

VASCONCELOS, Carolina Michaëlis de. **Lições de filologia portuguesa, segundo as prelações feitas aos cursos de 1911/12 e de 1912/13**. (Seguidas das Lições Práticas de Português Arcaico). Lisboa: Edição da Revista de Portugal / Dinalivro, 1916.

VENDRYÈS, Jean. **Le language**. Paris: Albin Michel, 1950.

VIARO, Mário Eduardo. **Por trás das palavras**. São Paulo: Globo, 2004.

VIARO, Mário Eduardo. Relação entre produtividade e frequência na produção do significado. **Estudos Linguísticos**, Campinas, v. 34, p. 1230-1235, 2005a.

VIARO, Mário Eduardo. Os sufixos portugueses numa visão diacrônica. *In*: XVI Seminário do Cellip (Centro de Estudos Linguísticos e Literários do Paraná), 2005, Londrina. **Anais do XVI CELLIP**. Londrina: Universidade Estadual de Londrina/Cellip/Fundação Araucária, 2005b.

VIARO, Mário Eduardo. **História das palavras – etimologia**, 2006 (Texto para portal). Disponível em [http:// www.estaçãodaluz.org.br](http://www.estaçãodaluz.org.br).

VIARO, Mário Eduardo. Estudo diacrônico da formação e da mudança semântica dos sufixos eiro/eira na língua portuguesa, *In*: MASSINI-CAGLIARI, Glads; BERLINCK, Rosane de Andrade; GUEDES, Marymarcia; OLIVEIRA, Taíse Peres de (Org.) **Trilhas de Mattoso Câmara e outras trilhas**: fonologia, morfologia, sintaxe. Série Trilhas Linguísticas nº 12. Araraquara: UNESP, 2007.

VIARO, Mário Eduardo. **Proposta de um método de análise para derivações sufixais**. Domínios de Lingu@Gem, v. 2, p. 140-165, 2009.

VIARO, Mário Eduardo. **Etimologia**. São Paulo: Contexto, 2011.

VIARO, Mário Eduardo (Org.). **Morfologia Histórica**. São Paulo: Cortez, 2014.

Sites consultados:

<http://www.nehilp.org>. Acesso entre 2018 a 2019.

[http:// www.usp.br/gmhp](http://www.usp.br/gmhp). Acessos entre 2016 e 2018.

<http://www.etimo.it/> Acessos entre 2016 e 2018.

<http://cncflora.jbrj.gov.br/portal/pt-br/profile/Adiantum%20discolor>. Acesso: 19 de janeiro de 2019.

https://www.google.com.br/search?xsrf=ACYBGNRArBkVrYd_cfbEzOtvcrbWk60_dw:1582102331216&q=Dictionar+explicativ+si+practic+al+limbii+rom%C3%A2ne&sa=X&ved=2ahUKEwj9My7nt3nAhW3GLkGHXLYCM8Q7xYoAHoECAsQLQ&biw=1366&bih=614. Acessos entre 2016 e 2018

<http://www.Dictionarul explicativ al limbii române> – Wikiwand. Acesso: 19 de janeiro de 2018.

Apêndice 1 – Palavras citadas nos capítulos da tese

Verbetes	Etimologia	Datação	Frequência
Discernimento s.f.	Do lat. por via semierudita	Séc. XVIII, 1770 cf. AGC	561000
Discernir v.	Do lat. por via semierudita	Séc. XV	317000
Discernível adj.	Do lat. por via semierudita	Séc. XIX, 1899	15000
Disciplinado adj.	Do lat. por via semierudita	Séc. XIII	335000
Discordância s.f.	Do lat. por via erudita	Séc. XV	545000
Discordante adj.	Do lat. por via erudita	Séc. XIV, cf. IVPM	60300
Discordar v.	Do lat. por via erudita	Séc. XIV	551000
Discorde adj.	Do lat. por via erudita	Séc. XV, cf. IVPM	96400
Discórdia s.f.	Do lat. por via erudita	Séc. XIII	369000
Discorrer v.	Do lat. por via semierudita	Séc. XIV	273000
Discrepância s.f.	Do lat. por via semierudita	Séc. XVI, 1537	430000
Discrepante adj.	Do lat. por via erudita	Séc. XVI, 1515	43200
Discreto adj.	Do lat. por via erudita	Séc. XIII	914000
Discrição s.f	Do lat. por via semierudita	Séc. XIV	405000
Discricionário	Do lat. por via erudita	Séc. XIX, 1836	213000
Discriminação	Do lat. por via semierudita	Séc. XIX, 1881	3330000
Discriminado	Do lat. por via semierudita	Séc. XVII	645000
Discriminador adj.	Do lat. por via semierudita	Séc. XIX, 1899	25400
Discriminante adj.	Do lat. por via semierudita	Séc. XX, 1952	60000
Discriminar v.	Do lat. por via erudita	Séc. XIX, 1833	449000
Discursar v.	Do lat. por via erudita	Séc. XVI, 1579, cf. JPM	170000
Discurseira s.f	Criação, via popular.	Séc. XX	1040
Discursivo adj.	Do lat. por via erudita	Séc. XVII, 1660	185000
Discurso s.m	Do lat. por via erudita	Séc. XV	5960000
Discussão s.f	Do lat. por via erudita	Séc. XVIII, 1789	26900000
Discutir v.	Do lat. por via erudita	Séc. XV	5710000
Discutível adj.	Do lat. por via erudita	Séc. XIX, 1836	320000
Disfarçada adj.	Do lat. por via erudita	Séc. XVI, 1566	272000
Disfarçado adj.	Do lat. por via erudita	Séc. XVI, 1566	341000

Disfarçar v.	Do lat. por via erudita	Séc. XVI, 1566	555000
Disfarce s.f.	Do lat. por via erudita	Séc. XVII, 1646	297000
Disforme adj.	Criação / neologismo	Séc. XV, cf. IVPM	87300
Disgrama s.f.	Do lat. por via erudita	Séc. XVIII	1750
Disjunção s.f	Do lat. por via erudita	Séc. XVI, 1540	66400
Dislate s.f	Do lat. por via erudita	Séc. XVII 1666 c.f. AGC	16700
Díspar adj.	Do lat. por via erudita	Séc. XVI, 1519	24700
Disparada adj.	Do lat. por via erudita	Séc. XV	248000
Disparado adj.	Do lat. por via erudita	Séc. XV	299000
Disparar v.	Do lat. por via erudita	Séc. XV	496000
Disparatado adj.	Do lat. por via erudita	Séc. XVII, 1676	31800
Disparatar v.	Do lat. por via erudita	Séc. XVII, 1676	11000
Disparate s.m.	Do lat. por via erudita	Séc. XVII, 1616	250000
Disparidade s.m	Do lat. por via erudita	Séc. XVI, 1540	840000
Dispêndio s.m.	Do lat. por via erudita	Séc. XVII, 1614	254000
Dispendioso adj.	Do lat. por via semierudita	Séc. XVIII	156000
Dispensa s.f	Do lat. por via erudita	Séc. XVI, 1683	2900000
Dispensabilidade s.f	Do lat. por via semierudita	Séc. XIX, 1899	21100
Dispensação s.f.	Do lat. por via erudita	Séc. XIV	196000
Dispensado adj.	Do lat. por via erudita	Séc. XIV	1040000
Dispensador adj.	Do lat. por via erudita	Séc. XIV, cf. IVPM	61600
Dispensar v.	Do lat. por via erudita	Séc. XIV	925000
Dispensário s.m	Do lat. por via erudita	Séc. XIX, 1899	44100
Dispersão s.f	Do lat. por via erudita	Séc. XVIII, 1789	1260000
Dispersar v.	Do lat. por via erudita	Séc. XVII	160000
Dispersivo adj.	Do lat. por via erudita	Séc. XIX, 1899	32600
Disperso adj.	Do lat. por via erudita	Séc. XV	221000
Displicência s.f	Do lat. por via erudita	Séc. XVII	72400
Disponente adj.	Do lat. por via semierudita	Séc. XVI, 1600	651
Disponibilidade	Do lat. por via semierudita	Séc. XIX, 1881	9760000
Disponibilizar v.	Do lat. por via erudita	Séc. XX, 1990	2230000

Disponível adj.	Do lat. por via erudita	Séc. XIX, 1873	17800000
Dispor v.	Do lat. por via semierudita	Séc. XIII	2670000
Disposição s.f.	Do lat. por via semierudita	Séc. XIV	8380000
Dispositivo adj./s.m	Do lat. por via erudita	Séc. XVII, 1656	4700000
Disposto adj.	Do lat. por via erudita	Séc. XIV	8940000
Disprósio adj.	Do lat. por via erudita	Séc. XIX, 1886	1520
Disputa s.f	Do lat. por via erudita	Séc. XVI, 1513	3630000
Disputado adj.	Do lat. por via erudita	Séc. XIII	856000
Disputar v.	Do lat. por via erudita	Séc. XIII	1520000
Dissabor s.f	Do lat. por via erudita	Séc. XIII, cf V.	39200
Dissecação s.f	Do lat. por via semierudita	Séc. XIX, 1873	77700
Dissecado adj.	Do lat. por via semierudita	Séc. XVIII, c.f JMP	43400
Dissecar v.	Do lat. por via erudita	Séc. XVIII. 1789	70300
Dissecção s.f.	Do lat. por via semierudita	Séc. XVIII, 1873	106000
Disseminação s.f.	Do lat. por via semierudita	Séc. XIX, 1836	1960000
Disseminado adj.	Do lat. por via semierudita	Séc. XVI, 1567	190000
Disseminar v.	Do lat. por via semierudita	Séc. XVI, 1567	696000
Dissensão s.f.	Do lat. por via semierudita	Séc. XV, cf. JPM	32900
Dissenso s.m	Do lat. por via semierudita	Séc. XX, 1958	104000
Dissentir v.	Do lat. por via erudita	Séc. XVIII, 1713	17800
Dissidência s.f.	Do lat. por via erudita	Séc. XIX, 1836	124000
Dissidente adj./s.f.m	Do lat. por via erudita	Séc. XVII, 1666	134000
Dissídio s.m	Do lat. por via erudita	Séc. XVIII, 1708	373000
Dissimilar v.	Do lat. por via erudita	Séc. XIX, 1890	183
Dissimulação s.f.	Do lat. por via erudita	Séc. XV, cf. IVPM	117000
Dissimulado adj.	Do lat. por via erudita	Séc. XV	88500
Dissimular v.	Do lat. por via erudita	Séc. XV, cf. IVPM	121000
Dissipação s.f.	Do lat. por via erudita	Séc. XV	195000
Dissipado adj.	Do lat. por via semierudita	Séc. XVI, 1543	41700
Dissipador adj./s.m.	Do lat. por via semierudita	Séc. XVI, 1573	225000
Dissipar v.	Do lat. por via erudita	Séc. XVI, 1543	203000

Dissociabilidade s.f	Do lat. por via semierudita	Séc. XIX, 1881	189
Dissociação s.f.	Do lat. por via erudita	Séc. XIX, 1858	228000
Dissociar v.	Do lat. por via semierudita	Séc. XIX,	136000
Dissolução s.f	Do lat. por via semierudita	Séc. XIV	1210000
Dissoluto adj.	Do lat. por via semierudita	Séc. XIV, cf. IVPM	20900
Dissolvente adj.	Do lat. por via erudita	Séc. XVIII, 1713	36300
Dissolver v.	Do lat. por via erudita	Séc. XIV	384000
Dissolvido adj.	Do lat. por via erudita	Séc. XIV	378000
Dissonância s.f	Do lat. por via erudita	Séc. XVI	161000
Dissonante adj.	Do lat. por via erudita	Séc. XVI, 1585	86900
Dissuadir v	Do lat. por via semierudita	Séc. XVI, 1562	93400
Dissuasão s.f.	Do lat. por via semierudita	Séc. XIX, 1844	79900
Dissuasivo adj.	Do lat. por via semierudita	Séc. XIX, 1836	17700
Dissuasor adj.	Do lat. por via semierudita	Séc. XIX, 1836	29000
Dissuasório adj.	Do lat. por via semierudita	Séc. XX	729
Distância s.f.	Do lat. por via semierudita	Séc. XV	10500000
Distanciado adj.	Do lat. por via semierudita	Séc. XVIII, 1789	85500
Distanciar v.	Do lat. por via erudita	Séc. XVIII, 1789	210000
Distante adj.	Do lat. por via erudita	Séc. XV	2680000
Distar v.	Do lat. por via erudita	Séc. XVI, 1554	18800
Distender v.	Do lat. por via erudita	Séc. XVII, 1677	19000
Distendido adj.	Do lat. por via semierudita	Séc. XVII, 1677	24800
Distensão s.f.	Do lat. por via erudita	Séc. XIX, 1836	159000
Distinção s.f.	Do lat. por via semierudita	Séc. XV	2390000
Distinguir v.	Do lat. por via semierudita	Séc. XVI, 1572	1650000
Distinguível adj.	Do lat. por via semierudita	Séc. XVII, 1691	15500
Distintivo adj.	Do lat. por via semierudita	Séc. XVII, 1679-1696	251000
Distinto adj.	Do lat. por via semierudita	Séc. XV	986000
Distorção s.f.	Do lat. por via semierudita	Séc. XIX, 1836	951000
Distorcer v.	Do lat. por via erudita	Séc. XIV	177000
Distorcido adj.	Do lat. por via semierudita	Séc. XIV	150000

Distração s.f.	Do lat. por via semierudita	Séc. XVI, 1563	302000
Distraído adj.	Do lat. por via semierudita	Séc. XVI, 1562	283000
Distrair v.	Do lat. por via semierudita	Séc. XVII, 1562	338000
Distrate s.f.	Do lat. por via semierudita	Séc. XVI, cf. AN	1099
Distrato s.m.	Do lat. por via semierudita	Séc. XVI, 1573	90000
Distribuição s.f	Do lat. por via semierudita	Séc. XV, cf. AGC	15400000
Distribuidor adj./s.m	Do lat. por via semierudita	Séc. XV	2350000
Distribuir v.	Do lat. por via semierudita	Séc. XIV, 1344	2220000
Distributivismo s.m.	Do lat. por via semierudita	Séc. XIX	1090
Distributivo adj.	Do lat. por via erudita	Séc. XV, 1525 cf. AGC	50400

Verbetes	Etimologia	Datação	Frequência
Difamação s.f.	Do lat. por via semierudita	Séc. XV, cf. IVPM	493000
Difamado adj.	Do lat. por via semierudita	Séc. XIV, cf. IVPM	22900
Difamador adj./s.f	Do rad. do part. <i>difamado</i> + <i>-or</i>	Séc. XV, cf. IVPM	11100
Difamante adj.	Do lat. por via semierudita	Séc. XIX, 1836	11300
Difamar v.	Do lat. por via semierudita	Séc. XV cf. IVPM	97400
Difamatório adj.	Do lat. por via semierudita	Séc. XV, cf. IVPM	94100
Diferença s.f	Do lat. por via semierudita	Séc. XIV, 1326	10100000
Diferençar v.	De <i>diferença</i> -ar	Séc. XVI, 1562	13600
Diferenciabilidade s.f	De diferenciável com suf. -vel sob a f. lat. -bil(i)- + -dade	Séc. XX, cf. IVPM	27600
Diferenciação s.f	De <i>diferenciar</i> + -ção;	Séc. XVIII, 1789	1710000
Diferenciado adj.	Do part. de diferenciar	Séc. XV, cf. IVPM	1950000
Diferencial adj/s.f/s.m	Prov. do fr. <i>différentiel</i> (1696), (1789) diferencial.	Séc. XVIII, 1789	3180000
Diferenciar v.	Do lat. escl. por via semierudita	Séc. XV, cf. IVPM	982000
Diferente adj.	Do lat., por via semierudita	Séc. XV, cf. IVPM	11500000
Diferido adj.	Do part. de <i>diferir</i>	Séc. XVI, 1552	319000
Diferir v.	Do lat. por via semierudita	Séc. XVI, 1552	249000
Difícil adj./s.m	Do lat. por via semierudita	Séc. XV, cf. IVPM	10300000
Dificuldade s.f	Do lat. por via semierudita	Séc. XIV, cf. IVPM	7330000
Dificultar v.	Do lat. por via semierudita	Séc. XVI, 1539	884000
Difícultoso adj.	Do rad. de <i>dificultar</i> sob a f. alat. <i>dificult-</i> + -oso;	Séc. XV, cf. IVPM	21700
Difundido adj.	Do part. de <i>difundir</i> ;	Séc. XVI, cf. IVPM	483000
Difundir v.	Do lat. por via semierudita	Séc. XVI, 1563, cf. JPM	1220000
Difusão s.f	Do lat. por via semierudita	Séc. XVIII, 1713	4750000
Difusivo adj.	De <i>difuso</i> + -i- + -vel	Séc. XVI, 1563	12200
Difuso adj.	Do lat. por via semierudita	Séc. XV, cf. IVPM	396000
Difusor adj./s.m	Do lat. por via semierudita	Séc. XX, 1954	177000
Digerido adj.	Do part. do v. <i>digerir</i>	Séc. XV, cf. IVPM	71300
Digerir v.	Do lat. por via semierudita	Séc. XV	192000
Digestão s.f.	Do lat. por via semierudita	Séc. XV cf. IVPM	736000

Digestibilidade s.f.	<i>De digestível com suf. -vel sob a f. lat. -bil(i)- + -dade</i>	Séc. XIX, 1873	164000
Digestível adj.	Do lat. por via semierudita	Séc. XV, cf. IVPM	41900
Digestivo adj.	Do lat. por via erudita	Séc. XV, cf. IVPM	928000
Digesto adj.	Do lat. por via erudita	Séc. XV, cf. IVPM	92300
Digestor adj.	Do lat. por via erudita	Séc. XIX, 1836	29900
Digestório adj.	Do lat. por via erudita	Séc. XIX, 1899	67800
Digladiador adj./s.m.	Do lat. por via erudita	Séc. XIX, 1836	12600
Digladar v.	Do lat. por via erudita	Séc. XIX, 1836	12700
Digressão s.f.	Do lat. por via semierudita	Séc. XVI, 1552	358000
Digresso s.f.	Do lat. por via erudita	Séc. XVIII, 1706	265
Digressivo adj.	Do lat. por via semierudita	Séc. XVII, cf. IVPM	505
Dilação s.f.	Do lat. por via semierudita	Séc. XV, 1436	196000
Dilaceração s.f.	Do lat. por via semierudita	Séc. XIX, 1813	17600
Dilacerar v.	Do lat. por via erudita	Séc. XVI, 1597	23200
Dilapidação s.f.	Do lat. por via semierudita	Séc. XIX, 1836	66000
Dilapidado adj.	Do lat. por via semierudita	Séc. XIV, cf. IVPM	15400
Dilapidar v.	Do lat. por via semierudita	Séc. XVI, 1585	15200
Dilatação s.f.	Do lat. por via semierudita	Séc. XVII, 1614	459000
Dilatado adj.	Do lat. por via semierudita	Séc. XV, cf. IVPM	136000
Dilatador adj.	Do lat. por via semierudita	Séc. XVI, 1562	32300
Dilatar v.	Do lat. por via erudita	Séc. XV, cf. IVPM	93600
Dilema s.f.	Do lat. por via semierudita	Séc. XVII, 1679	1020000
Diletantismo s.f.	Do lat. por via erudita	Séc. XIX, 1887	32200
Diligência s.f.	Do lat. por via semierudita	Séc. XII, cf. IVPM I	1170000
Diligenciar v.	Do lat. por via erudita	Séc. XVII, 1643	155000
Diligente adj.	Do lat. por via erudita	Séc. XIV, cf. IVPM	160000
Dilucidação s.f.	Do lat. por via semierudita	Séc. XIX, 1813	14600
Dilucidar v.	Do lat. por via erudita	Séc. XVII, 1692	14400
Diluyente adj.	Do lat. por via erudita	Séc. XVIII, 1770	108000
Diluição s.f.	Do lat. por via erudita	Séc. XIX, 1836	471000
Diluído adj.	Do lat. por via erudita	Séc. XVI, cf. IVPM	273000

Diluir v.	Do lat. por via semierudita	Séc. XVI, 1563	228000
Dilúvio s.f.	Do lat. por via erudita	Séc. XIII, cf. IVPM	248000
Dimensão s.f.	Do lat. por via semierudita	Séc. XV, cf. IVPM	5340000
Dimensional adj.	Do lat. por via erudita	Séc. XIX, 1836	557000
Diminuição s.f.	Do lat. por via semierudita	Séc. XV, cf. IVPM	3900000
Diminuído adj.	Do lat. por via semierudita	Séc. XV, cf. IVPM	557000
Diminuir v.	Do lat. por via semierudita	Séc. XV, cf. IVPM	4530000
Diminutivo adj.	Do lat. por via semierudita	Séc. XV, cf. IVPM	101000
Diminuto adj.	Do lat. por via erudita	Séc. XVII, 1644	167000
Dinumeração s.f.	Do lat. por via semierudita	Século XV, cf. IVPM	110
Dinumerar v.	Do lat. por via erudita	Século XIV	170
Direção s.f.	Do lat. por via erudita	Séc. XVI, 1537	10500000
Direcional adj.	Do lat. por via semierudita	Séc. XX, 1958	241000
Direita adj.	Do lat. por via semierudita	Séc. XIX, 1836	5100000
Direito adj.	Do lat. por via semierudita	Séc. XIII, 1277	30300000
Diretiva s.f.	Do lat. por via semierudita	Séc. XX, 1954	268000
Diretivo adj.	Do lat. por via semierudita	Séc. XVIII, 1702	181000
Direto adj.	Do lat. por via semierudita	Séc. XIX, 1836	9510000
Diretor s.m	Do lat. por via semierudita	Séc. XVII, 1647	14200000
Diretório adj. /s.m	Do lat. por via semierudita	Séc. XVII, 1680	5750000
Dirigente adj.	Do lat. por via erudita	Séc. XIX, 1821	2050000
Dirigibilidade s.f.	Do lat. por via semierudita	Séc. XX, 1914	68100
Dirigido adj.	Do lat. por via semierudita	Séc. XV, cf. IVPM	4310000
Dirigir v.	Do lat. por via semierudita	Séc. XV, cf. IVPM	2870000
Dirigível adj.	Do lat. por via semierudita	Séc. XIX, 1889	61300
Dirimir v.	Do lat. por via erudita	Séc. XVII, 1694	752000
Divagar v.	Do lat. por via erudita	Séc. XVII, 1680	134000
Divergência s.f.	Do lat. por via semierudita	Séc. XVIII, 1783	1410000
Divertir v.	Do lat. por via semierudita	Séc. XVI, 1543	1440000
Divagação s.f.	Do lat. por via semierudita	Séc. XIX, 1873	54400
Divagante adj.	Do lat. por via erudita	Séc. XIX, 1836	3710

Divergente adj.	Do lat. por via erudita	Séc. XVIII, 1789	282000
Divergir v.	Do lat. por via erudita	Séc. XIX	163000
Diversidade s.f.	Do lat. por via semierudita	Séc. XIV	5520000
Diversificação s.f.	Do lat. por via semierudita	Séc. XIX, 1877	1100000
Diversificado adj.	Do lat. por via semierudita	Séc. XVI, 1536. cf. AGC	610000
Diversificar v.	Do lat. por via semierudita	Séc. XVI, 1536	462000
Diverso adj.	Do lat. por via semierudita	Séc. XIV	1160000
Divertimento s.m	Do lat. por via semierudita	Séc. XVII	792000
Divisional adj.	Do lat. por via semierudita	Séc. XIX, 1836	21100
Divisível adj.	Do lat. por via erudita	Séc. XVIII, 1759	102000
Divisório adj.	Do lat. por via erudita	Séc. XVIII, 1789	30200
Divulgação s.f.	Do lat. por via semierudita	Séc. XVII, 1614	13200000
Divulgado adj.	Do lat. por via erudita	Séc. XV	3110000
Divulgador adj./s.m	Do lat. por via semierudita	Séc. XVIII, 1789	171000
Divulgar v.	Do lat. por via semierudita	Séc. XV	5580000
Divulgável adj.	Do lat. por via semierudita	Séc. XVII	1130

Anexos

Recebido em: 14/06/2017

Aprovado em: 16/07/2017

Sistema de Avaliação: Double Blind Review

Editor Científico: Washington Luiz Martins da Silva

INTRODUÇÃO

As discussões sobre o currículo no âmbito educacional de mundo pós-moderno vêm sendo efetivas nos diferentes contextos das práticas educativas. É neste cenário de inquietações e reflexões que origina, um problema desafiador sobre as questões curriculares relacionadas a educação de surdos, respaldadas nos três pilares: cultura, poder, e construção de identidades. Essa última mais complexa, quanto nos debruçamos com a história dos surdos no mundo e no nosso país.

Em tese há uma cumplicidade entre a teoria crítica do currículo e os estudos surdos para melhor elucidar a compreensão e relação entre eles. Na ótica dessa teoria, o currículo é um instrumento de construção social e histórica, onde argumenta que não pode preocupar-se apenas com a estrutura formal do conhecimento escolar, nem reflexionar ingenuamente sobre uma suposta neutralidade do conhecimento no conteúdo. Essa teoria, define o currículo como um espaço de lutas sociais, constituindo de conflitos e relações de poder presentes nos movimentos surdos no Brasil, ainda hoje.

Nas contribuições de Skliar(1998), tal teoria exerce uma forte influência para a configuração dos elementos que interagem em diferentes planos, como indicadores na reforma curricular, nas propositivas das abordagens bilíngue para a implantação, a princípio, nas escolas que existam os estudantes surdos.

O currículo escolar deixou de ser visto como um elemento neutro e inocente de transmissão desinteressada do conhecimento, não sendo, portanto, um artefato técnico se não um dispositivo cultural e social, um território político, um objeto de permanentes manipulações e moldado de acordo com os interesses específicos, pedagógicos ou não.

Nesse sentido, o currículo é um território privilegiado onde se manifesta o conflito cultural em que se reflete as desigualdades sociais existentes nas abordagens de Freire(1996), critica o currículo tradicional centrado em disciplinas, vai além, ressalta a importância do **disocultar** a ideologia subjacente ao currículo oficial e propõe que se busquem formas de resistências às imposições autoritárias.